

REM

**Relatório do Estágio Pedagógico na
Escola Secundária de Francisco Franco**
RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Joana Vanessa Ribeiro Teixeira
MESTRADO EM ENSINO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS
BÁSICO E SECUNDÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade
www.uma.pt

setembro | 2017

**Relatório do Estágio Pedagógico na
Escola Secundária de Francisco Franco**
RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Joana Vanessa Ribeiro Teixeira
MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

ORIENTADOR
Helder Manuel Arsénio Lopes

CO-ORIENTADORA
Joana Catarina Marques Simões

“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

(Freire, 2002, p. 27)

AGRADECIMENTOS

“Mesmo que a palavra "obrigado" signifique tanto, não expressará por inteiro o quanto os vossos gestos, atenciosos e delicados, foram importantes para mim.”.

(Autor Desconhecido)

De uma forma geral, todo o percurso de formação contou com o apoio e suporte de várias pessoas, que contribuíram direta ou indiretamente para o término deste capítulo da minha vida. Assim, e para este processo em particular, um obrigada especial:

À direção da ESFF;

Ao professor orientador cooperante, Mestre Miguel Ângelo Nóbrega;

Aos orientadores científicos, Professor Doutor Helder Lopes e Professora Doutora Joana Simões;

À colega de estágio, Sílvia Gouveia;

Aos alunos da minha turma de intervenção, 12º13 e da turma do 2º ciclo (6º1);

A todos os professores do conselho de turma do 12º13;

Aos professores da ESFF, em especial aos do grupo disciplinar de Educação Física;

Ao professor orientador cooperante do 2º ciclo, Mestre Rui Cunha;

A todos os professores do departamento de Educação Física da Universidade da Madeira;

A todos os colegas estagiários;

Aos (Às) amigos (as) que acompanharam o processo;

Aos meus pais e irmão.

Sem vocês, possivelmente não chegaria ao fim deste processo com um sorriso na cara.

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC – Atividade de Extensão Curricular
ACPC – Ação Científico Pedagógica Coletiva
ACPI – Ação Científico Pedagógica Individual
AF – Atividade Física
AI – Avaliação Inicial
ANCP – Atividades de Natureza Científico Pedagógica
ApF – Aptidão Física
ARE – Atividades Rítmicas e Expressivas
DE – Desporto Escolar
EBSAAS – Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva
EE – Encarregados de Educação
EF – Educação Física
EP – Estágio Pedagógico
ESFF – Escola Secundária de Francisco Franco
GA – Ginástica Acrobática
GD – Grupo Disciplinar
IMC – Índice de Massa Corporal
LBSEP – Lei de Bases do Sistema Educativo Português
MED – Modelo de Educação Desportiva
MEEFEBS – Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
MMA – Mixed Martial Arts
PA – Planos de Aula
PAT – Planeamento Anual de Turma
PL – Prática Letiva
PNEF – Programa Nacional de Educação Física
SER – Secretaria Regional da Educação
SUP – Stand Up Paddle
UC – Unidades Curriculares
UD – Unidade Didática
UMa – Universidade da Madeira

RESUMO

De forma a apresentar todo o trabalho efetuado ao longo do Estágio Pedagógico (EP), realizado no ano letivo 2016 / 2017, apresentaremos, de forma relatada e reflexiva as tarefas que contribuíram para a nossa formação, através do presente Relatório de Estágio.

O EP foi constituído por uma componente de caracterização da escola, da Prática Letiva (PL), incluindo uma caracterização da turma, passando para uma Ação de Extensão Curricular (AEC) e por Ações de Natureza Científico Pedagógicas (ANCP). De referir que a componente de PL foi a que mais nos empenhamos e dedicamos o nosso tempo, ao longo do processo, sendo nesta que assumimos o papel de professor de EF, com os seus desafios e variáveis a controlar, para uma maior potencialidade deste processo.

Nas restantes componentes fomos adquirindo competências nas diversas áreas, tomando como auxílio as Unidades Curriculares dos planos de estudo da Licenciatura em Educação Física (EF) e Desporto e do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, da Universidade da Madeira.

Podemos ainda contribuir positivamente para a formação contínua de professores, através das ANCP e para um alargamento das experiências pedagógicas dos nossos alunos.

Este relatório de estágio é o fechar do ciclo, demonstrando todo o processo traçado, sendo dividido em quatro capítulos, que se referem às componentes constituintes do EP, subdivididas em subcapítulos, completando a informação, sempre que se considere necessário, com anexos ilustrativos do que foi realizado. Assim, temos: (1) caracterização da escola; (2) PL; (3) AEC; e (4) ANCP.

Não se pretende, apenas, demonstrar o efetuado ao longo deste ano letivo, mas também mostrar as nossas aprendizagens e as reflexões de todas as componentes do EP, podendo servir como auxílio para futuros estagiários na área da EF.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico, Educação Física, Formação, Processo Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

In order to present all the work done throughout the pedagogical internship, done in the 2016 / 2017 school year, we will present, in a reported and reflective way, the tasks that contributed to our training, through this Internship Report.

The pedagogical internship was constituted of a characterizing of the school, of learner practice, including a characterization of the class, passing to punctual activities experienced and scientific pedagogical actions. It should be noted that the learner practice component was the one that we committed the most and dedicated our time, throughout the process, in which we assumed the function of physical education teacher, with its challenges and variables to be controlled, for a greater potentiality of this process.

In the remaining components, we acquired competences in the various areas, taking as an aid the college subjects of the graduation in physical education and Sport and master's degree in teaching, in University of Madeira. We can contribute positively to the continuous formation of teachers, through scientific pedagogical actions and an extension of the pedagogical experiences of our students.

This stage document is the closing of the cycle, demonstrating the entire process, being divided into four chapters, which refer to the constituent components of the pedagogical internship, subdivided into sub-chapters, completing the information, whenever it is necessary, with illustrative attachments of what was performed. Thus, we have: (1) characterization of the school; (2) learner practice; (3) punctual activities experienced; and (4) scientific pedagogical actions.

It is not only intended to demonstrate what was done during this school year, but also to show our learning and reflections of all components of the pedagogical internship, and can serve as an aid to future trainees in area of physical education.

Key words: Pedagogical Internship, Physical Education, Formation, Teaching-learning process.

RESUMÉ

Afin de vous présenter le travail qui a été effectué pendant le stage pédagogique, accompli dans l'année scolaire 2016 / 2017, nous vous présentons, de manière claire et réfléchie, les tâches qui ont contribué à notre formation, grâce à ce rapport de stage.

Le stage pédagogique a consisté en une composante de caractérisation de l'école, de la pratique pédagogique, y compris une caractérisation de la classe, accompagné d'une extension curriculaire et de actions pédagogiques. Il convient de noter que la composante de la pratique de l'apprenant a été celle que nous avons consacré le plus de notre temps, tout au long du processus, dans lequel nous assumons le rôle de professeur d'éducation physique, avec ses défis et ses variables à contrôler, pour une meilleure potentialité de ce processus.

Dans les autres composants nous avons acquis des compétences dans des divers domaines, aidant les plans d'études licencié en éducation physique et sportive, et magistère de l'enseignement d'éducation physique en enseignements basiques et secondaire, à l'université de Madère.

Nous pouvons contribuer à la formation continue des enseignants, à travers des actions pédagogiques et pour l'extension des expériences pédagogiques de nos élèves.

Ce rapport de stage est la fin d'un cycle, démontrant l'ensemble du processus, en divisant en quatre chapitres, qui se réfèrent aux composantes constituant le stage pédagogique, subdivisées en sous-chapitres, complétant l'information, chaque fois que cela est nécessaire, avec des pièces jointes illustratives de ce qui a été effectué. Nous avons donc: (1) caractérisation de l'école; (2) pratique pédagogique; (3) extension curriculaire; et (4) les actions pédagogiques.

Il ne s'agit pas seulement de démontrer ce qui a été fait au cours de cette année scolaire, mais aussi de montrer nos apprentissages et réflexions sur tous les composants du stage pédagogique, et celle-ci peut servir d'aide aux futurs stagiaires dans le domaine de l'éducation physique.

Mots-clés: Stage Pédagogique, Éducation Physique, Formation, Procès d'enseignement et d'apprentissage.

RESUMEN

Para presentar todo el trabajo efectuado a lo largo de la etapa pedagógica, realizado en el año escolar 2016/2017, presentaremos, de forma relatada y reflexiva las tareas que contribuyeron a nuestra formación, a través del presente Informe de Etapa.

La etapa pedagógica fue constituida por un componente de caracterización de la escuela, de la práctica lectiva, incluyendo una caracterización de la clase, pasando a una extensión curricular y por acciones pedagógicas. De hecho, el componente de práctica lectiva fue el que más nos empeñamos y dedicamos nuestro tiempo, a lo largo del proceso, siendo en esta que asumimos el papel de profesor de educación física, con sus desafíos y variables a controlar, para una mayor potencialidad deste proceso.

En los restantes componentes hemos ido adquiriendo competencias en las diversas áreas, tomando como ayuda las disciplinas de los planes de estudio de la licenciatura en educación física y deporte y maestría en enseñanza, de la Universidad de Madeira. Podemos contribuir positivamente a la formación continua de profesores, a través de las acciones pedagógicas y para una ampliación de las experiencias pedagógicas de nuestros alumnos.

Este documento de prácticas es el cierre del ciclo, demostrando todo el proceso trazado, dividido en cuatro capítulos, que se refieren a los componentes constitutivos del estadio pedagógico, subdivididos en subcapítulos, completando la información, siempre que se considere necesario, con anexos ilustrativos del que se realizó. Así tenemos: (1) la caracterización de la escuela; (2) práctica lectiva; (3) extensión curricular; Y (4) acciones pedagógicas.

No se pretende, sólo, demostrar lo efectuado a lo largo de este año lectivo, sino también mostrar nuestros aprendizajes y las reflexiones de todos los componentes del estadio pedagógico, pudiendo servir como ayuda para futuros pasantes en el área de la educación física.

Palabras clave: Etapa Pedagógica, Educación Física, Formación, Proceso Enseñanza-aprendizaje.

ÍNDICE

Índice de Tabelas	xii
Índice de Figuras.....	xii
Índice de Anexos	xii
Introdução	1
Enquadramento do Estágio Pedagógico	1
Caraterização da Escola.....	3
Enquadramento da Escola.....	4
Horário de Funcionamento	5
Recursos Humanos	5
Órgãos de Administração e Gestão.....	5
Projetos, Clubes e Núcleos	6
Grupo Disciplinar de Educação Física	7
Instalações Desportivas	7
Recursos Materiais.....	8
Sistema de Rotação das Instalações Desportivas.....	8
Turmas Atribuídas	9
Participação em Atividades do Grupo Disciplinar	9
Prática Letiva	12
Processo de Ensino-Aprendizagem	13
Caraterização da Turma 12º13.....	14
Metodologia.....	15
Dados Demográficos	16
Agregado Familiar	17
Atividade Física, a Escola e a Educação Física.....	17
Aptidão Física.....	19
Avaliação Inicial.....	20
Planeamento Anual de Turma	23
Matérias de Ensino	24
Unidades Didáticas	27

Planos de Aula	29
Intervenção Pedagógica	30
Avaliação	37
Avaliação Formativa.....	40
Avaliação Sumativa	41
Assistência às Aulas	42
Metodologia	43
Contributo Formativo	44
Ação de Extensão Curricular	46
Metodologia	47
Dinamização	47
Balanço Final	48
Ações de Natureza Científico Pedagógica.....	51
Ação Científica Pedagógica Individual	51
Metodologia	53
Dinamização	53
Balanço Final	54
Ação Científica Pedagógica Coletiva	55
Metodologia	56
Dinamização	58
Balanço Final	59
Considerações Finais	61
Referências Bibliográficas.....	66
Anexos	69

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Instalações desportivas (fonte: regimento do grupo de recrutamento 620, 2014).....	8
Tabela 2. Distribuição de tarefas ACPC (1º e 2º momento).....	57

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Logotipo da Escola.....	4
Figura 2. Ficha de Apresentação dos Alunos da Turma do 12º13.....	15

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Organograma da Escola	69
Anexo 2. Calendário Escolar	70
Anexo 3. Relatório Individual EFERAM-CIT	71
Anexo 4. Ficha de Registo AI dos Desportos Coletivos	72
Anexo 5. Ficha de Registo AI dos Desportos de Confrontação Direta e Voleibol	73
Anexo 6. Ficha de Registo AI da Ginástica.....	74
Anexo 7. Plano Anual de Turma	75
Anexo 8. Unidade Didática.....	79
Anexo 9. Exemplo Plano de Aula.....	94
Anexo 10. Ficha de Registo – Tarefas Complementares.....	96
Anexo 11. Critérios de Avaliação.....	97
Anexo 12. Avaliação Cognitiva – 1º Período	100
Anexo 13. Avaliação Contínua.....	101
Anexo 14. Avaliação Específica da GA	109
Anexo 15. Ficha de Observação – Assistência às Aulas	111
Anexo 16. Plano da AEC.....	112
Anexo 17. Pedido de Colaboração para o CTM	114
Anexo 18. Convite ao Conselho de Turma.....	115
Anexo 19. Agenda Semanal – 22 a 27 de maio 2017	116
Anexo 20. Projeto da ACPI	117
Anexo 21. Cartaz ACPI	119
Anexo 22. Poster ACPI – Seminário Desporto e Ciência 2017	120
Anexo 23. Plano de Aula – ACPI.....	121
Anexo 24. Reflexão ACPI	122
Anexo 25. Formulário de Validação – ACPC	124

Anexo 26. Cartaz ACPC.....	131
Anexo 27. Programa ACPC.....	132

INTRODUÇÃO

O processo de Estágio Pedagógico (EP) do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Universidade da Madeira (UMa) trata-se da etapa final da formação académica de professores de Educação Física (EF). Este processo deu-nos oportunidade de colocar em prática diversos ensinamentos e ferramentas adquiridas ao longo dos anos anteriores de formação (3 de licenciatura e 1 de mestrado), aproximando-nos do processo ensino-aprendizagem.

A formação de professores de EF, em Portugal, iniciou-se como processo fundamental no ano de 1921, sendo apenas em 1975 que se deu a verdadeira descentralização da formação de professores de EF (Rocha, 1999). Assim, o MEEFEBS, da UMa surge como forma de proporcionar um requisito para a formação académica, dando habilitação profissional para a docência nos ensinos básicos e secundário, tendo por objetivos a qualificação de professores, adquirindo diversas competências para um bom desempenho da função docente.

Para tal, o plano de estudos do MEEFEBS inclui um primeiro ano com Unidades Curriculares (UC) no ramo da didática, educação e ciências do desporto, completando com um segundo ano de UC das ciências da educação e iniciação à prática profissional, ou seja, o EP.

Posto isto, e de acordo com o site da UMa, o MEEFEBS tem como objetivos:

- i. *“Ser capaz de compreender e aplicar os conhecimentos adquiridos no 1º ciclo, em contexto de novas situações e de resolução de problemas, suscitados pelas mais variadas áreas da prática da atividade física e desportiva, no âmbito do sistema educativo;*
- ii. *Ser capaz de aprofundar e integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções ou emitir juízos de informação, nos domínios da EF e do Desporto Escolar (DE);*
- iii. *Revelar uma atitude de elevada responsabilidade social e de cidadania na orientação das atividades físico-desportivas, desenvolvendo competências que elevem a Aptidão Física (ApF), a qualidade de vida e a saúde, assim como, o gosto pela prática regular das atividades físicas dos jovens em idade escolar;*
- iv. *Ser capaz de comunicar de um modo claro e adequado, utilizando diversas formas de expressão (escrita, oral, corporal e emocional) em contexto específico da organização ou orientação de atividades físico-desportivas;*
- v. *Revelar um sentido de aprendizagem e de superação permanente, privilegiando a partilha da informação e assumindo comportamentos de solidariedade e de trabalho em equipa, no âmbito dos domínios contemplados no quadro da extensão da EF;*

vi. *Ser capaz de desenvolver e aplicar competências específicas, através de um estágio de natureza profissional e produzir um relatório revelador de capacidade de investigação e originalidade, em domínios relacionados com a EF e o DE.*”

(www.uma.pt)

De forma a completar o ciclo de MEEFEBS, e para que pudéssemos adquirir as habilitações académicas necessárias para exercer a função de professores, selecionamos a Escola Secundária de Francisco Franco (ESFF), para a realização do nosso EP, devido à sua centralidade e conhecimento do bom trabalho efetuado pela escola em questão.

O facto de acreditarmos que que seria uma excelente instituição para aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de formação académica anteriores, a ESFF demonstrou ser a primeira opção para realizar o EP durante o ano letivo 2016 / 2017.

Paralelamente à função de professora estagiária na ESFF, lecionamos cinco aulas a alunos do 6º ano de escolaridade, na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva (EBSAAS), com o objetivo de nos proporcionar competências na lecionação das aulas de EF em diferentes ciclos de ensino.

Todo este processo foi orientado por dois professores científicos da UMA, um professor cooperante da ESFF e um da EBSAAS. O processo de EP foi seguido e auxiliado mutuamente pela colega de estágio Sílvia Gouveia, auxiliando na nossa forma de estar e no adquirir de novas competências no ensino da disciplina de EF, através de reflexões diárias com todos estes intervenientes.

Enquadrando o documento do relatório de estágio, de frisar que este serve como um trabalho reflexivo de todo o processo realizado no ano letivo de 2016 / 2017, na ESFF, EBSAAS e na UMA, através da Prática Letiva (PL) e trabalhos científicos que completaram a nossa formação académica.

O documento organiza-se de forma a que quem o lê entenda todo o trabalho efetuado, em cada seção do EP, sendo dividido por capítulos que apresentarão o que foi desenvolvido, seguindo-se de uma análise reflexiva e crítica do processo, transmitindo as competências adquiridas e os conhecimentos conquistados ao longo do EP.

Assim, o presente documento é composto por um enquadramento do EP realizado, seguindo-se de 4 capítulos que tentam demonstrar todo o trabalho e percurso para dar como completa esta fase de formação. Iniciamos com o capítulo 1, a caracterização da escola, onde focamos aspetos como o enquadramento da escola, horário de funcionamento, recursos humanos, órgãos de administração e gestão, projetos, clubes e núcleos, questões do Grupo Disciplinar (GD) de EF, turmas atribuídas para a lecionação das aulas e sistema de rotação das instalações desportivas.

Passando para o capítulo 2, a Prática Letiva (PL), tivemos por base o processo de ensino-aprendizagem, realizando uma caracterização da turma do 12º13 e a Avaliação Inicial (AI), apresentando o

Planeamento Anual de Turma (PAT), as estratégias de intervenção pedagógica, os critérios de avaliação adotados e completando este processo com a assistência à leção das aulas da colega estagiária.

Já no capítulo 3, apresentamos a Ação de Extensão Curricular (AEC), que após um enquadramento da mesma, dirigimos a nossa atenção para a metodologia utilizada, a dinamização propriamente dita, sendo que completamos este capítulo com uma reflexão da ação.

De forma a contribuir, igualmente, para a formação de professores, apresentaremos no capítulo 4 as Ações de Natureza Científico Pedagógica (ANCP), constituindo-se da Ação Científico-Pedagógica Individual (ACPI) e a Ação Científico-Pedagógica Coletiva (ACPC), onde referimos a pertinência destas ações, focando a metodologia utilizada, a própria dinamização e uma reflexão sobre cada uma delas, em particular.

Para terminar este relatório de estágio, apresentamos as considerações finais, realizando um apanhado de todo o processo de EP. De referir que toda a informação contida nestes capítulos está completada com documentos em anexos, realizados ao longo do ano letivo.

ENQUADRAMENTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Como referido anteriormente, o processo de EP está inserido no último ano do plano de estudos do MEEFEBS, pela UMA, tratando-se da fase final da nossa formação de professores, em que adquirimos competências no ramo do ensino, proporcionando ferramentas e capacidades para lecionar aulas de EF. O EP tem a duração de um ano letivo, estando dependente do calendário escolar de cada ciclo de ensino definido pela Secretaria Regional da Educação (SRE).

Assim, o EP, para Borssoi (2008) trata-se de um processo fundamental na formação de professores, possibilitando a relação teórico-prática e adquirindo conhecimentos no campo do trabalho, pedagogia, administração e organização em contexto escolar. Através do EP, o futuro docente é capaz de identificar alguns dos desafios que a carreira lhe oferecerá, aproximando-o da realidade escolar, obtendo algumas competências na área, através de informações adquiridas e troca de experiências com outros professores (Borssoi, 2008).

Contudo, o EP não se trata do final da formação de professores, pois esta deve ser entendida como um processo contínuo e infinito de adquirir conhecimentos e saberes. Assim, este processo trata-se de fornecer capacidades aos futuros docentes para a lecionação das aulas de EF, dando a oportunidade de lecionar aulas durante o ano letivo, sob orientação de um professor qualificado.

Passando para um ponto de vista pessoal, o EP revelou ser um processo de superação e dedicação, com muitos obstáculos e dificuldades, que aos poucos foram tidos como momentos de grande aprendizagem e transformação. Começando por ser uma ambição desde criança, passou a ser uma realidade durante um ano letivo, onde pudemos nos expor perante uma turma, estando num processo de transmissão e receção de conhecimentos e saberes mútuos, superando receios e adquirindo competências na área da docência.

Ainda no campo pessoal, após o término da licenciatura em EF e Desporto, pela UMA, ponderou-se seguir os estudos num mestrado em áreas da investigação no desporto. Todavia, baseando-se em ambições pessoais passadas e seguindo a principal razão pelo qual iniciamos o processo de formação no ramo da EF, o MEEFEBS tornou-se a opção final. Este processo de formação colocou em destaque alguma insegurança e ansiedade, principalmente no processo de EP, em que enfrentamos uma nova função no campo de ensino: o ser professor.

Iniciando-se o processo pelo qual esperávamos, desde o ingresso no mestrado, o EP, as nossas expectativas prenderam-se essencialmente no facto de que iríamos colocar em prática os saberes transmitidos ao longo do 1º ciclo de formação e o 1º ano de MEEFEBS, bem como o fornecer aos alunos ferramentas necessárias para que estes evoluíssem e olhassem a EF como uma disciplina educativa, no seu processo de formação.

Para que o processo de EP fosse cumprido com sucesso, a nível de expectativas pessoais, e seguindo Freire (2002) deveria ser capaz de ensinar certo e bem os conteúdos propostos para a disciplina de EF. Pessoalmente, acrescentamos o facto de que ao longo do ano letivo deveríamos ter sido capazes de

transmitir aos alunos um conjunto de ideais sobre a prática de Atividade Física (AF) e fomentar o gosto pela prática desta.

Como forma de terminar o enquadramento do EP, é de referir que fazia parte do nosso objetivo pessoal, transparecer não só o nosso ser enquanto professores, mas também enquanto pessoas, acreditando que de alguma forma, a maneira como o professor age na aula deixa a sua marca e um pouco do seu caráter pessoal nos seus alunos, como forma educativa e de formação para os mesmos.

CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA

Ao iniciar o processo de EP, mostrou-se essencial conhecer a escola onde iríamos trabalhar para que adaptássemos a nossa intervenção às potencialidades do meio. Para tal, realizamos um levantamento das instalações existentes, dos recursos humanos, do público-alvo e do horário de funcionamento, para atuar em conformidade com as condições e para um melhor aproveitamento do local de trabalho. Esta tarefa tornou-se fundamental para este ponto do processo de formação, sendo transversal para futuros investimentos profissionais.

Para que este processo de caracterização da escola fosse possível recorreremos a documentos internos, como o regulamento interno (2016), o projeto educativo 2012 / 2016, o regimento do Departamento de Expressões, regimento do grupo de recrutamento 620 – EF (2014), ao plano anual de atividades do grupo de EF e ao inventário dos materiais desportivos de junho 2015 / 2016. Além da documentação consultada, visitamos o site oficial da escola, retirando informações sobre a organização escolar e as atividades dinamizadas pela escola.

De forma a completar as informações recolhidas, e imediatamente antes de iniciar o processo de PL, o orientador cooperante enquadrou-nos no meio, efetuando uma visita guiada pela escola, de forma a conhecermos as instalações, bem como professores e funcionários que por ali passavam. Este aspeto contribui positivamente para nos colocar mais familiarizados com a instituição, aproximando-nos não só ao corpo docente de EF, mas também de outros professores dos restantes departamentos.

Paralelamente a este enquadramento, e antes de termos conhecimento das turmas que iríamos lecionar, foi-nos sugerido que marcássemos a nossa presença na cerimónia de abertura do ano letivo 2016 / 2017, ficando-se a conhecer um pouco do trabalho efetuado pela escola e as dificuldades sentidas para o ano letivo, focando-se a existência de um número elevado de matrículas para o 10º ano de escolaridade e a obrigatoriedade de selecionar alunos.

Este facto demonstrou o impacto que a ESFF tem na população em geral, ficando-se com a sensação de que se trata de uma escola com competências na área do ensino e cobiçada por muitos. Este facto poderia ser um indicador de que possivelmente íamos nos deparar com turmas de elevado número de alunos, o que poderia comprometer a nossa intervenção pedagógica pelo facto do nosso nível de experiência ser escasso.

Logo após a cerimónia de abertura, fomos convidados a assistir à reunião do departamento de EF, sendo nessa altura que ficámos a ter conhecimento do ano de escolaridade que iríamos ter o prazer de lecionar. Tratou-se também do nosso primeiro impacto com todo o GD de EF da escola, conhecendo os professores que integravam o mesmo, servindo para nos sentirmos integrados no meio, mostrando ser um grupo cooperante e disposto a nos ajudar neste percurso.

De referir que todas as informações retiradas dos documentos da escola e dos encontros / reuniões formais e informais, mostraram ser fundamentais para este processo de caracterização da escola,

demonstrando ser um rico contributo para o processo de PL, na medida em que ficámos a conhecer os ideias da escola e do GD em geral, podendo agir em conformidade com os mesmos e dando o nosso contributo ao longo da nossa intervenção.

ENQUADRAMENTO DA ESCOLA

Passando para um enquadramento da escola e recorrendo ao projeto educativo 2012 / 2016, a ESFF localiza-se na cidade do Funchal, na freguesia de Santa Luzia, Rua João de Deus nº 9, tendo como propósito “*prestar à comunidade um serviço de formação e educação na área das artes e das tecnologias*” (p. 4), vindo da sua génese da antiga Escola Industrial e Comercial do Funchal.

Para além da área das artes e das tecnologias, oferece igualmente “*todos os cursos científico-humanísticos, alguns cursos de educação e formação, cursos de educação e formação de adultos e cursos profissionais*” (p. 4) integrando alunos do Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos) (projeto educativo 2012 / 2016).

Ao longo dos anos, e de forma a dar resposta ao elevado número de alunos e às novas exigências escolares, o edifício da ESFF sofreu algumas alterações e manutenções, para que seja proporcionado um melhor espaço a toda comunidade educativa.

O documento regulamentar da ESFF identifica a escola como possuindo “*marcas distintas que projetam e singularizam*” (p. 6) o mundo educativo, acrescentando que o nome da escola se deve ao escultor madeirense Francisco Franco (1885 – 1955). O aniversário da escola é celebrado a 9 de outubro, data que se assinala igualmente o aniversário do seu patrono, sendo que a celebração conta com algumas atividades na escola, para o pessoal docente e não docente.

Para uma fácil identificação e caracterização da instituição, é utilizado um logotipo, criado por Eugénio Viana de Sousa Santos (figura 1), que “*deve ser usado em todos os documentos oficiais*” (p. 6), segundo o regulamento interno (2016) da escola, sendo uma forma simples de identificar a origem dos documentos.



Figura 1. Logotipo da Escola

Posto isto, foram retiradas informações fundamentais para auxiliar no processo de PL, como a utilização do logotipo em todos os documentos formais a entregar aos alunos e Encarregados e Educação (EE) ou a outras instituições que se pretendeu dinamizar atividades fora do contexto escolar. Este elemento identificador foi também utilizado nos documentos apresentados ao longo do EP, como por exemplo nos Planos de Aula (PA), PAT e Unidade Didática (UD), servindo de possível consulta a futuros colegas estagiários, sendo de fácil identificação o meio onde foram aplicados.

Importante realçar o contributo, em termos de intervenção, que este enquadramento teve ao longo do EP, pois permitiu-nos agir em conformidade com o regulamento interno, tendo por base o projeto

educativo e todos os documentos regulamentares da instituição, da intervenção pedagógica e da disciplina de EF.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

De forma a ter conhecimento do horário em que poderíamos utilizar as instalações escolares, tornou-se fundamental consultar o horário de funcionamento, tendo por base o regulamento interno (2016). Assim, soube-se que a escola estava aberta entre as 7h00 e as 23h30, todos os dias úteis, sendo a hora de entrada letiva 8h15 (turno da manhã), 13h30 (turno da tarde) e 19h (turno pós-laboral), podendo se encontrar aulas condicionadas a 90 e 135 minutos de tempo letivo.

No caso da nossa disciplina, em particular, e tendo em conta o Programa Nacional de EF (PNEF) (Jacinto, Carvalho, Comédias e Mira, 2001 e Ministério da Educação, 2005), sabíamos que as nossas aulas iriam se enquadrar nos blocos de 90 minutos, entre o turno da manhã ou de tarde, devido, igualmente, à especificidade do ano de escolaridade (12º ano).

RECURSOS HUMANOS

Uma organização é feita de pessoas e para pessoas. Assim sendo, e recorrendo a informações presentes no site oficial da escola, a ESFF possuía um leque de pessoal docente e não docente, sendo que em outubro de 2016 estavam afetos à escola cerca de 276 docentes, distribuídos pelos 16 grupos de recrutamento e 4 departamentos curriculares. Já o grupo de recrutamento 620, ou seja, de EF, contava com 25 docentes no ano letivo de 2016 / 2017.

Quanto ao pessoal não docente, estes encontravam-se distribuídos por 6 áreas de atividades, entre assistentes técnicos e assistentes operacionais das diferentes áreas, num total de 78 postos de trabalho ocupados, de acordo com o Mapa de Pessoal 2016 / 2017, consultado no site oficial da escola.

Como é de fácil compreensão, o grupo de docentes com quem estivemos mais conectados tratou-se do GD de EF, contudo criámos também ligações com outros professores, nomeadamente do conselho de turma das turmas lecionadas e professores que íamos cruzando em ambientes como a sala de professores ou bar.

As ligações criadas com os recursos humanos demonstrou ser uma fonte de aproximação à instituição e um espaço de partilha de conhecimentos e ensinamentos, tornando a nossa intervenção simplificada, na medida que tanto funcionários como docentes nos iam auxiliando e facilitando em termos de instalações ou materiais necessários à leção das aulas.

ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO

De acordo com o regulamento interno (2016) da escola, a direção, administração e gestão da escola é assegurada pelo conselho da comunidade educativa, conselho executivo, conselho pedagógico e conselho

administrativo. Centrando-se no projeto educativo 2012 / 2016, a ESFF encontra-se organizada consoante o organograma presente no anexo 1.

Analisando o organograma da escola, de uma forma geral, a gestão desta instituição demonstra uma organização complexa, tratando-se de uma instituição de grande dimensão, tanto a nível de gestão de pessoal docente e não docente, como também de atribuição de alunos por turma, participando diversos órgãos naquilo que é a organização do ano letivo, demonstrado e referido na cerimónia de abertura a que assistimos.

PROJETOS, CLUBES E NÚCLEOS

A ESFF oferece uma diversidade de atividades à comunidade escolar, sendo que recorrendo ao citado no site oficial da escola, esta possui cerca de 21 clubes, núcleos e projetos de diferentes áreas. No departamento de EF podemos identificar, como referido pelo orientador cooperante, o Clube Escola Francisco Franco, o Projeto +90 e a Semana Náutica.

O GD de EF organizou, igualmente, atividades pontuais ao longo do ano letivo, sendo que foram planeadas atividades a serem realizadas no final dos períodos letivos, bem como forma de integração da escola na LVIII Volta à cidade do Funchal (São Silvestre do Funchal).

Sendo assim, no primeiro período foi realizado o torneio de voleibol, no segundo o torneio de futsal, terminando com o terceiro período através do Sarau de Ginástica Acrobática (GA). Já a São Silvestre do Funchal foi realizada em período não letivo, tratando-se de um evento organizado pela Associação de Atletismo da Madeira e fazendo parte da tradição de Natal Madeirense, sendo realizada no dia 28 de dezembro 2016.

Analisando os projetos, clubes e núcleos que a escola oferece, encontramos o Clube Barbusano, que apesar de ser considerado um clube de ecologia, fora do GD de EF, tem como objetivo realizar saídas de campo ao longo do ano letivo, podendo ser inserida na promoção de AF, já que há uma relação direta com a natureza e a AF. Não tivemos uma ligação ativa com este clube, contudo houve a intenção de levarmos as nossas turmas a integrar uma das saídas de campo organizadas pelo mesmo.

Tendo em conta os comportamentos dos alunos e à insegurança com a turma, não seguimos com a nossa intenção, apesar de numa fase posterior, e analisando o projeto, poderíamos ter contribuído para a realização de saídas de campo, colocando ênfase na prática de AF, interligando com os temas ecológicos pretendidos pelo clube. Tal não se sucedeu, devido ao pouco recurso temporal que disponhamos e ao grande envolvimento com a PL em particular, ao longo de todo o ano letivo.

GRUPO DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O GD de EF insere-se no departamento curricular de expressões, juntamente com o departamento de artes visuais, sendo que tanto o grupo, como o departamento, possuem regimentos próprios e adaptados a cada área de intervenção.

Mostrou ser essencial ter o conhecimento do transcrito nos regulamentos do departamento e do grupo de recrutamento, para atuar nas nossas aulas, sabendo as regras de instalações e o material necessário à prática de EF, podendo transmitir aos alunos essas bases para que fosse possível adaptar as suas ações ao regulamentado.

Perante o presente no regimento do grupo de recrutamento 620 (2014), para a participação nas aulas de EF é obrigatório o uso de t-shirt ou sweatshirt, calções, leggings ou fato de treino, sapatilhas e meias, sendo que estes devem ser seguros e confortáveis. O mesmo documento faz referência à envolvência dos alunos impossibilitados de praticar as atividades físicas, na componente teórica da disciplina ou em outras tarefas (arbitragem, organização e gestão, avaliação do trabalho dos colegas, ajudas e correções), assim sendo devem apresentar-se devidamente equipados.

Durante as aulas práticas, e por questões de segurança, *“não é permitido o uso de brincos, fios, anéis, colares, pulseiras, relógios, ou outro tipo de material que possa causar algum dano ao portador ou a outro aluno”* (p. 6), acrescentando a proibição do mascar pastilhas elásticas, sendo que estas regras estão devidamente expostas no regulamento da disciplina.

Ao longo das nossas aulas tivemos em conta os regulamentos acima mencionados, sendo que em caso de incumprimento das regras, os alunos eram avisados do sucedido e, em casos de permanência da ação, eram tomadas medidas de sanção como falta de equipamento ou de presença, tendo sempre como base os regulamentos.

Instalações Desportivas

Ao recorrer ao regimento do grupo de recrutamento 620 (2014), encontra-se a definição de instalações desportivas como sendo *“o conjunto de espaços destinados à realização das aulas teórico-práticas e práticas de EF, dotados de designação própria e regulamento de utilização específico”* (p. 7).

Completando, a ESFF *“disponibiliza seis instalações polivalentes destinadas à prática letiva curricular e não curricular, das quais duas são cobertas e quatro são descobertas, bem como sete balneários”* (p. 8) (tabela 1).

Tabela 1. Instalações desportivas (fonte: regimento do grupo de recrutamento 620, 2014)

Instalações exteriores	Instalações cobertas
Campo 2 – Com tipologia de campo de futebol de 7, ladeado, a norte e a este, com bancadas de cimento.	Pavilhão Gimnodesportivo (P1, P2, P3, ginásio de musculação e cardiofitness).
Campo 3 – Espaço anexo ao campo 2.	Ginásio central (1) – Localizado no edifício central (01) da escola.
Campo 4 – Campo anexo à piscina, ladeado, a norte e a oeste, com bancadas de cimento.	
Campo 5 – Campo anexo, ao pavilhão gimnodesportivo.	
Campo 6 – Pátio central da escola (parede de escalada).	

As regras de utilização das instalações e informações mais detalhadas acerca de cada uma delas, encontra-se disponível no regimento do grupo de recrutamento 620 (2014) a que todos os docentes do GD têm acesso em suporte digital. Conhecendo as regras de funcionamento das instalações podemos transmiti-las aos alunos, adaptando igualmente a nossa intervenção ao citado nos documentos, agindo em conformidade com os mesmos.

Recursos Materiais

No início do ano letivo 2016 / 2017 solicitamos ao professor diretor de instalações do GD de EF que nos fornecesse o documento interno do levantamento de materiais disponíveis para a lecionação das nossas aulas, ao longo do processo. Através do levantamento realizado pelos professores do GD, em julho de 2016, foi possível nos apercebemos da diversidade de material desportivo que a ESFF disponha, de forma a rentabilizar ao máximo todo esse potencial.

Sistema de Rotação das Instalações Desportivas

Recorrendo, novamente, ao documento regulamentar da disciplina de EF da ESFF, encontra-se que a *“distribuição das instalações terá em conta o planograma de EF definido pelo GD, com base no PNEF em vigor”* (p. 12). Assim, a distribuição de instalações é efetuada no início de cada ano letivo, após se tornarem públicos os horários escolares.

Contudo, visto que através das matérias a lecionar podemos alcançar diversos objetivos com os nossos alunos, cabe ao professor da turma o *“direito de alterar o espaço de aula para um outro, desde que o mesmo se encontre disponível”* (p. 12), podendo ainda optar pela matéria de ensino a lecionar, desde que esta esteja *“enquadrada no planograma anual e seja possível em termos de uso de material”* (p. 12).

Durante o ano letivo houve a possibilidade e o pedido de cedência de instalações por parte de colegas do GD de EF, sendo que, devido à boa relação criada desde início com o grupo, foi sempre possível este intercâmbio de favores, mantendo o bom clima relacional, de modo a não prejudicar os alunos.

Torna-se fundamental conhecer as instalações que a escola possui, de modo a adaptar o nosso ensino às condições do meio, que apesar de estas serem consideradas polivalentes, são regulamentadas pelos

conselhos de gestão da escola, tornando essencial o cumprimento das regras para o bom funcionamento das aulas.

TURMAS ATRIBUÍDAS

O processo de PL no EP foi efetuado durante o ano letivo de 2016 / 2017, cumprindo com o calendário escolar da ESFF (anexo 2). Antes de iniciar este processo, de entre as turmas do professor cooperante da ESFF, selecionamos a turma com a qual iríamos trabalhar ao longo do ano letivo, com base no conhecimento do horário escolar e perante a orientação / opinião do orientador.

Assim, assumimos a turma 13, do 12º ano de escolaridade, do curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas como a nossa turma de EP, na qual cumpriríamos a nossa função enquanto docentes neste processo.

A referida turma era constituída por 25 alunos, sendo 14 do género masculino e 11 do género feminino, com idades compreendidas entre os 16 e 18 anos (média de idades = 17 anos), acrescentando o não acompanhamento de apenas uma das alunas, desde o 10º ano de escolaridade, com esta turma.

As aulas de EF da turma 12º13 decorriam em dois dias da semana: terça-feira (11h45 – 13h15) e quarta-feira (10h00 – 11h30). No que diz respeito à turma 12º13 da ESFF, foi realizada uma caracterização da turma específica e pormenorizada, já que se tratava da turma de foco deste nosso EP, estando inserida em capítulo seguinte.

Na EBSAAS, devido à especificidade da PL nesta organização e, já que era uma turma que teria de ser partilhada com todos os núcleos de estágio do presente ano letivo, desempenhámos o nosso papel de professores à turma 1, do 6º ano de escolaridade. Para a lecionação das aulas a esta turma, optámos por seguir um sistema de rotação onde cada professor estagiário ficasse encarregue de lecionar e observar cinco aulas, dependendo do calendário escolar.

Assim sendo, cada professor estagiário lecionou aulas de 90 e 45 minutos, em cada período letivo onde lecionámos e observámos duas aulas consecutivas. A turma era constituída por 21 alunos (8 do género masculino e 13 do género feminino) com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, sendo que as aulas de EF eram à segunda-feira (11h30 – 13h) e quarta-feira (15h – 15h45). As informações sobre as características mais marcantes dos alunos da turma, foram transmitidas pelo orientador cooperante, numa reunião efetuada antes do início do EP.

PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES DO GRUPO DISCIPLINAR

A nossa participação em atividades do GD tornou-se opcional perante o quadro do plano de estudos atual do MEEFEBS, mostrando-se fundamental neste processo de formação em termos pessoais e profissionais, já que alimentou a relação pessoal com os professores do grupo, tornando-se essencial para trocas de informações e ajudas mútuas em tarefas de formação.

Assim, e tendo em conta as datas da realização das atividades e o contributo que poderíamos dar a cada uma delas, optámos por participar no Projeto +90, no Torneio de Voleibol, na LVIII Volta à cidade do Funchal - 40 anos de Autonomia e na Semana Náutica, de forma ativa e de divulgação.

O Projeto +90 foi realizado com o intuito de identificar alunos abaixo da zona saudável de ApF, para lhes criar um plano de treino orientado ao longo do ano letivo, acrescentando mais 90 minutos semanais de AF. Este projeto teve início no 1º período, entre os dias 17 e 21 de outubro 2016, existindo um segundo momento de avaliação no 2º período, entre os dias 28 de março e 4 de abril 2017.

A execução deste projeto foi efetuada em duas aulas de 90 minutos, na semana de avaliações, e consistia na passagem dos alunos por várias estações que avaliavam a ApF, montadas dentro do pavilhão desportivo. Assim, o Projeto +90 avaliou a composição corporal (peso, altura e perímetro abdominal), resistência muscular (flexões de braços, core, agachamento e subidas na barra), potência (salto em comprimento, sem corrida preparatória), mobilidade e flexibilidade (toe touch e flexibilidade de ombros) e resistência (vai e vem).

A nossa função neste projeto passou pelo acompanhamento das nossas turmas na passagem pelas várias estações, bem como na colaboração da medição e registo nas turmas dos restantes colegas, ficando responsáveis por cada estação, nos dois momentos de avaliação.

Após a aplicação do projeto nas nossas turmas, colocámos na base de dados fornecida pelo GD toda a informação recolhida, para posteriormente ser analisada pelos professores responsáveis pelo projeto, a fim de aferir se algum dos alunos necessitava de integrar a parte de intervenção do projeto.

Ao passar para o torneio de voleibol, realizado a 16 de dezembro 2016 na ESFF, exercemos a função de árbitro de mesa e acompanhamento das equipas da turma do 12º13, no dia do torneio. Na fase anterior e no momento de inscrição das equipas, o nosso papel foi de divulgação pelas nossas turmas, bem como de auxílio na inscrição dos alunos interessados.

No que toca à LVIII Volta à cidade do Funchal (São Silvestre do Funchal) e à sua organização, por parte do GD de EF da ESFF, esta focou-se na criação de uma equipa de atletas interessados em participar na corrida, havendo treinos específicos, orientados por um professor da ESFF.

A atividade em questão ocorreu a 28 de dezembro 2016, sendo que nos foi proposto pelo coordenador da atividade a participação nos treinos e no dia da prova, em termos organizacionais. Contudo, devido a questões temporais, não foi possível estarmos dentro do evento propriamente dito, tendo apenas a função de divulgação da atividade e inscrição de dois alunos da turma do 12º13 na prova.

Por fim, no 3º período, deu-se a Semana Náutica da ESFF, onde foi proposto aos professores de EF deslocarem-se à Rampa de São Lázaro com as suas turmas, para a realização da atividade de canoagem, sob orientação de um professor da escola. Os materiais para a realização desta atividade foram cedidos pela Associação Regional de Canoagem da Madeira, tendo início dia 15 de maio 2017 e terminando dia 19 do referido mês.

Segundo o email informativo do coordenador da atividade, existia prioridade para os alunos dos anos de escolaridade superiores, ou seja, os de 12º ano, sendo que optámos por aferir se os alunos estavam interessados em realizar tal atividade, obtendo interesse por parte de 60% da turma. Esta atividade foi utilizada não só como forma de proporcionar aos alunos uma experiência na modalidade de canoagem (interesse demonstrado por alguns alunos no início do ano letivo) mas também como pré-atividade para a AEC, realizada à posteriori.

Durante o dia da atividade, a 16 de maio 2017, na hora da aula de EF, as nossas funções prenderam-se a ajudar com o material e saída dos alunos da água, bem como controle da turma e fornecimento de alguns feedbacks. Contudo o professor coordenador da atividade é que dinamizou e controlou todas as ações realizadas dentro de mar.

Perante as possibilidades de atividades do GD de EF, seleccionámos as que nos suscitaram algum interesse, bem como as que os alunos das nossas turmas iriam participar ativamente. Contudo, poderíamos ter investido mais tempo e esforços para participar em outras atividades do grupo, criando uma ligação mais próxima com todos os professores do GD.

Por questões temporais e de deslocação, focamo-nos apenas na parte de divulgação das atividades, apelando à participação dos alunos das nossas turmas nas atividades do GD e tendo algum sucesso nesse aspeto, nomeadamente na participação de alunos da turma do 12º13, em todas as atividades dinamizadas.

Com a participação nas atividades acima mencionadas, ganhámos competências na questão de comunicação com alunos de outras turmas (no caso específico do Projeto +90 e torneio de voleibol), mostrando-se, como mais valias em termos pessoais e tendo oportunidade de estar em contacto com metodologias de trabalho diversificadas.

Todavia, teria sido enriquecedor termos estado em contacto com a organização do torneio de voleibol, por exemplo, ganhando competências em aspetos como organização dos recursos humanos e das equipas que pelo torneio passaram, mostrando um papel mais ativo nas atividades do GD. Este aspeto não foi cumprido, novamente por questões de recursos temporais escassos e outros processos a serem realizados paralelamente à execução das atividades em questão.

Além das atividades nas quais marcámos presença, em termos divulgativos e participativos, no final do 2º período realizou-se o torneio de futsal e no final do 3º período o Sarau de GA deu por terminada as atividades do GD de EF. Para o Sarau de GA tentámos que um grupo da turma do 12º13 se inscrevesse e participasse no evento, devido à sua prestação na matéria lecionada no 2º período letivo, contudo não houve interesse por parte dos mesmos. Apesar disso, uma das alunas da turma, em conjunto com alunas de outras turmas, marcou presença nesta atividade do GD.

Focando-se nas componentes do EP, a PL foi a que mais se destacou, tratando-se a mais longa deste processo, realizada de forma contínua e durante todo o ano letivo, onde se centrou a nossa função enquanto docentes. É nesta fase que nos envolvemos com uma turma, com outros professores e com uma escola, tendo oportunidade de lecionar e transmitir os nossos conhecimentos, aplicando as nossas metodologias e testando os nossos ideais.

Para esta fase do EP, inicialmente esperávamos e pretendíamos alcançar um variado número de situações, nomeadamente proporcionar aos alunos uma visão da EF centrada no gosto pela AF e / ou pelo desporto, fora do contexto escolar. Idealizámos um leque de sugestões de possíveis atividades para realizar ao longo do ano letivo, que serviriam como base de seleção após o conhecimento dos alunos, dos seus gostos e motivações e das matérias de ensino propostas pelo GD de EF, de forma a que os alunos experienciassem um variado número de atividades.

Completando um pouco daquilo que eram as nossas expectativas para este ponto do EP, ao escolhermos a ESSF já sabíamos que iríamos lecionar a alunos do secundário, logo seria uma faixa etária onde tínhamos pouca experiência e contacto, sendo caracterizada como uma fase difícil de descoberta pessoal dos alunos e irreverência (Machado, 2015). Este aspeto tornou-se um enorme desafio para nós durante todo o ano letivo, tendo que lidar com diversificadas emoções e atitudes dos alunos, tornando-se visível a insegurança no nosso momento de agir.

A opção de lecionar a alunos da EBSAAS não terá sido escolha nossa. Contudo tínhamos conhecimento desta opção organizativa para a PL. Devido à nossa prática fora do contexto escolar já tínhamos tido o privilégio de trabalhar com esta faixa etária, cientes, no entanto, que cada aluno e cada turma têm as suas singularidades.

Sendo assim, era nosso objetivo cativar os alunos, na medida em que fosse criado um clima de aula e relacionamento favorável, de partilha de conhecimentos e respeito mútuo, proporcionando atividades que acreditávamos responder às orientações curriculares procurando estruturar as aulas de forma a cativar os alunos criando o caminho para atingir os objetivos para as turmas.

Posto isto, durante o ano letivo 2016 / 2017 passámos por diferentes etapas que se complementaram, dando origem à fase da PL e destacando-se o processo ensino-aprendizagem onde definimos o nosso PAT, com base na caracterização da turma, AI, PNEF (Jacinto et al., 2001 e Ministério da Educação, 2005) e matérias de ensino propostas pelo GD de EF. Foram criadas igualmente UD, com base nas informações anteriores e PA, de acordo com o perfil de alunos que estávamos a lidar.

Todo o processo de PL será apresentado ao longo deste capítulo, sendo perceptível a adoção de inúmeras estratégias e metodologias de forma a atingir os objetivos delineados para esta fase do EP, proporcionando aos alunos as ferramentas necessárias para atingir os objetivos delineados.

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Iniciámos processo ensino-aprendizagem convictos de a educação deve fomentar o desenvolvimento das capacidades e potencialidades dos alunos (Lopes e Fernando, 2014). Esta deverá deixar de ser um local de transmissão de conhecimento, onde o professor continua a ser o centro do processo, para passar a ter um papel dinamizador e catalisador, assumindo-se o mais personalizado possível (Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória, 2008; Lopes, Vicente, Simões, Barros & Fernando, 2013).

Esta definição de escola e educação pareceu-nos tão lógica e real, que criámos expetativas em a colocar em ação na nossa PL. Contudo, nem sempre foi possível, deixando essa tese muitas das vezes, aquém do expetado, devido aos inúmeros entraves que as características da turma e a inexperiência enquanto docentes nos colocaram.

As resistências criadas por alguns elementos da turma do 12º13 e, algumas das vezes, a nossa falta de confiança nos conteúdos que estavam a ser apresentados, mostraram ser um grande inimigo para o sucesso da PL e no decorrer das aulas. Assim sendo, a personalização e o seguir dos ideais iniciais não foram totalmente tidos em conta no decorrer do processo, devido não só aos comportamentos por parte dos alunos, mas também pela nossa insegurança e pouca assertividade no momento da ação.

O processo de gestão de ensino-aprendizagem foi, inicialmente, expetado para ser realizado de acordo com a metodologia sugerida por Lopes (2014): diagnóstico-prescrição-controlo, contribuindo para um ajuste dos estímulos aos objetivos delineados, para que se utilizasse o desporto / EF “*como um meio e não como um fim*” (p. 22).

De forma a colocar em prática o acima mencionado, recorreremos à realização de uma AI no início do ano letivo, para que ao longo das aulas fossem criadas situações favoráveis aos alunos para atingir determinados objetivos, consoante as suas necessidades. No final de cada aula foi realizada uma avaliação da prestação do aluno, perante os critérios de avaliação definidos pelo GD de EF e os objetivos da aula, servindo como o controlo de cada situação criada e como forma de gerar uma avaliação final de cada período letivo.

Este processo de PL sofreu alguns momentos de insegurança e descontrolo da turma, levando a que a metodologia pretendia não fosse totalmente colocada em prática, ficando de forma muito superficial a sua aplicação no decorrer das aulas. Apesar de em alguns momentos do ano letivo terem criadas situações de prescrição de forma a resolver problemas encontrados no diagnóstico e controlo diário, nem sempre conseguimos pôr totalmente em prática a individualização do ensino pretendida.

Queremos com isto dizer que foram atingidos objetivos gerais de turma e prescritos exercícios para a turma, no seu geral. Todavia perante algumas dificuldades, por exemplo, de leitura do adversário ou cooperação com os colegas, em termos individuais, não foi possível trabalhar aspetos que levassem ao cumprimento destes conteúdos, devido a resistências por parte dos alunos em questão.

Assim, durante todo processo de ensino-aprendizagem, foram efetuadas diversas tarefas que serão apresentadas nos subcapítulos seguintes, de forma a dar a conhecer o caminho seguido para completar a PL. Iniciaremos com a caracterização da turma, seguindo de uma AI para construção do PAT, aplicando esse planeamento numa intervenção pedagógica que se completa com a avaliação ao aluno, perante o desenvolvimento das capacidades. Para um melhor benefício do processo de ensino-aprendizagem, este contou com uma assistência das aulas da colega estagiária e vice-versa, seguida de reflexão diária com o orientador cooperante.

Caraterização da Turma 12º13

Iniciando um processo de relação e trabalho com os alunos, torna-se fundamental recolher alguma informação sobre os mesmos, para que o nosso ensino se aproxime às necessidades e gostos dos indivíduos. É fundamental conhecer o público alvo com quem vamos trabalhar, já que o aluno deverá ser sempre o centro do processo ensino-aprendizagem.

Com a caracterização da turma de foco do nosso EP (12º13) foi nosso objetivo conhecer os alunos, recolhendo dados demográficos como o género e a idade, o concelho de onde se deslocavam para a escola e o meio de deslocação. Estes dados, a nosso ver, tornam-se fundamentais para a flexibilidade enquanto professores, de alguma situação de atraso pontual ou algum problema na deslocação dos alunos até à escola.

Acrescentando a esta informação, quisemos conhecer a situação económica dos alunos e o grau de escolaridade dos EE, sendo que estas informações mostraram ser pertinentes na aproximação relacional estabelecida com a turma, na medida em que serviu como base para situações de falta de material ou distúrbios comportamentais.

A opinião dos alunos sobre a EF e a escola atual, tratou-se de uma informação pertinente para iniciarmos o processo de PL com a turma em questão, pois fez com que nos adaptássemos aos alunos, tentando que alterassem a sua opinião, observando a EF com carácter educativo, formador e transformador. Ainda no domínio da EF, questionar os alunos sobre as matérias de ensino que gostariam de abordar na disciplina, teve um papel importante no decorrer das aulas, pois aproximávamos o nosso processo de ensino-aprendizagem aos gostos e necessidades motivacionais da turma.


Outro aspeto revelador e complementar à informação teórica recolhida, foi a avaliação da ApF dos alunos, servindo como forma de caracterizar a turma em termos motores. Esta informação serviu ainda para recolher informações iniciais dos níveis de ApF de cada aluno, para que pudéssemos atuar sobre as necessidades e potencialidades de cada sujeito.

Metodologia

Antes de iniciar o processo de caracterização da turma, foi necessário um plano metodológico para prosseguir com a recolha de toda a informação acima descrita. Assim, e mais especificamente para a turma do 12º13, consultámos a plataforma Place a que o nosso orientador nos deu acesso, para retirar informações gerais dos alunos da turma, como por exemplo: nome, data de nascimento, profissão dos EE, morada e nacionalidade.

Para a primeira aula do ano letivo, foi criada uma ficha de apresentação (figura 2) como forma de tirar algumas informações gerais da turma e gerar uma certa empatia com os alunos. A dinâmica de aula utilizada visou a interação entre os alunos, já que implicava, em género de entrevista, conhecer algumas informações sobre o colega.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE FRANCISCO FRANCO
DEPARTAMENTO CURRICULAR DE EXPRESSÕES
EDUCAÇÃO FÍSICA – 12º ANO



FICHA DE APRESENTAÇÃO 12 / 13

Nome que prefere ser chamado: _____

Idade: _____

Experiência marcante na sua vida: _____

Desporto que pratica: _____

Matéria de ensino que gostaria de abordar nas aulas de EF: _____

Figura 2. Ficha de Apresentação dos Alunos da Turma do 12º13

Para completar toda essa informação, seguimos uma metodologia transversal a todos os núcleos de estágio, com a aplicação de um questionário online inserido no projeto Educação Física nas Escolas da RAM – Compreender, Intervir, Transformar (EFERAM-CIT). O projeto geral contou com uma metodologia própria, concebida pelo Laboratório de Pedagogia do Desporto da UMa. Todavia, para a aplicação dos questionários nas turmas, definiu-se uma estratégia metodológica que facilitasse o processo.

Centrando-se na aplicação do questionário online do EFERAM-CIT, na primeira aula prevista para a aplicação do mesmo, estava planeado a realização dos testes motores referentes ao Projeto +90. Assim, após a turma ter passado por todo esse processo, seguiu para a sala do GD de EF da ESFF cinco dos alunos da turma, enquanto os restantes estavam na aula de EF.

Este procedimento foi seguido em duas aulas de 90 minutos, nos dias 18 e 19 de outubro de 2016. Após essa data, faltavam responder ao questionário dez alunos, realizado na aula de 25 de outubro de 2016, divididos em dois grupos de cinco elementos, em dois momentos consecutivos.

Deste questionário retirou-se, além das informações gerais já obtidas através do Place e da ficha de apresentação, a prática de AF ou desporto fora do contexto escolar, meio de deslocação para a escola e visão perante a escola e a EF. A informação recolhida foi analisada através do software Microsoft Office Excel 2016, sendo que de seguida foi realizado um relatório individual (anexo 3) com os valores de referência e os resultados dos alunos, executado via Microsoft Office Word 2016 e entregue aos alunos.

Cientes de que não basta apenas ter os dados de caracterização da turma, estes têm que ser suficientes e úteis para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, da metodologia utilizada uniformemente pelos núcleos de estágio do MEEFEBS selecionamos a informação que considerávamos ser a mais útil para conduzir este processo. Da recolha efetuada, ficaram dados por analisar mais ao pormenor, que poderá ser interessante examinar em futuros projetos ligados ao ensino, mas que não consideramos, no momento, relevantes para o processo de PL.

Dados Demográficos

A turma do 12º13 era constituída por 25 alunos (14 do género masculino e 11 do género feminino) com idades compreendidas entre os 16 e 18 anos (média de idades = 17 anos), sendo que a maioria pertencia ao concelho do Funchal (N = 17), os restantes deslocavam-se de concelhos como Santa Cruz (N = 5), Câmara de Lobos (N = 1), Ribeira Brava (N = 1) e Machico (N = 1).

O meio de deslocação selecionado pela maioria dos alunos foi o autocarro (N = 15), contudo existia 7 alunos que o seu meio de deslocação era a mota, sendo que 3 não responderam a esta questão, ficando-se sem conhecimento do seu método de deslocação.

Os primeiros dias de aulas permitiram retirar informações gerais sobre a dinâmica turma. No entanto, constatamos que esta dinâmica se veio a alterar significativamente ao longo do ano letivo, tornando-se progressivamente instável, fruto da adoção de comportamento desafiantes de alguns alunos.

Outro fator visível foi a existência de uma separação entre géneros, isto é, logo pela forma como se dispuseram para a aula de apresentação percebemos rapidamente a relação existente na turma.

Outro aspeto retirado da primeira aula foi a grande preocupação com a média final de secundário, observada na maioria dos alunos, pois grande parte da turma ambicionava ingressar o ensino superior em cursos como gestão ou economia, sendo que o seu foco eram as disciplinas de exame nacional. À partida, este aspeto demonstrava grande responsabilidade e interesse por parte dos alunos, o que poderia afetar a nossa intervenção e as nossas aulas já que, não sendo disciplina de exame, poderia ficar em segundo plano no que toca às prioridades dos alunos.

De facto, este receio inicial tornou-se visível ao longo de todo o ano letivo, demonstrado pelos alunos da turma que a disciplina de EF não passava de um complemento ao currículo do aluno, não tendo qualquer influência na nota final de ciclo, não se demonstrando totalmente interessados em respeitar e realizar todas as tarefas solicitadas.

Agregado Familiar

A partir do questionário online do projeto EFERAM-CIT, constatou-se a presença de quatro EE indicados como desempregados, sendo que para os alunos nesta situação e tendo em conta os tempos atuais, isto poderia mostrar-se um impedimento ou fragilidade para alguma atividade extracurricular ou para casos de falta de material. Apesar desta situação, durante o ano letivo, não identificámos restrições que pudessem ser atribuídas à situação económica do agregado familiar.

Sabe-se ainda que a maioria dos EE dos alunos da turma são empresários, tendo trabalhos na área da gestão e economia, tal como a maioria dos alunos ambiciona. É de indicar que apenas 6 dos alunos possuía apoio da segurança social, o que poderia indicar que os restantes provinham de classes económicas média / alta com base, igualmente, na profissão dos EE. No que toca à escolaridade dos EE, três alunos indicam o 2º ciclo, sendo que os restantes assinalam níveis de escolaridade superiores.

Atividade Física, a Escola e a Educação Física

De forma a completar a informação retirada da ficha de apresentação acerca da modalidade desportiva praticada pelos alunos, recorreremos às respostas fornecidas pelos mesmos no questionário online do EFERAM-CIT, verificando-se que 17 alunos praticam AF fora do contexto escolar, onde apenas 1 não o fazia sob a orientação de um professor / treinador / monitor / instrutor.

Dos que realizam desporto orientado por um profissional de desporto, encontram-se federados em desportos coletivos (futebol, futsal, basquetebol) onze dos alunos, em desportos individuais (natação, ginástica, dança) cinco e em desportos de combate (Mixed Martial Arts – MMA) apenas um aluno. Quanto à frequência da prática dessas atividades, os alunos referiram dedicar, semanalmente, mais de 3 horas à realização das mesmas. Os restantes indicaram a opção “nunca ou raramente” quando questionados se praticam alguma AF, fora do contexto escolar.

No que toca à participação no DE, 6 alunos participavam nas modalidades de voleibol, andebol, ginástica, futsal e badminton, cerca de uma vez por semana. Com o passar do ano letivo soubemos da permanência de apenas um dos alunos na modalidade de andebol. Aparentemente, e a razão indicada pelos desistentes, foram as médias de final do secundário, ou seja, teriam de dedicar mais tempo aos estudos, deixando o DE fora das suas tarefas semanais.

Ainda sobre a AF dos alunos, entre os dias 15 de fevereiro e 10 de março de 2017, foi solicitado que utilizassem um pedómetro, por uma semana, para termos um indicador da AF diária dos sujeitos. Esta intervenção foi inserida no projeto EFERAM-CIT, com o objetivo de medir o número de passos (Steps_day) realizados durante uma semana, a distância percorrida pelos alunos (Km_day), o número de calorias diárias que foi gasto (KCal_day) e os passos realizados de forma intensa (Aerob_Steps_day).

No nosso caso em concreto, apenas tivemos em conta o número de passos realizados diariamente, tendo como referência os 10 000 recomendados por Tudor-Locke & Bassett Jr (2004). Assim sendo,

obtivemos resultados acima do recomendado apenas em cinco dos nossos alunos. Contudo, importa realçar que nem todos os alunos utilizaram o aparelho toda a semana, por recusa própria ou por esquecimento, daí a variação de dados ser tão acentuada.

Quanto ao gosto que os alunos possuem sobre a AF, EF e a escola no geral, retiradas do questionário online do EFERAM-CIT, as respostas variaram entre “gosto mesmo muito” e “não gosto nada”. Assim sendo, verifica-se que 6 dos alunos não gostam muito da escola. Sobre a AF e EF a maioria da turma respondeu “gosto mesmo muito” (N = 8 e N = 5, respetivamente) e “gosto bastante” (N = 15 e N = 14, respetivamente), sendo que um dos alunos respondeu que não gostava nada da disciplina de EF.

Perante estes resultados, pareceu-nos estar perante um grupo de alunos que gosta de realizar AF e EF, sendo que alguns consideravam que a EF servia “para promover nos alunos estilos de vida ativos e saudáveis” (N = 10), 4 dos alunos apresentou como finalidade da EF o “libertar das energias, para que possam estar mais atentos nas outras disciplinas”, e 2 como forma de “proporcionar aos alunos momentos de descontração e divertimento”.

A resposta de que a EF serve para “promover nos alunos o desenvolvimento da autonomia e criatividade” foi obtida por 3 dos alunos e 2 optam pela “aprendizagem e aperfeiçoamento de técnicas desportivas”. Obtivemos ainda a resposta de 4 alunos que não têm uma opinião formulada acerca do papel da EF no currículo escolar.

As respostas obtidas sobre a AF e EF indicou-nos o estilo de aluno e a sua opinião sobre estes assuntos, mostrando-se motivador o número favorável de gostos pela AF e EF. Ao longo das aulas presenciou-se essa mesma motivação, principalmente por parte do género masculino. Contudo com algumas resistências nas situações criadas por nós. Tornou-se claramente observável que a posição dos alunos perante a EF era de libertar energias, como forma de recriação, contrariamente ao que muitos indicaram no questionário.

Esta informação foi-nos passada várias vezes, ao longo do ano letivo, por pequenos grupos de alunos, em que referiam que a EF não era uma disciplina importante, nem deveria ser dada a mesma valorização que as demais, acrescentando que não dariam o seu melhor ao longo das aulas pois não precisavam da disciplina para a sua média final e para concorrer ao ensino superior.

Infelizmente, não se voltou a aplicar o questionário no final do ano letivo, onde poderíamos verificar se as suas opiniões sobre o papel da EF se teriam modificado durante o nosso EP. Acreditamos que, para alguns dos alunos, essa visão foi alterada, conseguindo que estes valorizassem mais a disciplina em questão. Temos, no entanto, consciência que provavelmente a insegurança que evidenciámos na nossa intervenção educativa terá dificultado a alteração da atitude dos alunos relativamente à disciplina de EF.

Apesar de não termos dados concretos sobre este assunto em particular, consideramos, no entanto que o nosso papel foi fundamental na transmissão de conhecimentos e desenvolvimentos de competências nos alunos ficando apenas a perceção de que o trabalho efetuado por nós poderia ter sido melhor.

Seguindo para as aulas de EF especificamente ditas, a partir das respostas da ficha de apresentação retirámos informações sobre as matérias de ensino que os alunos gostariam que fossem abordadas nas aulas, destacando-se os desportos coletivos, como andebol e voleibol, bem como desportos de mar, como canoagem, Stand Up Paddle (SUP) e mergulho.

Este tipo de informação foi extremamente pertinente na medida em que permitiu a adequação do processo ensino-aprendizagem às motivações dos nossos alunos, valorizando-se desta forma o contributo dos mesmos. Assim a informação foi utilizada para a construção do PAT, lecionando ao longo do ano letivo atividades que se mostraram motivantes para os alunos.

Aptidão Física

A ApF foi avaliada através dos testes do projeto EFERAM-CIT e do Projeto +90, com a finalidade de colocar os alunos em valores correspondentes à zona saudável de ApF. Identificámos que a maioria dos alunos se encontra na zona indicada como saudável, nos testes de ApF aplicados, sendo que deviam ser trabalhadas, em mais pormenor, componentes como força dos membros superiores e resistência, em alguns casos.

Para aplicação da prescrição, após este diagnóstico, tomamos como estratégia o uso de exercícios que auxiliassem a atingir os níveis saudáveis de ApF nos momentos das aulas onde teriam alunos fora do dito exercício central, tornando-se igualmente uma forma de diminuição de comportamentos desviantes.

Mais especificamente no 2º período, dado a matéria de ensino lecionada (GA), os exercícios de fortalecimento muscular foram realizados no início de cada aula, auxiliando no decorrer dos exercícios. A matéria lecionada apelava à utilização do corpo para formar elementos de ligação com o próximo, sendo necessário que os alunos que se encontrassem em posições de base tivessem o controlo do corpo e a força suficiente para que não ocorresse acidentes por falta dessas componentes.

Assim sendo, estas eram trabalhadas através de exercícios como burpees, flexões de braços, abdominais, agachamentos, prancha, entre outros, de forma a aumentar o nível de força do aluno, como também de resistência, auxiliando no esquema propriamente dito da matéria de GA a que foi proposta aos alunos.

No caso da composição corporal, e perante os valores de referência utilizados para ambos os projetos de diagnóstico, apenas 3 alunos (2 do género masculino e 1 do feminino) se encontravam na zona de algum risco. Dois alunos apresentavam um Índice de Massa Corporal (IMC) acima do recomendado, classificada como sobrepeso. No outro extremo de IMC, abaixo da zona saudável, classificada como magro, identificámos um caso na turma.

Obviamente que, nestes casos, recorreremos à análise pormenorizada dos testes físicos e dos questionários aplicados, sendo que dois dos indicados como indivíduos com sobrepeso praticavam AF (mergulho e futebol) fora do contexto escolar, mostrando-se fisicamente ativos ao longo do ano letivo.

De referir que todos os casos indicados como preocupantes, ao longo do ano letivo demonstraram grande motivação e interesse pela AF, tendo indicações de que um dos indivíduos melhorou o seu IMC. No caso dos outros dois alunos não tivemos dados concretos da evolução ou não do seu IMC. Contudo tivemos o conhecimento da permanência dos mesmos em AF fora do contexto escolar.

A nossa intervenção nas aulas de EF para estes três casos em particular, passou por mantê-los motivados e interessados pela prática de AF, tentando que integrassem outras modalidades de forma a completar as que já praticavam.

Teria sido interessante aplicar, nestes três casos em específico, um programa de acompanhamento anual, com prescrição de exercícios adaptados às suas necessidades, para prática fora do contexto escolar. No entanto, devido à forte envolvimento dos mesmos em atividades extracurriculares e à pouca disponibilidade temporal que demonstravam, não foi possível colocar em prática outra intervenção para além das aulas de EF.

Avaliação Inicial

Após a caracterização da escola (macro) e da turma (micro) e antes de iniciar o PAT, foi necessário prosseguirmos com uma AI sobre as capacidades motoras dos nossos alunos, para retirar informações sobre o nível em que estes se encontram nas diferentes matérias de ensino. Assim, a AI trata-se de uma forma sistemática de recolha de informação, possibilitando ao professor o enquadramento dos seus alunos em diferentes níveis, para que seguidamente este possa tomar decisões constituintes de todo o processo ensino-aprendizagem (Ferreira, 2005).

Completando esta ideia apresentada, Simões (2014) acredita que a AI faz parte integrante do processo ensino-aprendizagem e deve apresentar-se como inovadora e desafiante para o aluno, sendo este o centro de todo o processo.

De acordo com Jacinto et al. (2001) e Ministério da Educação (2005) a AI é uma forma de recolha de informação que serve de base ao planeamento do professor, ou seja, permite a execução do PAT. Segundo os mesmos autores, no PNEF é clara a sensibilização para que a AI ocorra no início de cada ano letivo, tornando o professor mais assertivo nas decisões que toma, pois poderá enquadrar os seus alunos por níveis e ter o conhecimento das suas capacidades, potencialidades e necessidades.

Assim sendo, a AI para a turma do 12º13 foi realizada com base nas matérias definidas pelo GD de EF da ESFF, para o 12º ano, agrupadas em três aulas, de acordo com os grupos taxonómicos de Almada et al. (2008). Além das matérias de ensino propostas pelo grupo, foram utilizadas outras que solicitassem comportamentos idênticos, realizando uma AI em várias matérias de ensino, numa mesma aula.

Simplificando, para a AI utilizamos três aulas do nosso calendário escolar, de forma a que uma primeira aula fosse dedicada aos desportos coletivos, mais especificamente ao basquetebol, andebol e

futebol. Para estas matérias de ensino, criámos uma ficha de observação (anexo 4) sendo nosso objetivo observar a ocupação do espaço, progressão no terreno, domínio da bola e ações de cooperação.

Utilizando este tipo de observação poderíamos entrar numa incoerência com a taxonomia que definidos inicialmente, baseada nos comportamentos solicitados proposta por Almada et al. (2008). Contudo, era nosso propósito ter uma observação macro dos comportamentos e das ações dos alunos, sendo que tentámos unir ambas as metodologias, observando os diferentes aspetos. A aula para os desportos coletivos foi organizada em forma de estações, sendo realizados jogos reduzidos, sem condicionantes, para não influenciar a nossa AI.

Numa segunda aula realizamos a AI na base dos desportos de confrontação direta, contudo acrescentámos o voleibol, que sendo considerado por Almada et al. (2008) como desporto coletivo, optámos por aproveitar os recursos materiais e a disposição da aula, para inserir esta matéria de ensino na mesma que o badminton, ténis de mesa e o ténis de campo.

É de referir que o ténis de campo sofreu algumas adaptações, pois pelas regras do pavilhão desportivo (local disponível para a aula) não podíamos utilizar bolas de ténis de campo. Dado este entrave, avaliamos os alunos em aspetos como leitura do adversário e observação das suas ações, acrescentado a observação do tipo de pega utilizada e o seu modo. De modo a realizar a AI nesta aula criámos, tal como para os desportos coletivos, uma ficha de observação (anexo 5) a ser utilizada.

Numa última aula avaliamos elementos gímnicos essenciais para a matéria de ensino proposta para o 2º período (GA). Esta foi organizada em forma de circuito, onde todos os alunos passavam pelas várias estações, realizando o rolamento à frente e à retaguarda, o apoio invertido, elementos de flexibilidade e equilíbrio.

Nesta matéria foi observado se o aluno realizava ou não os elementos gímnicos, bem como em quais se sentiriam mais à vontade, já que na GA tinham a opção de selecionar os elementos que se mostrassem mais capazes de realizar. Estes aspetos constavam na ficha de observação (anexo 6) criada por nós, mas que devido à envolvimento direta nas ajudas dos elementos gímnicos e na aula propriamente dita, foi impossível a sua aplicação em contexto de aula.

Terminado o processo de AI, de PL e EP admite-se que muito do que planeamos e expetamos não foi tido em conta, faltando avaliar grupos taxonómicos do proposto por Almada et al. (2008). Se tivéssemos a oportunidade de, após pequenas reflexões, aplicar novamente o processo de AI, alterávamos aquilo que foi a nossa organização da aula, o que avaliamos e a forma como foi executado.

Assim, tendo em conta todo o processo de EP e após a realização da nossa ACPC (sobre qual nos focaremos nos capítulos seguintes), parece-nos mais rentável a organização da AI condicionada a apenas uma ou duas aulas de 90 minutos, focando a avaliação de aspetos particulares, como inicialmente tentámos.

Resumidamente, teríamos nos baseado em aspetos gerais das matérias de ensino a avaliar, tendo por base não só as matérias propostas pelo GD de EF, mas também as presentes no PNEF (Jacinto et al., 2001 e Ministério da Educação, 2005) seguindo as diretrizes por ele sugeridas. Organizando a aula por estações e englobando várias matérias de ensino, de diferentes grupos taxonómicos propostos por Almada et al. (2008), consideramos, tal como apresentado na ACPC, que se tornaria um processo simples, mas eficaz, servindo como base para a criação do PAT.

Com esta organização de aula poderíamos englobar as várias possibilidades de matérias que poderiam ser opção de escolha dos alunos, como sugere o PNEF (Jacinto et al., 2001), já que em anos terminais, os intervenientes do processo de ensino-aprendizagem podem decidir as matérias a abordar. Todavia, ao longo do nosso processo de AI, foram avaliadas as matérias ditas nucleares, propostas pelo PNEF (Jacinto et al., 2001) contudo, as alternativas foram um pouco esquecidas devido à nossa escassa capacidade de lidar com o processo, por falta de experiência e planeamento.

Novamente, pela nossa inexperiência enquanto docentes e a nossa pouca capacidade de observação, a ficha criada inicialmente não foi utilizada *in loco*, sendo retiradas informações gerais numa observação direta, que depois foi transcrita num documento geral para um trabalho prático posterior.

Dada a nossa experiência pessoal neste processo de AI, acreditamos que uma ficha de observação pormenorizada, para um primeiro registo, *in loco* das ações dos alunos, não se trata de uma metodologia com um custo / benefício favorável. Neste processo inicial estamos preocupados no controlo da turma e na observação dos comportamentos dos alunos, e não propriamente a registar, cuidadosamente, o que estes estão a realizar.

Acrescentamos ainda que, para o processo de AI, consideramos ser importante ter uma ideia geral do nível da turma, sendo possível dividir em pequenos grupos homogéneos, dependendo do que se pretende atingir. Acreditamos em não ser eficaz um registo pormenorizado de cada aluno, já que a AI serve, essencialmente, para um PAT e para nivelar os alunos de forma geral.

Além das informações das saídas motoras dos alunos, perante as matérias avaliadas inicialmente, foi nosso objetivo retirar informações comportamentais, identificando líderes e afinidades relacionais entre os mesmos, bem como as matérias que mais se identificavam. Estas informações tornaram-se relevantes para um trabalho futuro com a turma, na medida em que nos auxiliou no planeamento das nossas aulas.

No caso da avaliação da ApF, como já referido, recorreremos à aplicação dos dois projetos já falados anteriormente. De referir que o Projeto +90 pertence exclusivamente ao GD de EF da ESFF e o EFERAM-CIT é transversal a todos os núcleos de estágio do ano letivo corrente.

De ambos os projetos foram retiradas informações essenciais que serviriam como base para um trabalho individual com os alunos, contudo e apesar das tentativas, a prescrição dos exercícios para uma melhoria ou um manter dos níveis de ApF foi efetuada de forma geral, com base na AI realizada.

Admitimos que não nos foi possível uma individualização total do processo, devido aos inúmeros problemas encontrados perante os comportamentos dos alunos e a incapacidade de lidar com os mesmos.

Planeamento Anual de Turma

A gestão de um processo não deverá ser efetuada de forma rígida e pré-determinada, devendo-se introduzir dados e feedbacks consoante a evolução do indivíduo, sendo que o gestor tem a capacidade de reagir aos acontecimentos e adaptar-se às situações impostas pelo contexto, para tomar as devidas decisões de acordo com o problema que se depara (Almada et al., 2008).

Uma boa gestão exige do gestor um “*elevado conhecimento do fenómeno e dos fatores que o compõem*” (Almada et al., 2008, p. 201), bem como um planeamento e programação flexíveis. No caso específico da PL, o planeamento tratou-se de um procedimento orientador da lecionação das aulas, que conteve os objetivos a alcançar e como o fazer, sendo flexível e passível de qualquer alteração. O planeamento permite assim orientar o processo, possibilitando a potencialização de aprendizagens significativas aos alunos (Matos, 2010).

Posto isto, e baseando-se no PNEF, o PAT tem como objetivo planear a gestão do processo ensino-aprendizagem, com base na AI devendo ser reajustado de acordo com as informações da avaliação contínua (Jacinto et al., 2001). Outro fator a ter em conta na planificação anual para a turma diz respeito às características dos alunos, adaptando o planeamento às informações retiradas do processo de caracterização da turma. Acrescentando, o PAT deverá conter uma organização geral do ano letivo por etapas, isto é, por períodos mais reduzidos de tempo, tal como refere o PNEF (Jacinto et al., 2001), de forma a facilitar “*a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem*” (p. 30).

No PAT para o 12º13 (anexo 7), focamo-nos nos objetivos anuais que pretendíamos alcançar, na calendarização das aulas e nos conteúdos a serem abordados. Para cada etapa foram criadas UD que continha os objetivos específicos para cada período letivo, as matérias a serem lecionadas e as estratégias a utilizar, perante a avaliação efetuada no final de cada etapa.

No caso dos objetivos definidos no PAT, estes foram baseados nas necessidades, nos gostos e nas potencialidades dos alunos, consoante o observado em processos anteriores, sendo necessário a adaptação do PAT ao longo do ano letivo, com base na evolução dos intervenientes.

Esta etapa de planeamento demonstrou-se complexa para uma primeira fase do processo de EP, pois estávamos perante uma realidade desconhecida e para a qual disponhamos pouca experiência. Constatámos, então, que o planeamento inicial continha alguma ambiguidade que foi retificada posteriormente aquando da elaboração das UD seguintes.

Inicialmente cometemos alguns erros na planificação do ano letivo, ambicionando a realização de uma diversidade enorme de matérias de ensino, de modo a atingir objetivos gerais propostos. Ainda na fase de planificação, só após algumas reuniões com os orientadores, é que conseguimos seguir uma linha

orientadora e criar o nosso PAT, passando a ter objetivos e orientações mais claros. Com base nos objetivos definidos pelo PNEF (Jacinto et al., 2001 e Ministério da Educação, 2005) ao longo do ano letivo 2016 / 2017 pretendíamos alcançar objetivos com a turma do 12º13 relacionados com a AF e a sua prática diária. Assim, definimos como prioridades:

- (i) Promover um maior gosto pela AF – embora grande parte da turma praticasse AF, fora do contexto escolar, consideramos essencial definir este objetivo como primordial para estes alunos, pois estavam num ano terminal de escolaridade, sendo deveras importante a continuidade de um estilo de vida saudável. De forma a que este objetivo fosse cumprido, ao longo do ano letivo, pretendíamos oferecer um variado número de experiências desportivas aos alunos, que se demonstraram motivantes e diferentes das ditas tradicionais. A seleção de matérias teve por base os gostos da turma (análise das preferências e sugestões dos alunos), bem como nas matérias alternativas que consideramos essenciais para responder às potencialidades e necessidades dos alunos e as sugeridas pelo GD de EF.
- (ii) Diminuir comportamentos que afetassem o normal funcionamento da aula – facto observável desde a primeira aula do ano letivo, onde conseguimos identificar comportamento desvio e atitudes de resistência face às aulas e ao docente de EF. Nas aulas pretendíamos que houvesse um clima favorável à prática, sendo que para que tal se sucedesse. Acreditávamos que a lecionação de matérias de ensino motivantes proporcionaria um clima favorável para a prática, pois considerávamos que se os alunos se sentiram motivados e se identificassem com os conteúdos da aula, de forma a potenciar as aprendizagens dos alunos.
- (iii) Aumentar relações interpessoais dentro da turma – principalmente a partir da AI realizada, notamos a existência de uma divisão entre género. Sendo que foi nosso objetivo a diminuição dessa separação, aumentando as relações entre os alunos. Para tal objetivo ser alcançado, utilizamos matérias de ensino que enfocassem o contacto e a confiança entre os alunos (como por exemplo, a GA), bem como atividades que implicassem a cooperação e dinâmica de grupo, ajuda mútua e comunicação entre os elementos da turma.

De modo a cumprir os objetivos delineados, foram seleccionadas matérias de ensino que auxiliassem no alcance dos mesmos, seguindo-se a UD que traçaram o caminho a seguir até aos PA criados e as estratégias de ensino utilizadas ao longo do ano letivo.

Matérias de Ensino

A seleção das matérias de ensino, tiveram por base as propostas do PNEF para os alunos do 11º e 12º anos, sendo que nestes anos terminais é admitido que os alunos possam ter o poder de opção das matérias que serão abordadas durante o ano letivo. No entanto, é da responsabilidade do professor a determinação

das matérias efetivamente lecionadas após considerar os dados obtidos na AI e os objetivos terminais do currículo do aluno.

Considerando esta possibilidade de Jacinto et al. (2001) recorreremos, não só, ao apresentado pelo GD de EF da ESFF, mas também aos gostos e motivações dos alunos. Contudo não apresentando um conjunto de sugestões que poderiam ter completado a nossa AI.

Uma das matérias que poderíamos ter acrescentado à nossa AI era a orientação tradicional e funcional, matérias inseridas no grupo taxonómico de desportos de adaptação ao meio e pelas quais a escola tinha recursos materiais para as abordar. No entanto, optámos por não a inserir no currículo dos alunos, numa fase inicial, por falta de confiança e preparação, e posteriormente, devido aos problemas no controlo da turma e à demonstração de pouco interesse por parte dos alunos.

Tendo por base o alcançar dos objetivos delineados para a turma do 12º13, definimos matérias de ensino que acreditávamos ser uma ferramenta essencial para que os alunos fossem capazes de se aproximar do pretendido. Assim sendo, e de forma a não deixar de parte o definido pelo GD de EF da escola, no 1º período as matérias de foco foram o basquetebol e o voleibol, passando para o 2º período a GA e o ténis de campo, sendo que o 3º período foi centrado no futebol.

Isto não quer dizer que apoiamos um ensino por blocos, até porque as aulas foram organizadas em estilo politemático, isto é, numa mesma aula, os alunos passavam por diversas matérias de ensino, em que os comportamentos exigidos eram idênticos ou distintos, dependendo do objetivo geral da aula. De realçar que apenas as matérias de GA e ténis de campo, devido à sua especificidade e às características da escola, em termos de recursos materiais e instalações, tiveram que se restringir ao 2º período letivo. As restantes, e acrescentando outras matérias, foram abordadas ao longo do ano letivo.

Optamos pela inserção de matérias como o andebol, frisbee, corfebol, canoagem, SUP, madeirabol e MMA, pois foram matérias de interesse apontadas pelos alunos na aula de apresentação. Contudo, inicialmente, tínhamos selecionado e ambicionado a leção de outras matérias de ensino, como o caso do Padel, que devido a problemas comportamentais da turma e o facto de estar a ser lecionada em instalações cedidas por um clube, consideramos preferível não a realizar.

Ao apoiar a tese de que um maior leque de experiências, em termos de atividades, aumentaria o gosto dos alunos pela AF e a sua prática fora do contexto escolar, e dada a oportunidade de abordar uma matéria de ensino ligada aos desportos de combate, programamos uma aula, em parceria com o clube *Knuckle Heads*, na base do MMA e defesa pessoal, com a orientação do treinador do clube. Esta aula incluiu as turmas que tinham EF no mesmo horário que o nosso, sendo estas do 10º e 11º ano de escolaridade, servindo, não só, como uma potencialidade para o 12º13, como também para os restantes alunos.

Para a realização desta aula, entramos em contacto com o treinador do clube em questão, explicando-lhe que o nosso objetivo era proporcionar aos alunos uma visão do que era o MMA, passando pela defesa pessoal, dando aos alunos outra experiência em termos de desporto de combate.

Esta ideia surgiu pelo facto de um dos alunos da turma praticar esta modalidade e por este ser aparentemente um aluno fragilizado por ter sido, em anos anteriores, vítima de *bullying* dentro da turma. Perante este enquadramento, considerámos que esta seria uma forma de o aluno se expressar positivamente e uma boa estratégia para que se sentisse integrado e valorizado, acreditando desta forma se facilitariam a criação de laços de amizade e formas de cooperação entre o aluno e os colegas.

Para um maior envolvimento do aluno com os colegas da turma e com as restantes turmas, solicitamos ao treinador que o interessado auxiliasse nos exercícios propostos, fornecendo alguns feedbacks, enquanto praticante da modalidade, aos colegas, de modo a ajudá-los na prática da atividade.

Apesar dos esforços e de termos cumprido, em parte, com os objetivos delineados para a aula e para o aluno, constatámos que, com o passar do ano letivo, o aluno começou a evidenciar um comportamento abusador e inapropriado em várias aulas de EF, comprometendo e influenciando negativamente o comportamento dos colegas.

Outras matérias alternativas foram abordadas ao longo do ano letivo, inclusive a atividade de canoagem e SUP, inserida na Semana Náutica da ESFF e na AEC organizada pelo núcleo de estágio da escola. Estas matérias foram opção de escolha dos alunos da turma, como atividade a realizar fora do contexto escolar, sendo que, como forma de fomentar o gosto pela AF e oferecer novas experiências aos alunos, decidimos recorrer a estas potencialidades.

Uma outra matéria solicitada pelos alunos e que demonstrou grande interesse por toda a turma, terá sido o Madeirabol. Inicialmente, sentimo-nos um pouco receosos pelo facto de que poderia não ser muito atrativo, principalmente para o género feminino, devido às suas particularidades. Contudo, e surpreendentemente, a turma no geral, aceitou e aderiu à matéria de ensino, permitindo o desenvolvimento de habilidades motoras diferentes das que estavam familiarizados.

O Frisbee foi também uma das matérias de ensino abordadas ao longo do 1º período, por estar inserida na nossa ACPI e querermos experimentar na turma se esta seria uma matéria de ensino motivante para os alunos. De facto, ao ser praticado por um objeto diferente do habitual, demonstrou interesse aos alunos, provocando grande empenho na aula, com o interesse de experimentar o objeto de jogo das mais diversificadas formas.

A nossa intervenção pedagógica e a abordagem das matérias de ensino programadas, terão sido afetadas pelas características da turma, pelos comportamentos desviantes por nós detetados e pelas resistências dos alunos perante os exercícios solicitados, bem como pela nossa falta de controlo da turma e insegurança perante a nossa intervenção pedagógica. Contudo, acreditamos que as matérias lecionadas acrescentaram conhecimentos aos alunos, notando-se gosto e motivação, principalmente no ténis de

campo, garantindo que esta seria uma boa atividade para praticar fora do contexto escolar, em estilo de lazer.

As matérias lecionadas tornaram-se uma mais valia para a formação do aluno, na medida que implicou a execução de diferentes comportamentos dos solicitados por matérias ditas tradicionais. Foram lecionadas matérias de ensino que se mostraram novas no reportório prático dos alunos, aumentando o leque de atividades possíveis e que se mostraram capazes de realizar.

Consideramos ainda que, apesar de não termos colocado em prática todas as matérias previstas no PAT, foi possível atingir os objetivos de uma forma geral, através das matérias selecionadas e realizadas, demonstrando serem motivantes e interessantes para a maioria da turma.

Caso os comportamentos perturbadores da turma não fossem superiores ao nosso nível de segurança, em termos de intervenção pedagógica, acreditamos que seria possível aumentar ainda mais o leque de atividades a realizar ao longo do ano letivo, com base nas potencialidades das próprias matérias e na disponibilidade motora dos alunos. Matérias como o Padel teriam sido uma mais valia para um incremento do reportório motor e dos interesses dos indivíduos, tratando-se de uma atividade de fácil prática fora do contexto escolar, que possivelmente despertaria o gosto pela AF aos alunos.

Unidades Didáticas

Após o PAT, contruímos as UD com base nas matérias a lecionar e nas necessidades e potencialidades dos alunos ao longo do ano letivo, fundamentadas em processos já referidos anteriormente, servindo como uma orientação micro para a nossa intervenção pedagógica.

No processo de ensino-aprendizagem, as UD tornam-se um elemento fundamental de planificação do caminho a percorrer pelo professor. A UD é considerada uma ferramenta de trabalho específico do professor, que o auxilia na organização e sistematização da abordagem de conhecimentos, habilidades e valores de educação formal, com o objetivo de desenvolver aprendizagens significativas aos alunos (Damis, 2006). Completando, Carmona (2012) refere que a UD engloba as atividades que o professor pretende realizar com os seus alunos, de forma a que funcionem como instrumentos e estratégias de ensino.

Recorrendo ao proposto por Damis (2006) uma UD deve conter uma justificação da mesma, seguindo-se de uma caracterização da turma e caracterização da escola. Para completar, a UD deve incluir a organização das matérias de ensino, definindo as metas a atingir e as estratégias a seguir, sendo que no final é proposto a inclusão dos critérios de avaliação e o seu método.

No caso da nossa UD, tivemos em conta as sugestões de Damis (2006), iniciando-se a construção de uma UD por matérias de ensino. Contudo, após algum tempo de pesquisa e reflexão e perante os recursos que tínhamos disponíveis e as necessidades dos alunos, optámos por criar uma UD que nos ajudasse a ir

ao encontro dos objetivos que pretendíamos alcançar, contendo as matérias a lecionar, subdividindo-as por período letivo.

Assim, a nossa UD focou-se, essencialmente, em objetivos e comportamentos a alcançar com a turma do 12º ano, utilizando para isso as matérias de ensino propostas pelo GD de EF, para este ano de escolaridade. Foram abordadas ainda atividades propostas pelos alunos da turma, aproveitando ao máximo a distribuição de instalações pelo GD e os recursos adjacentes à escola.

Ao longo das aulas, era expectável centrarmos o nosso processo no aluno e no seu domínio pessoal, relacional e espacial, através de aulas politemáticas e monotemáticas. Terá sido nosso propósito ir ao encontro do planograma da escola (matérias propostas pelo GD de EF para o 12º ano) e das motivações e necessidades dos alunos (com base na ficha de apresentação e AI).

Portanto, planeamos o nosso ano letivo subdividindo-o por períodos letivos, com base no nosso calendário escolar, aprovado pela SER e obtendo um total de 62 aulas de 90 minutos, sendo 24 no 1º período, 25 no 2º período e 13 no 3º período letivo. Apenas uma das matérias de ensino foi realizada fora do horário da aula de EF, tendo sido solicitada à professora de matemática a cedência da sua aula e a sua participação na atividade de canoagem e SUP. As restantes matérias de ensino foram todas lecionadas no tempo letivo previsto, não sendo necessário nenhum ajuste de horário.

Posto isto, a nossa UD foi dividida em cinco seções: (1) justificação da UD; (2) UD da AI; (3) UD do 1º período; (4) UD do 2º período; e (5) UD do 3º período. No caso específico das UD por período letivo, estas englobaram os objetivos a desenvolver com a turma; as matérias a lecionar; os objetivos imediatos e exercícios base; as estratégias a utilizar; os critérios de avaliação; e um balanço geral da UD e do período.

Assim, a UD auxiliou-nos no planeamento das aulas de cada período, abordando os aspetos essenciais a serem desenvolvidos ao longo deste, não esquecendo o PAT, as características da turma e a AI efetuada. Numa fase inicial sentimos grandes dificuldades em elaborar UD adequadas, ficando as iniciais longe do desejado, pois não eram cumpridos os propósitos da sua construção. Após reuniões e reflexões com os nossos orientadores, conseguimos chegar a um consenso e definir um caminho a seguir para a construção da nossa UD, dando origem ao documento apresentado no anexo 8.

A construção da UD mostrou-se fundamental, não só como forma de organização da PL, mas também na aquisição de competências a nível organizacional e de gestão de recursos, seleção de conteúdos, definição de objetivos, dinamização de exercícios e avaliação do processo.

Como o processo de EP é uma continuidade de processos e tarefas, muita da informação foi ocultada na UD, mas encontra-se ao longo deste relatório. Falamos no caso do PAT ou até mesmo na caracterização da turma, aspetos fundamentais para a construção de uma UD, que estiveram presentes ao longo do EP e serviram de base para a construção da UD, não estando transcritos na mesma.

Planos de Aula

A aula é a “*forma predominante de organização do processo de ensino*” (Libâneo, 1990, p. 241) onde criamos as situações para os alunos alcançarem os objetivos delineados, de forma a que assimilem ativamente conhecimentos e habilidades, bem como desenvolvam as suas capacidades cognitivas.

Assim, surge o PA como um elemento de planejar o ensino, onde são especificados e sistematizados os tópicos apresentados nas UD e PAT, como forma de preparação, que servirá para orientar o professor (Libâneo, 1990). O mesmo autor propõe uma organização de PA baseada na descrição do objetivo do exercício, nos conteúdos a serem abordados e no desenvolvimento metodológico a seguir.

A organização sugerida por Libâneo (1990) podia facilmente ser adaptada para a disciplina de EF. Sendo assim, o nosso PA foi constituído pelo objetivo, o exercício que planeávamos executar e a sua descrição, bem como os comportamentos solicitados com o mesmo, acrescentando ainda algumas variantes que poderíamos introduzir, aquando da lecionação (anexo 9).

De forma a especificar cada um dos setores do PA, tínhamos o exercício a realizar com a turma e a descrição do mesmo, sem condicionalismos, sendo o chamado exercício de base. De seguida, fazíamos referência aos objetivos e comportamentos que pretendíamos alcançar com a utilização do referido exercício, que dependendo do alcance ou não desses comportamentos, eram aplicados condicionalismos e alterações aos exercícios de base, denominadas por nós como variantes.

Para uma melhor orientação do nosso trabalho, o PA continha ainda os recursos materiais necessários para a aula, bem como o tempo previsto para cada exercício, sabendo antecipadamente os recursos materiais e temporais que disponhamos.

A estrutura de PA adotada foi semelhante tanto para a turma do 12º13 como do 6º1, servindo para orientar o nosso trabalho com as turmas, adaptando o conteúdo que transcrito, tendo por base os objetivos que pretendíamos alcançar com os alunos de cada ciclo de ensino.

Contudo, nem sempre o nosso PA seguiu esta estrutura, apoiando-se no adquirido por nós ao longo dos anos anteriores de formação, e acreditando que o PA deveria conter o máximo de informação possível, começamos por construir um documento demasiado descritivo e extenso, perdendo-se imenso tempo na planificação de uma única aula.

Assim, começou-se a refletir e a imaginar como seria se estivéssemos a lecionar a mais de uma turma, como acontece em situações escolares reais, ao discutir o assunto com os orientadores, prosseguimos para um PA mais reduzido, que continha o essencial para orientarmos a nossa intervenção pedagógica.

De forma simples e contendo o essencial para nós, o produto final do nosso PA não nos retirava muito tempo a ser criado e auxiliou-nos, ao longo do ano letivo, a seguir com as nossas tarefas docentes. Este era acompanhado de reflexões diárias realizadas após a lecionação das aulas, como forma de aperfeiçoar ou reforçar aspetos tanto do plano de aula como da lecionação dos conteúdos.

Ao iniciar o processo de ensino-aprendizagem, surgiu-nos a preocupação de cumprimento dos tempos previstos no PA para cada exercício planeado, o que nos retirava atenção de outros aspetos que se passavam na aula. Com o passar do tempo, começámos a não nos focar tanto no cumprimento em termos temporais, mas sim nos objetivos que pretendíamos alcançar na aula, em termos gerais e específicos.

A nível da lecionação das aulas, referir que muitas vezes o que estava previsto no PA não foi cumprido. Todavia, sendo este documento um plano para orientação do professor, tem como característica a flexibilidade e adaptação consoante a resposta fornecida pelo aluno e a capacidade de o professor observar e decidir se deve ou não alterar o exercício, de modo a atingir o pretendido.

O nosso PA demonstrou ser uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo que consideramos não ser necessário um documento tão extenso e pormenorizado, como inicialmente estávamos a planear. O PA deve conter os aspetos essenciais, tendo consciência de que o docente deve ter conhecimento do exercício que vai aplicar e das variantes que pode inserir, dependendo da evolução ou das dificuldades dos alunos.

Intervenção Pedagógica

O processo de intervenção pedagógica só é possível se for criado um conjunto de estratégias para um melhoramento em termos de eficácia pedagógica. Uma eficácia pedagógica pressupõe um professor eficaz, que segundo Albuquerque (2010) facilita a atividade mental dos alunos, permitindo a construção de novos conhecimentos, a partir da reconstrução e reorganização que estes já possuem. Sendo assim, um ensino eficaz oferece ao aluno uma ajuda contingente, sustentada e ajustada ao seu nível (Albuquerque, 2010).

Assim, ao longo da nossa intervenção pedagógica tentámos atingir esse ensino eficaz, sendo que não foi cumprido, por completo, devido a várias estratégias que não resultaram e a diversas variáveis que não fomos capazes de dominar totalmente.

A intervenção pedagógica, como o próprio nome indica, trata-se da componente do estágio onde agimos de forma a promover a aprendizagem aos alunos. Todas as tomadas de decisão efetuadas ao longo deste processo foram da responsabilidade do próprio professor estagiário, tendo a orientação dos professores científicos e cooperantes.

Como era de esperar, este processo despertou em nós uma série de sentimentos e reações, nomeadamente o aparecimento da ansiedade e a dúvida de como agir perante as situações de aprendizagem e os alunos, pois tratava-se da primeira vez que estaríamos perante uma turma, em contexto escolar.

De forma a diminuir esses sentimentos, iniciámos o processo com um planeamento do ano letivo, prosseguindo para os planeamentos micro, sendo que na fase de lecionação das aulas tivemos em conta as

estratégias a utilizar, o método e o modelo a adotar, dependendo das características da turma, do meio envolvente e das matérias a lecionar.

Cada aula era uma aula, e apareciam variáveis diferentes para resolver, desde o comportamento dos alunos até uma falta de presença, fariam com que o nosso PA pudesse sofrer alterações e tivéssemos que agir diferente do planeado. As variáveis encontradas em aula serviam como forma de nos adaptarmos às situações, no momento da ação, tendo poucos segundos para decidir o que fazer, formando assim estratégias de ensino para um melhoramento do processo de ensino-aprendizagem.

Iniciando o processo, foi notório logo na primeira aula, a irreverência e o comportamento dos alunos da turma do 12º13, que não se mostrou fácil de lidar e controlar. Perante tal observação, o orientador cooperante propôs que mudássemos de turma, prosseguindo o EP com a sua direção de turma. Contudo, e apesar de considerar que seria importante passar pelo papel de diretora de turma, nesta fase de formação, não aceitamos a mudança, seguindo com a lecionação ao 12º13, cientes de que teríamos um grande desafio pela frente.

Este desafio durou todo o ano letivo, com altos e baixos, sendo que nem sempre foi um processo simples de realizar, deixando que muitas das vezes a persistência e o mau comportamento dos alunos afetasse a lecionação das aulas.

A adoção de estratégias que proporcionassem um clima favorável para a aprendizagem dos alunos foi uma preocupação constante durante o ano letivo, mas de certa forma desgastante e inadequadas pois demonstraram ser demasiado liberais, deixando os alunos tomarem decisões que apenas poderiam pertencer ao professor.

Ao longo do 1º período, e dado que se tratou do início deste trajeto, estávamos com receios e falta de confiança no que toca à lecionação das aulas, chegando a um ponto em que todas as estratégias que encontrávamos e aplicávamos parecia não resultar para a turma do 12º13. Entre pesquisas e reuniões com os orientadores, tentámos aplicar algumas das sugestões e ir de encontro aos gostos e necessidades dos alunos, havendo sempre oposições ao sugerido em aula, dificultando a nossa tarefa enquanto professores.

De entre as estratégias adotadas, enumeramos o facto de as aulas terem sido maioritariamente organizadas de forma politemática, havendo necessidade, de acordo com a matéria, os objetivos e as instalações disponíveis, a lecionação de aulas monotemáticas.

Pretendíamos subdividir os alunos em grupos, de acordo com o nível que se encontravam, com base na AI efetuada, mas as resistências e negações por parte dos alunos tornaram-se entraves ao sucesso de implementação desta estratégia. A criação dos grupos era realizada aquando do PA, para que se reduzisse os tempos de espera e aumentasse o tempo de prática efetiva na aula, não sendo possível a prática efetiva do planeado.

No caso dos exercícios a utilizar, inicialmente focamo-nos na abordagem das matérias de ensino através de jogos reduzidos e condicionados, acreditando que esta seria uma forte fonte de motivação para

os alunos. Todavia, a percepção que tínhamos inicialmente não foi efetivamente sentida, demonstrando ser motivo de revolta e desmotivação para os alunos da turma, não conseguindo ser suficientemente assertivos e autoritários na prescrição de exercícios aos alunos.

Todas estas negações e persistências acabaram por expor as fragilidades e inseguranças que tínhamos enquanto docentes, e agravadas pelo facto de não nos sentirmos completamente à vontade com as matérias de ensino selecionadas para serem abordadas no 1º período e de os alunos demonstrarem uma certa habilidade e conhecimento das mesmas.

No período letivo inicial, foi notória a tentativa de introduzir um estilo de ensino mais autoritário, para uma diminuição dos comportamentos de desvio, passando-se para um estilo de ensino mais liberal. Contrariamente ao pretendido, esta estratégia fez com que a nossa presença em aula fosse colocada em causa devido à alta autonomia dada aos alunos. A situação agravou-se com os poucos fornecimentos de feedbacks e a pouca prescrição individual de exercícios, indo ao encontro apenas dos gostos dos alunos, adotando como estratégia de ensino o jogo formal. Esta tomada de decisão mostrou ser o método de ensino que os alunos se identificavam e se motivavam, não demonstrando comportamentos que comprometiam o funcionamento da aula.

Utilizando o jogo formal poderíamos perfeitamente ter atingido um conjunto de objetivos e ter potenciado esta ferramenta de ensino. Contudo limitamo-nos ao jogo sem introduzir grandes variáveis, embora com intenção de promover no aluno a leitura do adversário e cooperação com o colega, próprio dos desportos coletivos, não estaríamos diretamente a promover conteúdos que poderiam ser melhorados com a introdução de condicionantes de jogo.

Dado que, através do jogo formal conseguíamos um clima de aula favorável, para os desportos coletivos esta foi a estratégia que melhor se enquadrava para a resolução dos problemas comportamentais. Todavia, não nos podíamos ter deixado ficar na nossa zona de conforto, pois concordando com o referido por Lopes (2015) *“se não sairmos da zona de conforto (...), é bem possível que estejamos a condicionar e mesmo a impedir o completo desenvolvimento das capacidades e potencialidades de cada um”* (p. 35).

Por receio de correr riscos e por insegurança na docência das matérias, por erro próprio e por medo de nos expormos, reduzimos a probabilidade de desenvolver capacidades e potencialidades dos alunos. Principalmente o género masculino, na sua maioria já com alguma vivência nos desportos coletivos, não adquiriu, nem acrescentou mais valias a lecionação destas matérias nas aulas de EF.

No início do ano constatámos que as nossas alunas não demonstravam motivação para as matérias de desportos coletivos, manifestando pouco à vontade e alguma resistência em integrar equipas mistas. Neste sentido e com o objetivo de encontrar estratégias que melhor se adequassem ao desenvolvimento das suas capacidades, optámos por organizar os grupos trabalho e as equipas, por género, conseguindo assim que as alunas tivessem, não só, maior empenhamento motor e adquirissem habilidades e conceitos básicos das matérias, como também criassem gosto e motivação para a sua prática em contexto escolar.

Estamos conscientes que esta estratégia de alguma forma pode ter comprometido e dificultado o cumprimento do objetivo definido no PAT “aumentar relações interpessoais dentro da turma” entre géneros, mas consideramos que a opção foi a mais adequada face às grandes diferenças encontrada ao nível das habilidades de cada género. Com esta medida registaram-se sobretudo ganhos ao nível da motivação, em ambos os géneros.

Ao terminar o 1º período, após uma fase de não aceitação, por parte de alguns elementos da turma, de uma professora estagiária a lecionar as aulas de EF, levando a comportamentos de desvio, conseguimos ganhar a confiança e a aceitação por parte dos alunos, parecendo que a situação dos comportamentos estava resolvida.

A estratégia da utilização de jogos formais, sem condicionalismos, nos desportos coletivos, se por um lado fez com que os alunos se sentissem motivados para a aula de EF, por outro, colocou em causa a figura do professor, fazendo passar a ideia de que este tinha um papel pouco ou nada significativo na aula, o que poderá ter contribuído para reforçar a ideia errada, de alguns alunos, de que a aula de EF é um local de libertação de energias.

Iniciando o 2º período, as matérias de ensino pareciam ser ainda mais desafiantes que o próprio comportamento dos alunos, pois possuíamos muito pouco conhecimento teórico e prático das matérias definidas pelo planograma do GD de EF (ténis de campo e GA).

Apesar dos receios iniciais, foram englobadas no PAT por considerarmos potencialidades para os alunos, aumentando o leque de possibilidades de AF a realizar fora do contexto escolar. Terminamos o ano letivo com a ideia de que estas foram as matérias que mais se destacaram pela positiva, para a turma.

Foi tomada como estratégia o facto de os grupos de trabalho serem seleccionados pelos alunos, já que no 1º período sendo os grupos / equipas de trabalho previamente planeadas demonstrou ser uma condicionante para o funcionamento das aulas e a motivação dos alunos. Este facto fez com que a turma estivesse dividida por género, não propriamente por nível de aprendizagem. Contudo, notou-se uma melhoria, por parte de alguns elementos da turma, em termos comportamentais e de aceitação dos exercícios propostos.

A cada aula foram nomeados alunos responsáveis por levantar e depositar o material necessário à funcionária do pavilhão, sendo que eram avisados previamente das suas tarefas, de modo que não houvessem atrasos no momento da aula. Apesar de numa fase inicial esta medida não ter sido bem aceite pelos alunos, após ter sido explicado que a mesma era necessária, face ao elevado número de material utilizado em cada aula, passou a ser aceite e os próprios alunos começaram a se responsabilizar pela ordem e transporte do material. Consideramos que a motivação dos alunos para a prática das matérias de ensino em questão foi um fator importante para a otimização desta dinâmica.

No caso do ténis de campo, adotando o método de ensino *Play + Stay*, proposto pela Federação Internacional de Ténis, citado pelo site oficial da Federação Portuguesa de Ténis (2017) mostrou ser

motivante para os alunos, onde o objetivo principal era o jogo, adquirindo conhecimentos do ténis de campo através de situações jogadas. Poderíamos ter explorado um pouco mais este método de ensino, mas o escasso tempo disponível não nos permitiu uma pesquisa mais aprofundada.

Para a GA, estávamos com enormes receios na sua leção à turma do 12º13, perante os comportamentos evidenciados no 1º período e os feedbacks que os alunos iam transmitindo sempre que falávamos desta matéria de ensino. Outro aspeto que nos ajudou no receio instalado foi o facto de que, em termos pessoais, nunca termos experienciado esta matéria de ensino ao longo dos anos de EF.

Contudo, e apesar dos receios, para a leção das aulas foi utilizado o estilo de ensino de descoberta guiada, onde foram dados aos alunos vários documentos de elementos da GA e ligações dos mesmos, que durante as aulas, experimentavam, criando um esquema de grupo, apresentado à turma no final do 2º período. O papel do professor foi de fornecimento de feedbacks, correção de posturas e auxílio nos elementos que demonstravam maior dificuldade.

Na primeira aula de GA foi necessária uma abordagem em estilo comando, devido às especificidades e aos cuidados a ter nesta matéria, sendo transmitidas informações de segurança e diversos exercícios de elementos da GA que os alunos vivenciaram, de forma a experimentarem e a exporem as suas dúvidas, individualmente e em grupo.

Ao longo deste período letivo, a leção de aulas politemáticas, com matérias como o basquetebol e GA, estiveram presentes, de forma a tornar a leção das aulas motivantes e com alto envolvimento por parte dos alunos. A estratégia de utilização destas duas matérias de ensino na mesma aula, aparentemente sem nenhuma característica semelhante, surge na lógica de adaptação do aluno à mudança, apelando à sua atenção em ambas e domínio de si mesmo.

Inicialmente, receamos que o facto de introduzir uma matéria motivante para os alunos (basquetebol) com uma matéria vista como desmotivante pelos mesmos (GA) poderia acarretar problemas na mudança de exercício. Contudo, ao longo do processo, a GA demonstrou ser uma matéria motivante, pelo facto de serem os próprios alunos a construir, dando-lhes oportunidade de serem autónomos e mostrarem o seu trabalho contínuo.

Terminamos o 2º período com a sensação de que a questão comportamental não se demonstrou um problema em termos de intervenção pedagógica, acreditando que a seleção das matérias lecionadas tornou-se um ponto essencial para a redução destes comportamentos. Já no 3º período, alguns comportamentos perturbadores do funcionamento da aula e de confronto com o professor, voltaram a gerar problemas. Uma vez mais, acreditamos que a falta de conhecimento das matérias de ensino lecionadas e o conhecimento por parte dos alunos da mesma, tratou-se de uma condicionante que não soubemos lidar ao longo da nossa intervenção.

Para as situações mais problemáticas, em termos comportamentais, mais precisamente para as matérias de ensino ligadas aos desportos coletivos, não nos poderíamos ter deixado intimidar com os

conhecimentos e habilidades demonstradas pelos alunos, sendo que deveríamos ter aproveitado essa potencialidade para auxiliar os que demonstravam ter mais dificuldades nessas matérias, respondendo assim de forma mais eficaz às necessidades dos alunos.

Apesar da nossa lecionação estar direcionada para o aluno, na medida que fomos ao encontro do que estes gostavam e se motivavam, não criámos formas de estes evoluírem nos desportos coletivos. No entanto, acreditamos que no 2º período esse cenário se alterou com a lecionação das matérias de ensino propostas no planograma do GD de EF.

Assim, consideramos que no 2º período, conseguimos cumprir com os objetivos definidos no PAT: maior gosto pela AF (o ténis de campo mostrou ser uma mais valia e uma potencialidade para ser praticado fora do contexto escolar, de grande interesse por parte dos alunos) e diminuição dos comportamentos que afetem o normal funcionamento da aula.

Foi possível igualmente a observação da interajuda dentro dos grupos de GA e entre os diferentes grupos, havendo a solidariedade e a ajuda mútua perante elementos gímnicos mais complicados, sendo que as relações interpessoais sofreram algumas alterações ao longo deste período.

Admitimos, portanto, que a maior dificuldade sentida na intervenção pedagógica à turma do 12º13 foi a questão comportamental e o controlo da turma, principalmente na lecionação dos desportos coletivos. Não melhorando ao longo do ano letivo, tornando-se questionável a eficácia do nosso papel enquanto docentes neste contexto. Apesar disso, a lecionação de matérias de ensino como o ténis de campo e a GA mostraram-se uma mais valia em termos de ferramenta pedagógica, sendo matérias de grande interesse para estes alunos.

Completando as estratégias utilizadas ao longo do 1º e 3º período, para que não aumentassem os comportamentos perturbadores aquando da presença de tempos de espera, foi solicitado que estes realizassem tarefas extra, de forma a trabalhar componentes da ApF.

Foi criada uma ficha de registo (anexo 10), para que os alunos registassem o número de repetições que realizavam em cada componente, sendo que o objetivo era uma melhoria no número de repetições, aula após aula. Já no 2º período, estes exercícios eram realizados no início da aula, como forma de preparação do corpo para seguidamente efetuarem os elementos gímnicos do esquema de GA, introduzindo ainda elementos de flexibilidade.

Voltando às primeiras aulas do ano letivo, é de referir a forte motivação dos alunos do género masculino para a prática de AF, notória no facto de que mal chegavam ao pavilhão, retiravam o material do suporte, e iniciavam a prática sem autorização do professor. Este aspeto mostrou-se perturbador sempre que queríamos iniciar a nossa aula, pois quando pretendíamos que devolvessem o material, estes não respeitavam o pedido, tornando a nossa intervenção e controlo da turma difícil.

Para resolver esta questão, optámos por não utilizar demasiados materiais nas aulas, sendo que todos os necessários eram colocados num saco e os alunos só tinham acesso quando dávamos início à sessão de

aula. Podíamos ter resolvido o problema de outra forma, aproveitando a motivação para a prática e iniciando logo a aula com tarefas individuais ou coletivas, à medida que os alunos começavam a chegar ao pavilhão.

De modo a facilitar a comunicação entre professor / alunos, ao iniciar a aula era solicitado que os alunos se sentassem no chão, de modo a que tivéssemos visibilidade para todos e que recebessem a informação. Esta estratégia foi adotada para ambas as turmas (12º13 e 6º1), sendo bem aceite e resultando com a turma do 2º ciclo. Para o secundário, muitas das vezes os alunos sentiam-se inferiorizados, não gostando do tratamento numa fase inicial, acabando por a respeitar e cumprir ao longo do ano letivo.

Uma outra estratégia de comunicação, aplicada com a turma do 12º13 foi a sua divisão em grupos ao longo das aulas, para o fornecimento de feedbacks. Sendo que, estrategicamente, foram utilizados líderes para comunicar o solicitado, fazendo com que estes transmitissem a informação aos restantes membros e minimizando os descontentamentos perante o que era solicitado.

Quando era necessário um feedback individual, o aluno era chamado à parte, para transmitirmos o nosso feedback de forma a que este fosse aceite e não expondo o aluno à turma.

Passando para a turma do 6º1, apesar de as questões comportamentais dos alunos ser a maior queixa dos restantes professores estagiários, não se demonstrou um problema nem um entrave à lecionação das cinco aulas previstas. Conseguindo manter o controlo da turma quando necessário, levando os alunos a atingir os objetivos definidos inicialmente no PA e transmitidos pelo professor cooperante.

Na turma do 2º ciclo foi lecionada a matéria de ginástica de solo, futebol, andebol, atletismo e voleibol, conseguindo fornecer feedbacks individuais e de turma, havendo apenas uma questão de gestão de conflitos entre dois alunos, que facilmente se resolveu com uma chamada de atenção.

A maior dificuldade sentida na intervenção pedagógica à turma do 6º1 foi a lecionação da matéria de ginástica de solo, já que os alunos necessitavam de ajuda constante em elementos gímnicos como o apoio invertido e o rolamento à frente. A aula foi organizada em estilo de circuito, perdendo-se a observação e a atenção para outros elementos gímnicos, que apesar de não serem considerados de risco, mereciam observação para correção de posturas ou colocação dos membros.

Sendo uma turma de ciclo anterior à de foco, o estilo de ensino alterou-se, sendo necessário assumir um estilo de comando, onde transmitíamos exatamente o que pretendíamos e o aluno realizava. Até mesmo o tipo de feedback utilizado tornou-se mais prescritivo e não tanto interrogativo, recorrendo a exemplificação por nossa parte ou por parte de um aluno com mais habilidade motora.

Em ambos os ciclos de ensino era nosso propósito que os tempos de empenhamento motor fossem sempre mantidos no máximo, pois apercebemo-nos de que quanto maior este aspeto, menor eram os comportamentos que poderiam comprometer a aula. Assim sendo, com uma redução progressiva dos tempos de espera e com a apresentação dos conteúdos o mais breve possível, foi notória a eficácia desta estratégia de ensino.

Finalizando este processo, consideramos que adquirimos competências de comunicação com alunos de ciclos distintos, mostrando-se uma mais valia a lecionação das aulas a ambas as turmas. A intervenção pedagógica permitiu a aplicação de diferentes metodologias e estratégias de intervenção, de forma a atingir os objetivos pretendidos.

Foi também possível superar as nossas limitações, receios e inseguranças, demonstrando ser um processo complexo, com momentos de desespero pessoal e ansiedade, que conseguimos controlar ao longo da PL. Consideramos atualmente que, se voltássemos a lecionar aulas a uma turma com características semelhantes à do 12º13, conseguiríamos mais facilmente controlar as resistências e os comportamentos da turma, adotando uma posição mais assertiva e autoritária, numa fase inicial.

Em termos organizativos e de gestão do processo ensino-aprendizagem, o processo de intervenção pedagógica teve um papel fundamental ao longo da formação, sendo possível, através do mesmo, o adquirir de competências organizativas em contexto escolar, tendo em conta as necessidades e potencialidades dos alunos e do meio envolvente.

A nossa capacidade de adaptação perante as variáveis com que nos íamos deparando ao longo da lecionação das aulas, foi um aspeto notório e melhorado ao longo do ano letivo, sendo evidente uma melhor capacidade de observar as situações e de reajustar de forma pertinente sempre que estas não estavam a surtir o efeito desejado.

Após o término do processo de intervenção pedagógica, consideramo-nos mais capazes de intervir de modo a atingir objetivos individuais e grupais, não deixando que as características dos alunos se tornem entraves no processo letivo, mas sim adaptando a intervenção aos alunos, de modo a potenciar as suas características.

Avaliação

A avaliação é “*uma ferramenta estruturante do processo pedagógico*” (p. 108) sendo que não podemos avaliar somente para dizer que foi realizada uma avaliação, esta deve ser explícita e para uma utilização posterior, no processo de ensino-aprendizagem (Lopes, 2014). O mesmo autor refere que a avaliação deve ser feita com base nos objetivos que devem estar adequados à situação e ao contexto, sendo que para objetivos diferentes, deverão ser aplicados métodos de avaliação distintos.

O processo de avaliação é baseado nos objetivos de cada ciclo formativo e nos objetivos das matérias de ensino (Jacinto et al. 2001; Ministério da Educação, 2005). No PNEF ainda há a referência de que o processo e os resultados da avaliação efetuada ao aluno “*devem contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, também, para apoiar o aluno na procura e alcance do sucesso em EF*” (Ministério da Educação, 2005, p. 25).

Com base no PNEF (Jacinto et al., 2001 e Ministério da Educação, 2005) de referir que os critérios de avaliação definidos pela escola e pelos professores de EF, devem permitir a determinação do grau de

sucesso ou desenvolvimento do aluno nos objetivos definidos para cada matéria de ensino. Acrescentam que esses critérios, são tidos como regras de qualificação para a participação dos alunos nas tarefas pretendidas pelo professor, de forma a atingir os objetivos definidos.

No caso específico da avaliação à turma do 12º13, os critérios de avaliação seguiram o proposto pelo GD de EF da escola, sendo que o aluno foi avaliado continuamente no domínio cognitivo (95%), subdividido em psicomotor (60%), empenho e cooperação (20%) e conhecimentos (15%) e no domínio sócio afetivo (assiduidade, pontualidade e comportamento – 5%).

Seguindo estes critérios, tentámos construir um modelo de avaliação que nos permitisse, aula após aula, obter a avaliação do aluno. Assim, e em cada critério de avaliação, dividimo-lo pelo número de aulas que disponhamos em cada período letivo, obtendo uma nota quantitativa final, que corresponderia à avaliação do aluno para esse mesmo período (anexo 11).

No caso do psicomotor, e para o caso concreto dos desportos coletivos, seguimos 4 níveis de avaliação, tendo em conta o espaço ocupado em jogo, progressão no terreno, domínio da bola e cooperação com os colegas em contexto de jogo. O voleibol e os desportos de confrontação direta foram avaliados, igualmente, em 4 níveis, tendo em atenção as ações de defesa e ataque (construção do ataque), as ações de cooperação em situação de jogo e o domínio da bola.

No caso do empenho e cooperação, foi avaliado em todas as matérias, de igual modo, contando com três níveis de avaliação: (1) não se interessa pela tarefa, nem coopera com o professor / colegas; (2) interesse pela tarefa, mas não coopera com professor / colegas ou não interesse pela tarefa, mas coopera com professor / alunos (perturbação da aula / colegas); (3) interesse pela tarefa e cooperação.

Os conhecimentos (15%) foram avaliados através de questões (anexo 12), durante as aulas, sobre as matérias que estavam a ser abordadas, nivelando os alunos em 3 níveis: (1) não sabe; (2) sabe com alguma dificuldade; (3) sabe. Os alunos foram questionados em relação a aspetos táticos de jogo, conhecimento sobre as regras das matérias ou capacidade de refletir sobre alguma ação realizada por um colega ou por ele mesmo.

Em todas as aulas os alunos estiveram sujeitos a avaliação contínua e constante, sendo que a partir das suas ações foi possível aferir, de forma geral, o seu nível de conhecimento acerca de determinada matéria. No caso da GA, os alunos foram avaliados em termos de conhecimentos, apresentando uma coreografia à turma, tendo em conta as estratégias na utilização dos elementos, das bases e dos volantes e utilização das pegas, montes e desmontes.

O domínio sócio afetivo (5%) engloba o comportamento, assiduidade, pontualidade, sendo que no caso do comportamento, subdividimo-lo em 4 níveis: (1) comportamento inapropriado (com falta indisciplinar e saída da aula); (2) comportamento de desvio / segurança ao colega (comportamento impróprio para a aula, colocando em risco a segurança dos colegas / professor e desrespeito ao professor); (3) comportamento fora da tarefa (existência de comportamentos desviantes, durante a realização da tarefa.

Linguagem imprópria); (4) comportamento apropriado. No caso da assiduidade e pontualidade, foram divididos em 2 níveis: (1) não e (2) sim.

Para facilitar o processo avaliativo, após o término de cada aula, as ações do aluno eram convertidas em números, sendo introduzidos num documento de Excel (anexo 13), onde foram criadas fórmulas, baseadas nos critérios de avaliação definidos pelo GD de EF da escola, para que no final do período letivo obtivéssemos a avaliação sumativa do aluno.

Além de informações quantitativas, anotávamos comportamentos ou situações que poderiam influenciar positiva ou negativamente a nota final, tomando em consideração esses aspetos em momentos sumativos no final de cada período letivo, como forma de valorizar o aluno.

Nem sempre a nota que obtivemos perante a fórmula, foi a nota real do aluno, pois em alguns casos, mais observável no 1º período, a nota obtida não correspondia totalmente ao desempenho do aluno nas matérias de ensino abordadas. Este facto deveu-se mais significativamente devido ao número de faltas justificadas por parte dos alunos, bem como ao empenho e comportamento que estes demonstravam durante as aulas, que perante a fórmula, não possuem um peso quantitativo muito significativo.

No caso específico do 2º e 3º períodos letivos, um aluno apresentou um atestado médico permanente, logo os critérios de avaliação tiveram que ser obrigatoriamente distintos dos restantes elementos da turma: conhecimentos (45%), observação de aulas práticas e / ou arbitragens e / ou relatórios de aulas práticas (30%), empenho e cooperação (20%), domínio socio-afetivo (5%). Estes critérios, uma vez mais, foram baseados no definido pelo GD de EF, sendo criadas fórmulas, num documento de Excel que permitiam a introdução de uma nota aula após aula, convertendo-a numa nota final de período, no momento da avaliação sumativa.

O aluno foi avaliado com base na criação e organização de um torneio na matéria de ténis de campo, bem como na exposição oral de algumas noções base de AF, realizando ainda o papel de árbitro, durante as aulas e levantamento das autorizações e valores monetários para a AEC, realizada no 3º período. Estes pontos integraram a parte da avaliação dos conhecimentos e dos 30% da observação de aulas práticas e / ou arbitragens e / ou relatórios de aulas práticas.

Os restantes critérios seguiram a avaliação sem atestado médico, tanto para o empenho e cooperação, bem como para a assiduidade, pontualidade e comportamento, pois são critérios transversais a ambos os estatutos e com igual percentagem na avaliação final do período letivo.

Para a matéria de GA, houve um trabalho e avaliação contínua, ao longo do período, mas com a particularidade da apresentação da coreografia final, sendo que os alunos foram avaliados, nessa aula através da relação música / movimento, atitude gímnica, elementos de dificuldade e estratégias de utilização dos elementos (anexo 14). Para cada critério correspondeu uma nota de 0 a 20, convertendo-a de 0 a 0,8 (níveis do psicomotor para o 2º período).

Para iniciar o processo de ensino-aprendizagem, e fazendo parte integrante do processo de avaliação dos alunos, realizamos a AI, já mencionada em subcapítulos anteriores, dada o espaço temporal que foi efetuada. Posto isto, e com base em Simões, Fernando & Lopes (2014) o processo de avaliação é tido em conta consoante as modalidades ou momentos que ocorre, existindo três momentos fulcrais no processo pedagógico: avaliação diagnóstica (que é igualada à AI), formativa e sumativa. Visto que já fizemos referência à AI efetuada aos alunos, em subcapítulos posteriores, focaremos apenas nas avaliações formativa e sumativa, realizadas ao longo do ano letivo.

Avaliação Formativa

A avaliação formativa tem como finalidade o fornecimento de informações sobre o desenvolvimento do aluno, perante o processo de ensino-aprendizagem (Simões, Fernando & Lopes, 2014), comparando o rendimento do aluno ao do grupo. Completando, o processo de avaliação formativa, como refere os PNEF (Jacinto et al., 2001 e Ministério da Educação, 2005) é uma ferramenta metodológica fundamental para adequar os programas e as matérias de ensino a cada contexto e a cada aluno.

No caso da avaliação formativa desenvolvida com a turma de foco, esta foi efetuada continuamente, sendo convertida para um resultado quantitativo, para facilitar a avaliação final do aluno. Utilizámos os critérios de avaliação já referenciados anteriormente, tendo em atenção o desenvolvimento das capacidades dos alunos.

Para avaliação do domínio psicomotor, era tido em conta se o aluno atingia os objetivos delineados para a aula em questão, com base nos objetivos gerais para as matérias de ensino abordadas. No caso da avaliação cognitiva, o GD de EF da escola sugeria a realização de fichas sumativas e / ou trabalhos individuais e / ou trabalhos de grupo, todavia, e visto que as questões aula eram métodos utilizados com muita frequência pelos professores de EF da ESFF, o delegado do GD decidiu, em conformidade com todos os professores, a inserção desta ferramenta para avaliação dos alunos.

Assim sendo, foi este o método selecionado, para avaliar os alunos cognitivamente, no 1º e 3º período, essencialmente. Sendo que no 2º período, dada a especificidade da matéria de GA, optamos por os avaliar através de um trabalho de grupo, correspondendo à apresentação de uma coreografia à turma.

As questões de aula eram realizadas oralmente, sendo que eram selecionadas, para cada aluno, dependendo das ações que este efetuava, ou perante ações dos colegas, tendo por base a interpretação do jogo e da matéria de ensino. Acreditamos que desta forma estaríamos a fomentar o seu processo intelectual, para nos fornecer uma resposta com base no que estava a observar e da leitura da ação realizada.

Outro método utilizado para avaliar o aluno cognitivamente era a observação das suas ações perante as regras de jogo e conhecimento da matéria de ensino, aquando da sua realização. Sendo importante a observação, por nossa parte, das ações efetuadas pelo aluno. Este processo tornou-se contínuo, pois era

avaliado em todas as aulas, contrariamente às questões aula, que eram selecionados apenas alguns alunos, em cada aula. Já para avaliar os alunos no domínio socio afetivo, foi tido em conta o facto de o aluno ser assíduo e pontual, bem como a sua atitude durante as aulas.

A avaliação realizada serviu para o controlo do nosso processo de ensino-aprendizagem, aferindo se através dos exercícios selecionados conseguiríamos alcançar nos alunos o pretendido. Sendo efetuada continuamente, no final de cada período esta foi utilizada e tida em conta para uma avaliação sumativa do aluno, convertendo-a numa avaliação quantitativa (0-20 valores).

Completando, a avaliação formativa teve como finalidade adaptar o ensino às aprendizagens adquiridas pelos alunos, aula após aula, servindo como base a todos os PA, de forma a transmitir aos alunos ferramentas que os podiam auxiliar no desenvolvimento da sua aprendizagem individual.

Embora estes registos fossem efetuados diariamente, consideramos que para o aluno ter noção do seu desenvolvimento ao longo do período letivo, poderíamos ter criado uma forma de partilha desta informação. Esta ideia servia como maneira de o aluno fazer parte ativa do seu processo de ensino-aprendizagem, tendo conhecimento da sua avaliação, durante as aulas e do necessário para incrementar o seu desenvolvimento nas matérias de ensino lecionadas.

Avaliação Sumativa

A avaliação sumativa acontece no final de uma unidade de ensino, o que a torna, normalmente, uma avaliação pontual, visando determinar o nível de domínio perante os objetivos definidos inicialmente (Simões, Fernando & Lopes, 2014). Esta avaliação corresponde ao balanço das aprendizagens dos alunos adquiridos no final de cada período letivo (Simões, Fernando & Lopes, 2014).

Para a turma do 12º13 consideramos que este processo foi facilitado com a utilização de uma avaliação formativa contínua, convertida para números, inserida na base de dados do Excel, visto que no final de cada período, já obtínhamos a avaliação sumativa dos alunos.

No ciclo de ensino lecionado, e com base nos critérios definidos pela escola, para o secundário, a avaliação sumativa era lançada numa escala de 0 a 20 valores, na pauta final de período da turma. A flexibilidade em termos de avaliação esteve em constante presença, ao longo do nosso processo avaliativo, visto que alguns alunos demonstravam interesse na matéria de ensino e no exercício solicitado, contudo não demonstravam um grau de proficiência muito elevado.

O cenário contrário também foi visível, pois, apesar de alguns dos alunos terem um grau de proficiência alto, a avaliação sumativa não correspondeu totalmente ao nível psicomotor da turma, dado os comportamentos dos alunos que influenciaram o cumprimento dos objetivos definidos. Assim, a avaliação psicomotora não era apenas avaliada através do nível de proficiência, mas sim um combinar de todos os critérios, tendo em conta os objetivos definidos previamente.

Muitos professores experientes e estagiários, em conversas informais, foram nos transmitindo que o processo de avaliação é dos mais complexos que nos deparamos, enquanto docentes. De facto, avaliar é complexo, saber o que avaliar e o momento para o fazer, torna-se um grande desafio que é gerido conforme os nossos ideais. Neste processo torna-se essencial saber o que avaliar e para quê, conscientes de que essas questões têm que ser planeadas e pensadas aquando do PAT.

Assistência às Aulas

No processo de assistência às aulas foi-nos proposto observar, pelo menos, 20 aulas da colega estagiária, à sua turma de foco e 5 aulas ao 2º ciclo. Contudo, e perante a necessidade de reflexão e cooperação que a observação fornecia ao nosso processo de intervenção pedagógica, decidimos assistir a cerca de 80% das aulas da colega estagiária, à turma do 12º12.

O ato de observar requer uma adaptação perante o contexto que estamos presentes, permitindo retirar informações que posteriormente são organizadas, compreendidas e relatadas, que proveem do foco de atenção e afinamento da observação, com base no objetivo do observador (Mendes, Clemente, Rocha & Damásio, 2012). Os mesmos autores referem ainda que, cabe ao observador atribuir o significado ao que vê, sendo de cariz intrínseco e subjetivo, pois depende de cada observador.

No processo de ensino-aprendizagem, a observação desempenha um papel fundamental, na medida que melhora a qualidade do processo, constituindo *“uma fonte de inspiração e motivação e um forte catalisador de mudança na escola”* (Reis, 2011, p.11). A nível internacional e nacional muitos investigadores encaram a observação das aulas *“como um processo de interação profissional, de carácter essencialmente formativo, centrado no desenvolvimento individual e coletivo dos professores e na melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens”* (Reis, 2011, p. 11).

Foi com esse objetivo que seguimos o processo de assistência às aulas, centrado na formação docente e ajuda mútua para com a colega estagiária, na medida em que, após as observações das aulas, seguíamos para uma reflexão e discussão de ideias de como melhorar o nosso processo de intervenção pedagógica. Serviu igualmente para aumentarmos a nossa capacidade de observação e retirar informações da variedade de opções metodológicas e estratégias possíveis de utilizar no processo de ensino-aprendizagem.

Das aulas assistidas, retirámos informações sobre o modo de atuação da colega estagiária e dos seus comportamentos enquanto docente, observando, por exemplo, que numa fase inicial os feedbacks eram fornecidos de costas viradas para uma parte da turma. Decorrente desta observação e após diálogo como a colega, constatamos uma melhoria na sua função pedagógica.

O processo de assistência às aulas de professores estagiários permitiu uma melhoria das competências profissionais, enquanto docentes de EF, na medida que podemos observar a utilização de diversas metodologias e estratégias, perante uma turma com características distintas à da nossa lecionação. Assim

sendo, após o delineamento do nosso objetivo neste processo em particular, referenciado anteriormente, apresentaremos a metodologia utilizada e consequente análise do contributo formativo deste processo.

Metodologia

Inicialmente, realizamos observações das aulas sem recurso a folha de registo, apontando ações que considerávamos relevantes para auxiliar a colega estagiária em aulas futuras. Estes registos eram complementados com as reuniões após a lecionação das aulas, com o orientador cooperante, sendo que serviam de debate e de reflexão para o nosso processo de experiência pedagógica.

Já no final do 1º período, criámos uma folha de registo (anexo 15), observando essencialmente a apresentação dos conteúdos, a organização / gestão da aula, os feedbacks, a afetividade e a observação silenciosa, com base em fichas de observação de colegas estagiários de anos anteriores, com o objetivo de auxiliar com mais precisão o processo de lecionação das aulas.

Posto isto, a ficha de registo era composta pelas seguintes categorias:

1. Apresentação do Conteúdo – pretendendo-se observar se a colega estagiária iniciava a aula no horário definido, procurando perceber as razões de eventuais atrasos; se o conteúdo apresentado era claro, curto e descritivo da tarefa que os alunos teriam que realizar, indicando as condições para a prática (regras, condicionalismos, espaço e orientação); se o professor demonstrava entusiasmo perante o que apresentava, deixando um clima favorável e agradável na sala de aula; no momento de apresentação dos conteúdos, se o professor disponha da atenção e observação de todo o público alvo;
2. Organização / Gestão da Aula – observação direta do momento exato da prática dos conteúdos da aula, observando o controlo da atividade, por parte do professor; se maximiza o tempo de prática ou se, por outro lado, possui tempos de espera, os chamados “tempos mortos” nas atividades, sem intencionalidade; se controla o material didático de forma a não haver comportamentos de desvio por parte dos alunos; se há uma organização cuidada da aula e posicionamento correto perante as tarefas realizadas pelos alunos;
3. Feedback – trata-se do fornecimento de informação de retorno aquando a execução de ações por parte dos alunos, sendo que era nosso objetivo perceber se era fornecido essa informação no momento exato da ação, havendo uma observação do comportamento do aluno, após o feedback; além disso, era pretendido observar se o feedback era aceite pelo aluno, de forma a que este alterasse ou mantivesse o seu comportamento, dependendo do pretendido pelo professor;
4. Afetividade – neste parâmetro era pretendido observar se o professor elogia ou, por outro lado, se ironiza a ação do aluno, existindo, consequentemente um bom ou mau clima de aula; se existe um tratamento uniforme para com os alunos e se estes eram tratados pelo nome; além disso era observado se os alunos aceitavam o exercício proposto pelo professor;

5. Observação Silenciosa – era tido em conta os momentos de observação, sem fornecimento de feedbacks, por parte do professor, com intenção, apenas, de observar os comportamentos, por um determinado tempo, atuando sobre o observado, seguidamente.

A folha de registo criada não foi totalmente eficaz, pois demonstrou ser apenas mais uma forma de registo, não acrescentando nada ao método utilizado anteriormente. Mesmo com a utilização da folha de registo, eram efetuadas as reuniões diárias, após a lecionação das aulas, todavia o que teria sido registado na folha não contribuía de forma vantajosa, em relação ao método anterior.

Assim sendo, após cinco aulas assistidas com a folha de registo, abandonamos esse método, voltando à forma inicial de observação, mostrando-se uma mais valia para o nosso processo de PL. De referir que acreditamos que o processo de registo dos comportamentos do docente, por si só, não traria benefícios alguns aos estagiários, sendo que para que tal fosse eficaz, foi necessário completar a nossa observação com os momentos de reflexão após as aulas, com o orientador cooperante.

Contributo Formativo

Tal como refere Reis (2011) a observação pode assumir um papel de reflexão e discussão sobre o desempenho do docente, constituindo um *“componente extremamente importante do processo de desenvolvimento pessoal e profissional de qualquer professor, independentemente do seu nível de conhecimento e experiência”* (p. 12).

Foi notório as vantagens que a assistência às aulas proporcionou, tanto para a colega estagiária como para o benefício da nossa própria de intervenção pedagógica, já que o processo era mútuo e complementado pela orientação do professor cooperante, de forma a melhorar a nossa forma de atuação ou para refletirmos acerca das nossas ações.

Reconhecemos que o método de observação e reflexão foi eficaz para uma melhoria na atuação docente, demonstrando não ser extremamente necessária a utilização de uma folha de registo para realizarmos a reflexão final. O facto de reunirmos com o orientador cooperante após todas as aulas lecionadas, auxiliou em todo o processo de lecionação, pois debatíamos assuntos ocorridos na aula e possíveis formas de atuação, que o orientador, com a sua experiência, nos foi alertando e guiando para outras abordagens.

A assistência às aulas da colega estagiária, não serviu apenas para refletir sobre os comportamentos efetuados pela mesma, durante a aula, mas também para que nós adquiríssemos outras formas de lecionação, já que a turma era diferente e o método de atuação teria que ser distinto.

O facto de serem transmitidos poucos feedbacks ao longo da lecionação foi um dos aspetos mencionados após a assistência às aulas, tentando-se alterar este comportamento, ao longo do ano letivo, de modo a demonstrar segurança nos conteúdos abordados e transmitir aos alunos informações que os

auxiliasse no melhoramento ou manter das ações, de modo a promover um desenvolvimento nas matérias lecionadas.

Através deste processo e das reflexões com o orientador cooperante, foi possível aumentar a nossa capacidade de adaptação perante situações não planeadas totalmente, procurando uma gestão eficaz e estratégica, de modo a atuar no momento exato de aula. Consideramos ainda que a nossa capacidade de observação e reflexão, foi igualmente incrementada, através do processo de assistência às aulas.

É de referir que este processo se tornou fundamental para uma mudança intrínseca de comportamentos e para a alteração de ações por parte da colega estagiária, acreditando no facto de quem está a observar, muitas das vezes presta atenção a pormenores essenciais, que quem está envolvido com a tarefa, não consegue perceber.

Seria, igualmente, benéfico, a assistência às aulas de outros colegas estagiários, bem como a outros professores da escola, na medida que observaríamos outros métodos e formas de atuar. Contudo, devido ao escasso tempo disponível e à incompatibilidade de horários, apesar de algumas tentativas, não foi possível seguir com este processo.

ACÇÃO DE EXTENSÃO CURRICULAR

A AEC insere-se no processo de EP, de forma a que haja interação de todos os agentes educativos (alunos, professores e EE) fomentando uma escola aberta e interativa com todos os intervenientes no processo educativo do aluno.

Para a turma do 12º13 teve como principais objetivos: (1) desenvolver o convívio e aumentar as relações interpessoais (aluno / aluno, aluno / professores, aluno / EE, professores / EE); (2) fomentar o gosto pela AF (atividade sugerida por alguns alunos, de fácil prática e acesso fora do contexto escolar) – visão de AF para o futuro; (3) estimular o sentido de responsabilidade e interajuda.

Perante o delineamento destes objetivos, as atividades para a AEC foram selecionadas de entre as sugestões dos alunos e as que considerávamos poder contribuir para a formação da turma. Assim, foram planeadas duas atividades de mar (canoagem e SUP, dinamizada pelo Centro Treino Mar – CTM) seguindo-se de um lanche / convívio no Parque de Santa Catarina (incluindo os professores das outras disciplinas).

Anteriormente a esta decisão de realização destas atividades, surgiu-nos a ideia de nos deslocarmos ao Cais do Sardinha, realizando a caminhada, snorkeling e geocaching, sendo os próprios alunos a tratar da logística necessária para a dinamização destas atividades. Contudo, e devido às condições temporais e de estudo dos alunos da turma do 12º13, abandonámos esta ideia ao longo do 2º período, decidindo realizar uma atividade que ocupasse apenas uma manhã, para que não influenciasse nas atividades extracurriculares que os alunos participam (explicações, treinos e estudos).

Partindo desse pressuposto, e tendo por base as respostas dos alunos na ficha de apresentação sobre as atividades que gostariam de abordar nas aulas de EF, focamo-nos na dinamização de atividades de mar, aproveitando assim a Semana Náutica como pré-atividade de canoagem e a disponibilidade do CTM para a realização SUP e uma continuidade à canoagem.

Perante o citado por Jacinto et al. (2001) e Ministério da Educação (2005) no PNEF, o professor tem a autonomia de selecionar matérias de ensino de acordo com o contexto que se insere. Sendo assim, e acreditando que os desportos de mar são uma mais valia para a formação dos alunos, observando as potencialidades que o mar oferece perante o nosso posicionamento geográfico, consideramos que seriam ótimas atividades para os alunos experienciarem, de modo a que ganhassem gosto e que as praticassem.

Apesar de acreditarmos nas potencialidades e nas mais valias que a AEC teria na formação dos alunos, dado os comportamentos demonstrados ao longo do ano letivo, esta esteve em risco de não realização por receio de não sermos capazes de controlar os alunos em ambiente aberto. Por essa razão é que esta atividade apenas se realizou no 3º período, deixando-se ficar muito aquém do expetado em termos organizativos e na própria dinamização.

METODOLOGIA

Com realização no dia 24 de maio 2017, a AEC contou com uma pré-atividade, inserida na Semana Náutica (16 de maio 2017) e organizada pelo GD de EF. O plano da AEC pode ser consultado no anexo 16, onde fazemos referência a possíveis problemas, aos recursos humanos, materiais e temporais, aos objetivos para com as atividades, incluindo principais preocupações e questões de segurança a ter perante a realização das mesmas. Acrescentamos ainda as principais regras que os alunos deveriam cumprir, para que não se corresse riscos desnecessários, dentro e fora de água.

Para a realização da atividade de canoagem e SUP, pelo CTM, contactamos o monitor responsável do clube, via telefónica, enviando seguidamente um email (anexo 17) com o nosso objetivo, número de alunos e sugestão de datas para a realização das atividades.

Contudo, a data sugerida não estava disponível, sendo-nos proposta outra, coincidente com a semana do DE, levantando-nos algumas questões sobre a realização da AEC. Visto que era a única hipótese para a dinamização da atividade, aceitamos a data proposta, sendo um risco que assumimos deste início e tendo em atenção no plano da atividade.

Após contacto com o clube dinamizador, informamos e convidamos os EE, através da autorização aos EE, inserida no plano da atividade, bem como convidamos os professores do conselho de turma, recorrendo ao envio de um email para o diretor de turma (anexo 18) para participarem ativamente na AEC.

De forma a organizar os alunos que iriam participar na atividade, o aluno com atestado médico ficou responsável pelo levantamento das autorizações dos EE e do recebimento do valor monetário necessário para a atividade. Era da sua responsabilidade criar a lista de comes e bebes que os alunos iriam levar para o convívio no Parque de Santa Catarina.

A deslocação até à Rampa de São Lázaro (local para a prática da atividade) foi da inteira responsabilidade dos alunos, sendo um assunto discutido na aula anterior à data de realização. Como o caminho a percorrer, à partida, não traria riscos de segurança para os alunos, não vimos qualquer problema nesta situação.

DINAMIZAÇÃO

A AEC (canoagem, SUP e convívio / lanche) realizada dia 24 de maio 2017, entre as 10h e as 13h15, contou com a presença de 16 alunos, do professor orientador cooperante e colega estagiária, bem como com a professora de matemática, a quem os alunos fizeram questão de insistir, pessoalmente, que participasse na atividade.

A canoagem e o SUP foram dinamizadas pelo monitor do CTM, que realizou um pequeno briefing e convidou os alunos a visitarem as instalações do clube, conhecendo um pouco do trabalho efetuado no

clube, em termos competitivos, de aprendizagem e lazer. Foram ainda transmitidas informações de segurança e manuseamento do material, para que os alunos tivessem consciência dos principais cuidados a ter aquando da realização da atividade propriamente dita.

Durante a atividade dentro de mar os alunos mostraram-se motivados, demonstrando mais dificuldades iniciais no manuseamento dos materiais da canoagem. Note-se que na pré-atividade, os caiaques utilizados eram de recreação, com uma superfície mais larga que os caiaques de competição K1 e K2 cedidos pelo CTM. Em simultâneo à atividade de canoagem, quatro dos alunos da turma disponibilizaram de material de SUP, sendo que era a primeira vez que muitos estavam a praticar esta atividade.

A fase de adaptação / equilíbrio inicial foi rápida, sendo que os alunos possuíram bem pouco tempo para atingir o nível de equilíbrio e progressão da prancha, havendo feedbacks por parte do monitor do CTM que estes se tinham familiarizado muito bem com os materiais em questão.

Dado estas habilidades por parte dos alunos, o monitor deixou-os experimentar e percorrer uma distância considerável, autonomamente, o que despertou nos alunos grande motivação e interesse, ficando o convite por parte do CTM para voltarem a realizar estas atividades, gratuitamente.

Para a parte do convívio / lanche, deslocamo-nos até ao Parque de Santa Catarina, sendo um momento dito informal, com o objetivo de aumentar as relações entre alunos e professores / alunos, servindo ainda para ter conhecimento sobre ambições futuras dos envolvidos e realizando um pequeno balanço sobre as ideias retiradas ao longo do ano letivo, das aulas de EF.

O nosso papel, enquanto docentes da disciplina de EF, passou por contactar com o responsável da atividade, não tendo influencia direta na dinamização da mesma. Apesar do papel maioritariamente passivo, perante as ações dos alunos, foram transmitidos feedbacks de forma a que estes corrigissem a colocação dos membros, de forma a garantir uma melhor progressão da embarcação.

BALANÇO FINAL

A atividade contou com a presença de 16 alunos da turma, sendo que os restantes elementos apresentaram como justificação para não comparecerem à atividade a não autorização por parte dos EE, tendo apenas um caso de um aluno que a sua ausência se deveu ao facto de jogos correspondentes ao DE.

Este facto poderia ter sido minimizado se, na reunião de entrega de notas do 2º período, tivéssemos falado com os EE e lhes explicássemos o objetivo da atividade, apelando à participação dos alunos, bem como dos próprios encarregados. Além da reunião com os EE, e para que mais professores do conselho de turma participassem na atividade, na reunião de avaliação do 2º período teria sido pertinente referir o plano da AEC, de forma a apelar à presença de todos os docentes nesta atividade.

De forma geral, e dado os feedbacks após a atividade, os alunos que participaram ativamente na AEC gostaram e sentiram-se satisfeitos com a sua dinamização, mostrando interesse para voltar a realizar as mesmas, em contexto fora da aula. Assim, faz-nos crer que os objetivos a que nos propusemos foram

alcançados de forma satisfatória, que apesar da não adesão de toda a turma, mostrou ser uma mais valia e uma forma de experienciarem atividades que no contexto escolar nunca tinham tido oportunidade.

A realização desta atividade em períodos anteriores foi ponderada e sugerida pelo orientador cooperante. No entanto, devido à nossa insegurança pelas características da turma e os seus comportamentos, decidimos adiar a sua dinamização para o último período letivo. Além disso, a atividade esteve em risco de não se realizar, pois os alunos levantavam uma série de problemas comportamentais que não nos deixava totalmente confiantes para uma atividade fora do contexto escolar.

Todavia, após muita resistência e incompatibilidade dos horários das atividades extracurriculares dos alunos, avançamos com a realização da atividade, já a poucas semanas do término do ano letivo. Tornou-se uma boa estratégia, pois a nossa relação com os alunos estava mais aberta e próxima, servindo a atividade para aumentar ainda mais as relações interpessoais existentes.

Para a dinamização da atividade propriamente dita, inicialmente pensou-se em os alunos terem um papel mais ativo na elaboração do plano da atividade, bem como na logística necessária. Contudo, devido às atividades extracurriculares em que os alunos participavam, ao pouco interesse e motivação demonstrado pelos próprios e ao pouco tempo disponível para os mesmos responderem aos objetivos delineados, optámos por ser nós a contactar a instituição, tratando de toda a logística.

A gestão do processo de entrega de autorizações e o pagamento da atividade foi efetuado pelo aluno A8 (atestado médico) que teve um papel de gestor desse processo e controlo do mesmo, sendo o aluno com participação mais ativa no processo organizativo, servindo-lhe ainda como um dos critérios de avaliação do 3º período. Além disso, a organização do convívio / lanche no Parque de Santa Catarina, foi controlado pelos alunos, tendo havido comunicação e gestão sobre o que cada um ficava responsável por levar para o dia da atividade, garantindo assim o bom funcionamento e o sucesso da mesma.

Apesar de no dia da AEC o monitor ter passado informações pertinentes para a realização das atividades propriamente ditas, nas aulas anteriores à realização das atividades poderiam ter sido transmitidas informações de segurança e de utilização do material, tal como estava descrito no plano da atividade, ou até mesmo os próprios alunos ficarem responsáveis por efetuar essa pesquisa acerca das atividades que iriam realizar.

Acreditamos que a AEC ajudou na relação entre os alunos, sendo que estes demonstraram interesse na prática e na organização do convívio / lanche. Além disso, de referir que as atividades promoveram nos alunos o gosto pela prática destas atividades, sendo possível mostrar-lhes as potencialidades de atividades que o mar proporciona.

Para além dos pormenores organizativos e de dinamização da atividade, é de referir que a própria escola reconheceu a nossa AEC, inserindo-a na Agenda Semanal (anexo 19) publicada na sua página do Facebook, no site oficial e enviada para o email de todos os docentes da ESFF. A divulgação por parte da

escola veio demonstrar o seu papel ativo, uma vez mais, no processo de EP, contribuindo para o conhecimento, por parte dos restantes docentes, do trabalho efetuado.

De forma a aumentar a relação entre o núcleo de estágio e a escola, poderíamos ter contribuído e enviado uma notícia para a revista da escola, sendo os próprios alunos a escreverem-na, fomentando a interdisciplinaridade e o papel ativo dos alunos no processo. Esta tarefa não foi solicitada devido às questões temporais da atividade e à grande preocupação dos alunos para a questão dos exames nacionais, sendo que a maioria não tinha como prioridade a EF, podendo colocar em risco a publicação da notícia.

Como já referido, a primeira ideia deste processo era colocar os alunos em contacto direto com as instituições, tratando de toda a logística para a realização da atividade. Tal facto seria tido em conta se voltássemos a ter oportunidade de implementar este projeto na escola, traçando o caminho para esse sentido, tentando conjugar as tarefas extracurriculares dos alunos com os horários das aulas, aproveitando o horário letivo para o planear e tratar da atividade. Cientes de que como eram atividades do agrado dos alunos, estes iriam se empenhar e trabalhar no sentido de proporcionar uma tarefa com sucesso.

Apesar da ideia inicial não ter sido cumprida, consideramos que os alunos tiveram benefícios com a realização desta atividade, a avaliar pelo grau de satisfação que demonstraram no final e pela perceção de nós próprios em relação aos ganhos que estes adquiriram. Acreditamos que conseguimos demonstrar as potencialidades que as atividades dinamizadas possuem para os alunos, numa visão de AF fora do contexto escolar, podendo ser aproveitada pelos mesmos como atividade de lazer.

De referir que, através da AEC os alunos puderam experienciar atividades novas no seu reportório de matérias de ensino desenvolvidas nas aulas de EF, aumentando os seus skills em atividades motoras que apelam o controlo do corpo, juntamente com um objeto. Assim, para os alunos esta demonstrou-se benéfica no sentido de conhecimento do próprio corpo e controlo do mesmo, na medida em que tiveram de se adaptar às novas condições de progressão e ao novo meio.

Finalizando, no nosso caso em particular, ganhámos competências na comunicação com instituições extraescola, apresentando uma ligação do estabelecimento de ensino com instituições fora do contexto escolar, demonstrando uma escola aberta e disposta a partilhar com o exterior. Ganhámos ainda contactos com a instituição que poderão ser fundamentais para projetos futuros, já que o próprio dinamizador da atividade se mostrou aberto a receber novos alunos e novas sugestões de atividades para realizar com escolas ou clubes.

AÇÕES DE NATUREZA CIENTÍFICO PEDAGÓGICA

Dadas as mudanças na sociedade atual e nas necessidades perante a alteração constante dos nossos alunos, torna-se essencial que a formação de professores se altere, sendo contínua, de forma a adquirir conhecimentos e métodos que ajudem o profissional a se adaptar ao atual desenvolvimento (Damasceno & Monteiro, 2007).

Perante a LBSEP (2005), devem ser criadas formas para que todos os educadores, professores e outros profissionais de educação, tenham acesso à formação contínua, sendo que deve “*ser suficientemente diversificada, de modo a assegurar o complemento, aprofundamento e atualização de conhecimentos e de competências profissionais, bem como possibilitar a mobilidade e a progressão na carreira*” (artigo 38º, p. 14).

Assim, a formação contínua de professores tem por objetivo complementar e atualizar a formação inicial, numa perspetiva de educação permanente, sendo estes um dos princípios gerais da formação de educadores e professores, sugerida pela LBSEP (artigo 33º, 2005). Por outro lado, Damasceno e Monteiro (2007) são da opinião que a formação contínua não poderá ser vista, somente, como uma complementação da formação inicial, mas como um espaço de desenvolvimento profissional do professor, com objetivos, conteúdos e formas organizativas diferentes do seu campo de atuação.

Por estas razões surgem as ANCP no nosso processo de EP, sendo que a UMa, como instituição de ensino superior, perante a LBSEP, deverá contribuir para a formação contínua dos docentes (artigo 11º). Assim sendo, as ANCP surgem de forma a oferecer aos professores ferramentas que contribuam para a sua formação contínua, sendo subdivididas em duas ações de caráter científico, informativo e formativo.

Posto isto, realizou-se na ESFF, para os professores do GD de EF a ACPI, com o tema *Contributos Práticos do Frisbee, Kin-ball e Atividades Rítmicas e Expressivas na Escola*. Para os docentes do grupo de recrutamento 160, 260 e 620, realizou-se, na UMa a Ação Científica Pedagógica Coletiva (ACPC), com o tema *Avaliação Inicial: Propostas de Intervenção em Educação Física*. Passaremos a explicar o que foi abordado em cada uma das ações, referindo a metodologia utilizada em cada, completando com uma reflexão do trabalho efetuado e o seu impacto no público que assistiu a ambas as formações.

AÇÃO CIENTÍFICA PEDAGÓGICA INDIVIDUAL

Dado o interesse por parte dos professores do GD de EF nas matérias do Frisbee, Kin-ball e Atividades Rítmicas e Expressivas (ARE) e a sua abordagem em contexto escolar, prosseguimos com a planificação da nossa ação (anexo 20). Para tal, traçamos os seguintes objetivos: (1) ganhar capacidades e competências na área da comunicação, pesquisa e conhecimento das próprias matérias a abordar; (2) partilhar informação entre os docentes; (3) aproximar os estagiários do GD de EF da escola.

Seguindo com os objetivos específicos e conteúdos a transmitir aos docentes, definimos: (1) enquadramento das matérias de ensino; (2) justificação da sua abordagem nas aulas de EF; (3) materiais e instalações necessárias; (4) regras gerais; (5) propostas de abordagem nas aulas de EF; e (6) exercícios práticos para a dinamização das matérias de ensino.

A ACPI não teve contributo direto para a progressão na carreira, pois tratou-se de uma ação interna, apenas destinada aos professores do GD de EF da ESFF e a futuros estagiários do MEEFEBS. Acreditamos que contribuiu, por outro lado, para uma formação pessoal e docente, na medida que foram transmitidas ferramentas para abordagem de matérias de ensino diferentes às que estão habituados a lecionar e do interesse do grupo.

Sendo o tema geral da ação *Contributos Práticos do Frisbee, Kin-ball e Atividades Rítmicas e Expressivas na Escola*, focamo-nos na abordagem do Frisbee e do Kin-ball, dado que as ARE já teriam sido abordadas em ACPI e ACPC de anos anteriores, disponibilizando assim documentos digitais aos professores do GD para serem consultados.

Para iniciar a nossa intervenção, foi necessário a divisão do tema entre as professoras estagiárias da escola, onde nos focamos na abordagem do Frisbee em contexto escolar, com o módulo intitulado: *Contributos Práticos para Operacionalização do Frisbee na Escola*.

Prosseguindo para um enquadramento do nosso tema, com base em Alves (2014) o principal problema que os educadores se deparam é a pouca motivação dos alunos para as aulas de EF. Portanto, e completando, Abreu, Félix, Carvalho e Correia (2014) garantem ser essencial oferecer aos alunos um diversificado leque de matérias de modo a lhes “*desenvolver o seu repertório motor sem que sejam condicionados pelas características individuais de cada matéria*” (p. 141).

Como consideramos a disciplina de EF como um meio privilegiado para aplicação de novas metodologias e instrumentos que visem o desenvolvimento holístico e integral do aluno, concordamos os ideais de Silva (2009) na medida que temos a possibilidade de enriquecer o currículo com uma grande diversidade de matérias que apresentam enormes possibilidades educativas.

Temos então o Frisbee, que como matéria alternativa, surge como uma mais valia para o processo ensino-aprendizagem. Tendo características como uma matéria recente, motivante e atrativa (Silva, 2009) no contexto educativo atual, contribuindo para o enriquecimento curricular, motivacional e experiencial do aluno. Além dos aspetos mencionados, Amoroso e Varregoso (2014) consideram o Frisbee uma alternativa para todos os escalões etários, sendo adaptável a qualquer pavimento e contexto escolar.

Dado o apresentado e considerando as possibilidades do Frisbee como matéria alternativa nas aulas de EF, pretendemos apresentar algumas propostas de operacionalização desta matéria de ensino, expondo exemplos práticos no que toca à organização da aula, bem como selecionando um conjunto de exercícios para abordagem do Frisbee ao longo do ano letivo.

Metodologia

Para compor o nosso trabalho e dando resposta aos objetivos delineados, seguimos em busca de informação para adquirir conhecimentos suficientes sobre as matérias de ensino a que nos propusemos abordar. Todo este processo de conceção da ação e dinamização ocorreu sob orientação dos orientadores científicos e cooperante, indo ao encontro dos interesses do GD de EF, auxiliar-nos na preparação da formação propriamente dita.

Seguidamente, prosseguimos para a construção de um banco de exercícios, de Kin-ball e Frisbee, de forma a aplicar nas nossas turmas de estágio (12º12 e 12º13), com o objetivo de perceber qual a aceitação por parte da turma, perante as atividades que não se encontram propostas no currículo dos alunos e desconhecidas por muitos. O banco de exercícios foi criado com base em exercícios já do nosso conhecimento, aplicados em outros desportos coletivos, como o futebol, andebol ou basquetebol, adaptando-os para os materiais que dispnhamos, no caso em particular, do Frisbee.

Além do banco de exercícios, foram criadas propostas de abordagem destas matérias de ensino, nas aulas de EF, sendo baseadas em propostas apresentadas pelos orientadores. Estas podem ser transversais às demais matérias de ensino, já que se tratam de uma questão organizacional da aula, adaptando-se aos alunos e aos nossos objetivos.

No caso das ARE, apenas efetuamos um levantamento de material digital disponível de outras ANCP para disponibilizarmos aos professores do GD da escola, ficando ao critério dos docentes uma ação de formação sobre esta matéria de ensino, numa data posterior e à responsabilidade do coordenador.

Para uma maior divulgação da ação, de modo a alcançar todo o GD de EF, criámos um cartaz (anexo 21) afixado na sala de professores de EF, bem como enviado para o email pessoal de cada docente, para o conselho executivo e para a coordenadora do departamento de expressões. Foi igualmente divulgado, por email, aos estagiários dos restantes núcleos de estágio e aos alunos do 1º ano do MEEFEBS.

Após a dinamização da ACPI, foi-nos proposto a realização de um poster (anexo 22) para ser apresentado no Seminário Desporto e Ciência 2017, que teve lugar no Colégio dos Jesuítas, dia 27 e 28 de março. A apresentação contou com a presença dos alunos do curso de EF e Desporto da UMa, do júri do MEEFEBS, dos orientadores científicos e do orientador cooperante. Posteriormente, a informação da ACPI foi transferida para artigo científico, publicado no livro de atas do respetivo Seminário.

Dinamização

Num processo anterior à ACPI propriamente dita, abordámos numa aula as matérias de ensino Frisbee e Kin-ball nas nossas turmas de estágio, sendo que obtivemos bons feedbacks por parte dos alunos, mostrando-se motivados e interessados na prática destas modalidades. Sendo assim, partimos, confiantes, para a formação aos professores, querendo transmitir aos colegas do GD a nossa experiência na abordagem das matérias, às nossas turmas.

A nossa ACPI realizou-se às 13h30, do dia 15 de dezembro 2016, na sala L34 da ESFF, sendo que contamos com 30 minutos de apresentação teórica e cerca de 45 minutos de apresentação prática. Estiveram presentes 20 professores do GD de EF, os orientadores científicos e cooperante, a coordenadora do departamento de expressões da escola, uma aluna do 1º ano de MEEFEBS e um professor estagiário do ano letivo anterior.

Dando início à apresentação teórica, realizámos um enquadramento do Frisbee, explicando o porquê da leção desta matéria, nas aulas de EF. Abordámos quais os materiais, instalações e principais regras necessárias para a abordagem do Frisbee, e, para completar, apresentámos propostas e exercícios práticos para abordagem do Frisbee nas aulas de EF. Seguidamente, para o Kin-ball, com a apresentação da colega estagiária, o guia de apresentação foi idêntico.

De forma a terminar a parte teórica da nossa ação, foram transmitidas ferramentas digitais para abordagem das ARE nas aulas de EF, sendo de seguida disponibilizada toda a informação da ACPI, via Google Drive, a todos os professores do GD de EF e a todos os colegas estagiários do presente ano letivo.

Posteriormente, dirigimo-nos ao pavilhão da ESFF para uma representação de uma aula de EF, onde os professores do GD desempenharam o papel de alunos, e nós, o de professores. Semelhante ao processo de PL, anteriormente à aula, foi realizado um planeamento sobre o que seria abordado e as estratégias a serem utilizadas para a parte prática da nossa ACPI. O plano de aula (anexo 23) a ser aplicado teve como base a recolha de exercícios e os objetivos dos mesmos, apresentados na parte teórica da ação.

Quanto aos recursos materiais, para a dinamização desta atividade, no caso do Frisbee, foram-nos disponibilizados, por uma professora do GD de EF, 10 Discos de plástico. Para o Kin-ball contamos com o material de uma docente da UMa e com as bolas fitness disponíveis na ESFF. No caso particular das ARE, foram compilados materiais digitais e colocados na pasta partilhada do Google Drive do GD de EF.

Balanço Final

Todas as atividades do processo de estágio contaram com uma reflexão final, sendo que para a nossa ACPI a reflexão (anexo 24) centrou-se nas nossas ações e na forma como nós conduzimos a formação aos professores do GD, tanto a nível teórico, como prático. É de referir que, após o término da nossa ação, a maioria dos professores dirigiram-se a nós, fornecendo feedbacks positivos acerca da mesma. Este facto foi ainda mais visível quando um dos docentes nos solicitou o material de Frisbee para dinamizar na sua aula, mostrando grande interesse na atividade e motivação para a lecionar.

Quanto à nossa prestação durante a parte teórica da ação, poderia ter sido mais dinâmica, pois retraímos-nos um pouco, devido à pouca vontade que tínhamos com o grupo, que conseqüentemente despertou nervosismo e dificuldade em comunicar. Outro aspeto a ter em conta, centrou-se na seleção de conteúdos a serem transmitidos aos docentes, pois ao longo da apresentação teórica poderíamos ter selecionado informação mais relacionada com as propostas de abordagem e os exercícios a serem

dinamizados. Contrariamente, focamo-nos demasiado nas regras de cada matéria de ensino, tornando-se um pouco aborrecido para os presentes.

Dado os objetivos delineados, consideramos que os conteúdos apresentados teriam sido escolhidos de modo a cumprir com os objetivos. Todavia, após a ação e refletindo em conjunto com os orientadores científicos e cooperante, a seleção de outros conteúdos ou o foco em propostas de abordagem nas aulas de EF, teria contribuído ainda mais para a formação dos docentes e para a abordagem das matérias de ensino nas aulas.

Notou-se grande empenhamento motor por parte dos participantes, na realização da parte prática da nossa ação, tornando a representação de aula dinâmica e motivante. Foram transmitidos feedbacks de que as matérias de ensino propostas poderão ser uma forte fonte de motivação para as aulas de EF, e que poderá despertar interesse pela prática de AF, facto, igualmente, observado na lecionação das aulas às nossas turmas de estágio.

Consideramos que os nossos objetivos poderiam ter sido alcançados com recurso a outra dinâmica de apresentação teórica, tornando essa parte inicial mais motivante e útil para o público-alvo. Seguidamente, com a parte prática, foram transmitidos exercícios e organizações de aula vantajosas a qualquer professor, sendo adaptável aos recursos disponíveis e às características da turma.

Ainda no que toca ao impacto no público-alvo, não realizamos nenhum questionário de satisfação aos professores do GD, pois não o considerávamos pertinente para aferir o grau de satisfação do público, já que, logo após a ação, a maioria dos professores dirigiu-se a nós para fornecer feedbacks sobre o realizado. Assim, acreditamos que as informações transmitidas aos professores e a troca de ideias entre os participantes, foi uma mais valia para a abordagem destas matérias de ensino, nas aulas de EF, sentindo que contribuímos positivamente para auxiliar os presentes em atividades que demonstraram interesse e que possuíam dificuldades para as operacionalizar.

De forma a concluir o nosso balanço, é de referir que adquirimos competências a nível pessoal, no sentido de comunicação e formação de conteúdos do interesse do público-alvo, fomentando a nossa capacidade de pesquisa e de conhecimento das matérias de ensino selecionadas. Atualmente, percebemos um à vontade na lecionação das matérias em questão, sendo que ao acreditarmos nas suas potencialidades, futuramente em aulas de EF, incluíamos as mesmas no PAT, adaptando sempre às necessidades e potencialidades dos alunos a lecionar.

ACÇÃO CIENTÍFICA PEDAGÓGICA COLETIVA

De forma a cumprir com uma das funções do ensino superior, surge no nosso plano de EP a ACPC. Nesta formação a professores, os estagiários dos 5 núcleos de estágio, com a auxílio dos orientadores científicos, cooperantes e preletores convidados, ficam responsáveis por planear e dinamizar uma formação para os docentes do grupo de recrutamento 160, 260 e 620. Assim, a ACPC surge de forma a

abordar temáticas relacionadas com a educação, mais especificamente com a disciplina de EF, que poderão ser uma problemática para a sociedade atual.

Com base num estudo realizado em escolas da RAM, por Gonçalves, Fernandes, Gaspar, Oliveira e Gouveia (2014), encontramos que 57,8% dos professores realizam a AI por blocos de matérias, o que parece significar que não realizam a AI no início do ano letivo. As justificações mais utilizadas pelos professores são: a falta de instalações para avaliação das diferentes matérias de ensino ou demasiado tempo para a aplicação do processo de AI.

Completando, segundo Andrade (2013) a AI é utilizada para um conhecimento dos alunos, no que toca à realização de atividades no âmbito curricular de EF, tendo por objetivo central a recolha de dados que permitam ao professor orientar o trabalho com a turma. Com a ACPC pretendíamos fornecer ferramentas pedagógicas para a intervenção dos docentes de EF, no processo de AI, abordando diversas formas de a realizar, de forma útil, rígida e objetiva, para o processo de ensino-aprendizagem.

O tema geral da nossa ação centrou-se na AI em EF, intitulada como: *Avaliação Inicial: Propostas de Intervenção em Educação Física*. Assim, os núcleos de estágio traçaram como objetivo geral da ACPC: compreender e propor metodologias para a intervenção do profissional de EF, na AI dos alunos. Contamos, portanto, com uma organização da ação em cinco módulos, com componentes teóricas e práticas, sendo realizada pelos 5 núcleos de estágio do MEEFEBS.

Todos os núcleos de estágio selecionaram subtemas relacionados com a AI, sendo que o nosso núcleo, correspondente ao Módulo 1, focou-se em *Situações Jogadas como Ferramenta Pedagógica, no processo de AI das aulas de EF*. Com o nosso tema pretendíamos: (1) realçar a importância que o PNEF atribui à AI; (2) caracterizar e compreender os tipos de AI realizados nos cinco núcleos de estágio; (3) compreender as implicações que as diferentes metodologias organizativas e institucionais têm nos diferentes modelos de AI; e (4) apresentar situações jogadas como ferramentas pedagógicas de atuação na AI.

A ACPC está englobada na formação contínua de educadores e de professores, no sentido de fornecer uma abordagem prática, facilmente aplicável através de situações de aprendizagem que procuram acompanhar as tendências evolutivas culturais de uma sociedade em constante mudança.

Metodologia

Para que a nossa ação tivesse o contributo de todos os estagiários, e de modo a dividir tarefas pelos 5 núcleos de estágio, foram definidas atividades em dois momentos da ação (tabela 2), ficando o núcleo da ESFF com duas tarefas fulcrais: receber objetivos e formatar (1º momento) e cartaz e divulgação (2º momento).

Tabela 2. Distribuição de tarefas ACPC (1º e 2º momento)

	<i>1º MOMENTO</i>	<i>2º MOMENTO</i>
ESCOLA GONÇALVES ZARCO	O que faltar organizar – leitura do documento final e envio ao Docente responsável.	Programa (temas e preletores)
ESCOLA DR. EDUARDO BRAZÃO DE CASTRO	Acreditação da Ação Formulários e Legislação	Organização da sala e logística
ESCOLA FRANCISCO FRANCO	Receber Objetivos e Formatar	Cartaz e Divulgação
ESCOLA DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA	Datas e Salas	Comes e Bebés (recepção ao convidado)
ESCOLA JAIME MONIZ	Receber a Bibliografia e o Currículos dos Preletores para formatar	Cartaz e Divulgação

De forma a iniciar o processo e para que a nossa ação de formação fosse validada pela SRRERH, foi preenchido, por todos os núcleos de estágio, um formulário de validação (anexo 25). Seguidamente o mesmo foi enviado à respetiva Secretaria, possibilitando aos professores de EF a utilização da ação para creditação na sua carreira docente.

O nosso núcleo de estágio, juntamente com o núcleo da Escola Secundária Jaime Moniz, iniciou o seu trabalho de divulgação da ação, com a elaboração de um cartaz (anexo 26) e criação de uma página no Facebook: Ação Científico-Pedagógica 2017. Em simultâneo, foi criado um email próprio da ACPC, como forma de facilitar a comunicação dos interessados com a organização.

De modo a que houvesse o controlo sobre o número de participantes na ação foi criado um link de inscrição online, através dos Serviços de Investigação da UMA, inserido em todos os cartazes divulgados e emails enviados. Através desta inscrição obtivemos indicadores acerca do número de professores, alunos e participantes externos na ACPC, assim como conseguimos ter acesso à idade e à escola onde lecionam.

Por último, pelo núcleo da Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, foi criado o programa da ação (anexo 27) possuindo a ordem de apresentação, o tema geral do módulo e os temas específicos de cada preleção, como também o nome dos preletores (estagiários e convidados) e moderadores.

Mais especificamente, para realização do nosso módulo, fizemos um levantamento das matérias de ensino nucleares, propostas no PNEF (Jacinto et al., 2001) para o 3º ciclo e secundário e entrevistamos 20 especialistas das diferentes matérias. Como forma de avaliar os alunos, foi proposto um único exercício, de dois minutos, para cada matéria.

Seguidamente, 19 professores estagiários dos 5 núcleos de estágio do MEEFEBS (anos letivos 2015 / 2016 e 2016 / 2017) foram entrevistados, com o objetivo de recolher estratégias e exercícios utilizados pelos mesmos, para avaliar inicialmente as suas turmas de intervenção.

Após a recolha de informação a estes dois grupos, dirigimo-nos a uma escola do Funchal, de forma a que nos transmitissem a forma de organização utilizada para a distribuição de instalações, pelas diferentes turmas da escola.

Com base nas informações transmitidas pela nossa amostra, construímos duas hipóteses para uma possível resolução do problema sobre a AI encontrado: H1 – será que um único exercício pode ser

preditor do nível do aluno, em todas as matérias de ensino e H2 – será que um único exercício de cada matéria de ensino pode ser preditor do nível do aluno, na matéria em questão.

Devido à nossa reduzida experiência centramo-nos na hipótese 2, passando para a construção das propostas de intervenção no processo de AI, sugerindo a realização desta em uma única aula (90 minutos) ou em duas aulas (90 + 90 minutos ou 90 + 45 minutos, dependendo do ciclo de ensino), com recurso a aulas politemáticas, englobando diferentes matérias de ensino, em espaço reduzido.

Anteriormente à apresentação do nosso módulo aplicámos na direção de turma do professor cooperante o circuito de atividades que podia ser utilizada para avaliar inicialmente os alunos do secundário, em uma aula de 90 minutos. Pretendíamos retirar ilações sobre o método de AI utilizado por nós e o que teria sido utilizado pelo nosso orientador cooperante, aferindo se as informações retiradas eram similares para, seguidamente apresentarmos a nossa experiência na ACPC.

A apresentação do nosso módulo teve uma duração de 40 minutos, com recurso a uma apresentação em powerpoint, focando aspetos como a definição de AI e a sua importância expressa no PNEF (Jacinto et al., 2001; Ministério da Educação, 2005), apresentando o problema identificado no processo de AI e possíveis resoluções para o mesmo. Após a apresentação do nosso módulo, e à semelhança da ACPI, foi-nos proposto a publicação de um artigo científico a ser inserido no livro *Problemáticas da Educação Física II*, com base na apresentação realizada e supervisionado pelos orientadores científicos.

Dinamização

A ACPC realizou-se durante os dias 11 e 25 de março 2017, na Sala do Senado (UMa). No nosso caso, e visto que o nosso módulo era o primeiro da ação, apresentamos dia 11, às 10h10, logo após a conferência de abertura, realizada pela professora doutora Jesus Sousa. O nosso módulo teve como moderadora a professora doutora Catarina Fernando, do departamento de EF da UMa.

A base do nosso trabalho passou, essencialmente, por fornecer ferramentas aos docentes que possibilitasse a AI, em curtos espaços de tempo e sem serem necessárias instalações específicas. Assim, aos docentes foram fornecidas propostas de AI em que utilizássemos um único exercício de cada matéria de ensino, presente no PNEF (Jacinto et al., 2001) para avaliar os alunos inicialmente, com recurso a um circuito de atividades.

Através da aplicação das nossas sugestões na direção de turma do professor cooperante, retirámos informações sobre habilidades básicas nas ARE (noção de ritmo ou coordenação / orientação espacial), princípios básicos dos desportos coletivos (leitura do adversário, ocupação espacial, domínio da bola, progressão no terreno, tempo de ataque e ações de cooperação), deslocamentos em desportos de confrontação direta, cadeia do movimento no atletismo, leitura do mapa e bússola, dinâmica de grupo e delineamento de estratégias na matéria de orientação.

Posto isto, foi possível transmitir aos docentes, não só as nossas sugestões para avaliar inicialmente uma turma, dispensando poucas aulas, mas também relatar a nossa experiência, como forma de exemplo prático e de possível aplicação, em contexto escolar.

No dia da ação propriamente dita, contámos com a assistência de diversos professores do ensino básico e secundário, de várias escolas da Região, bem como alunos da licenciatura em EF e Desporto, da UMa, alguns dos docentes do departamento de EF, os orientadores científicos e orientador cooperante. Ao longo da nossa apresentação, e durante o momento de debate, não houve qualquer intervenção por parte dos docentes presentes, ficando a ideia de que estariam todos esclarecidos perante o transmitido.

Balanço Final

Iniciando-se com um balanço geral sobre o público presente nos dias da ação, de referir que esta decorreu num dos dias de encontro do DE, o que fez com que muitos dos professores não pudessem estar presentes num dos dias da ação. Apesar de termos essa informação previamente, o facto de termos agendado exatamente para esse dia prendeu-se ao tempo limitado que se disponha para o agendamento da ação. Outro fator que contribuiu para a pouca adesão dos docentes foi a pouca atração que sentiam em relação ao tema geral, demonstrado ao longo da divulgação a professores do GD de EF da ESFF.

Após a ACPC, de uma forma geral consideramos que esta decorreu dentro dos limites temporais previstos, cumprindo com o pressuposto da intervenção. Contudo, é de referir o facto de que alguns núcleos de estágio, nas suas preleções, estarem um pouco aquém daquilo que era o objetivo e o tema central da ação, fazendo com que alguns dos presentes criticassem esse facto.

Focando-se na fase de preparação e coordenação da ação, houve alguns aspetos que poderiam ter corrido melhor, principalmente no aspeto organizativo e de conciliação de horários entre os estagiários, para que todos trabalhassem no mesmo sentido, cumprindo com todas as tarefas propostas. No dia da ação propriamente dita, consideramos que existiu a entajuda e acompanhamento de todos os estagiários, demonstrando sucesso organizativo e garantindo o decorrer da ação com sucesso.

Quanto ao nosso módulo em particular, este tratou-se da parte inicial da ACPC, onde foi realizado um enquadramento do que é a AI e a sua relevância no PNEF (Jacinto et al., 2001; Ministério da Educação, 2005), sendo que o nosso núcleo foi responsável por transmitir as informações ditas mais gerais sobre o tema, seguindo-se para o nosso foco: situações jogadas como ferramenta pedagógica.

Perante o tema do nosso módulo, e com base nos objetivos delineados, consideramos que conseguimos provocar nos professores uma reflexão e interesse em testar as nossas propostas nas suas aulas, acreditando que conseguimos transmitir-lhes uma série de possibilidades para uma alternativa à AI dita tradicional.

O facto de termos apresentado, não só, as propostas de AI, mas também as ilações retiradas da nossa experiência e aplicação à direção de turma do professor cooperante, fez com que os presentes tivessem

noção de que nós experimentamos, e efetivamente conseguimos retirar informações úteis para o PAT, mostrando que as ferramentas são de possível aplicação em contexto escolar. Durante o relato da nossa experiência, notou-se, por parte do público, interesse e atenção ao que estava a ser apresentado, confirmando-se o percebido através dos feedbacks positivos fornecidos após o nosso módulo.

Quanto ao nosso tema e a sua coerência com os conteúdos, devíamos ter focado mais o fator jogado das nossas situações, pois os exercícios propriamente ditos, em alguns dos casos, eram considerados analíticos, contudo o modo de competição constante, presente em todas as sugestões, tornavam as mesmas em situações jogadas. Para alguns colegas professores, este fator não ficou totalmente esclarecido, questionando-nos, futuramente, sobre o assunto, obtendo resposta satisfatória para a questão.

A ACPC contou com um espaço de *Coffe Break*, onde vários professores aproveitaram o momento para se dirigirem a nós, de modo a pedir mais informações sobre as propostas apresentadas, com o interesse de colocar em prática nas suas aulas. Foram transmitidos feedbacks que demonstraram o sucesso e o impacto que o nosso módulo teve nos docentes, considerando que finalizamos este processo atingindo o nosso principal objetivo intrínseco: provocar nos professores uma certa inquietação e reflexão sobre o método de AI utilizado pela maioria dos professores.

Consideramos o tema selecionado para a ACPC uma mais valia para os professores de EF, sentido nós mesmos a noção de que, ao voltar a estar perante o processo de ensino-aprendizagem, esta seria uma possível estratégia a aplicar no momento de AI. Após termos aplicado a mesma à turma do professor cooperante, e retirarmos ilações fundamentais ao PAT, idênticas às retiradas pelo docente em processos anteriores, consideremo-nos capazes de aplicar na escola este método.

Em termos pessoais, o tema da ação demonstrava um certo desconforto, pela sua complexidade, sendo que ao terminar este processo, adquirimos mais conhecimento sobre a AI e de como poderá ser realizada, contando com um leque diversificado de metodologias, a nível organizacional da escola e a nível de gestão da aula, que poderão ser utilizadas futuramente.

Do ponto de vista de gestão e dinamização de um evento, a ACPC contribuiu positivamente para fomentar esse espírito gestor, desenvolvendo competências na área da comunicação e divulgação, tendo a oportunidade de comunicar com professores de outras escolas e áreas ligadas à AF. Acrescentamos ainda a necessidade de gerir emoções, perante o confronto de ideias e a capacidade de debate e argumentação, no dia da ação, para defendermos o trabalho efetuado, de modo a não colocar em causa o nosso trabalho e o nome da instituição.

Para finalizar o nosso balanço acerca da ação dinamizada, voltamos a lembrar que a nossa AI realizada às turmas de intervenção pedagógica, não seguiu os modelos apresentados na ACPC. Contudo teria sido uma mais valia para nós uma intervenção baseada nestes ideais, atendendo que contávamos com uma série de inseguranças e tarefas a serem realizadas, que poderiam ser minimizadas com uma intervenção deste tipo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O EP surge como um meio de experimentação, adaptação e consciencialização para o contexto real do papel de professor, sendo marcado como um processo árduo, crítico, reflexivo, transformativo e de constante autossuperação. Terminamos o ano letivo conscientes de que este processo passa, não só por ensinar aos alunos, mas também aprender com eles. Além do aspeto educacional, por si só, o papel de professor exige de nós uma capacidade de resiliência e inteligência emocional, de companheirismo e flexibilidade perante aspetos pessoais dos alunos, que torna o nosso trabalho ainda mais prazeroso e único.

Após o término do EP, é perceptível e lógico a quantidade de conhecimentos e aprendizagens adquiridas ao longo deste ano letivo, tanto a nível pessoal, como profissional. Em setembro, quando iniciámos o estágio propriamente dito, traçámos um conjunto de expectativas e prioridades para o ano letivo que se seguia. Após a primeira aula às turmas, muitos desses pressupostos se mantiveram, mas muitos outros tiveram, obrigatoriamente, de serem alterados, devido aos comportamentos observados por parte da turma em questão.

Assim, após alguns cenários e aulas lecionadas, consoante o tempo passava, apercebemo-nos da dificuldade e impossibilidade de respondermos às expectativas criadas e ao planeado inicialmente. Ficando com a sensação que podíamos ter dado mais de nós e ter feito mais pelos nossos alunos, para a própria escola e para o GD.

No que toca às atividades do GD de EF, apesar de termos participado ativamente em algumas das atividades propostas, o nosso contributo para com o grupo de professores e para a nossa aprendizagem pessoal, poderia ter sido mais potenciado e aproveitado, se o nosso tempo estivesse mais organizado, conciliando tarefas dentro e fora EP. Porém, consideramos que a nossa ACPI ajudou naquilo que são as relações interpessoais entre nós e os professores da escola, complementando toda essa interação com a nossa participação nas atividades do GD, que apesar de ser escassa, foi essencial para a nossa formação enquanto docente.

Centrando-se no processo de PL propriamente dito, que desde início foi tido como prioridade para este ano letivo, consideramos que este decorreu de forma satisfatória. Apesar das dificuldades comportamentais encontradas, principalmente na turma do 12º13, terminamos este processo com um sentimento de satisfação perante o trabalho efetuado. Cientes de que não conseguimos cumprir com todo o planeamento e que, apesar dos esforços, não correspondeu totalmente ao esperado, nem tão pouco ao delineado e motivado intrinsecamente.

A certa altura do processo de EP, devido a todos os acontecimentos / dificuldades encontradas e colocadas perante a turma de foco (12º13) ponderou-se, primeiramente a mudança de turma. Após resistência à mudança e persistência da nossa parte, estamos cientes de que esse desafio poderia ter sido resolvido de outra forma, nomeadamente no caso da intervenção pedagógica, não entrando na nossa zona de conforto, nem deixando que os comportamentos dos alunos afetassem o nosso papel de professores.

É de referir que a opção de continuidade com a turma do 12º13 fez com que, muitas das vezes, acabasse o dia de estágio com a sensação de derrota e fragilidade, aquando dos acontecimentos da turma na aula de EF. Contudo, acabamos o EP com a perceção de que, com os recursos temporais e a pouca experiência no ramo da docência que disponhamos, realizamos um trabalho satisfatório, com a turma em questão, com a perfeita noção de que poderíamos ter investido mais e com mais eficiência no processo de intervenção pedagógica.

Temos a perfeita noção que, com mais dedicação e tempo teríamos mudado a nossa forma de atuar, adotando metodologias mais assertivas e procurando, não só o jogo pelo jogo (como algumas aulas não conseguimos evitar), mas também o jogo com o fornecimento de mais feedbacks e condicionantes de encontro às dificuldades e potencialidades dos alunos, aproveitando igualmente esses aspetos. Outro aspeto que teríamos introduzido nas nossas aulas, aproveitando a disponibilidade motora e vontade para a prática que os alunos demonstravam, era a implementação do Modelo de Educação Desportiva (MED).

Sendo o MED um modelo que apela à autonomia e criatividade do aluno, ao longo do ano letivo, criar sessões de aula idênticas ao treino, poderia se mostrar uma mais valia para a turma de foco, já que na sua constituição grande parte da turma praticava desporto federado, a adoção deste modelo poderia despertar interesse e empenho nas atividades letivas. A sua implementação exigiria de nós uma organização do tempo letivo mais pormenorizada, assumindo um papel de gestor e controlo do processo, sendo que as decisões eram, previamente, tomadas pelos alunos, mas só seguiriam para a prática se estivessem de acordo com os objetivos delineados antecipadamente.

Perante todo o vivido ao longo do ano letivo e os momentos passados até ao término do EP, podemos aferir os ganhos pessoais e profissionais adquiridos neste processo. Iniciando com a capacidade de gerir emoções, nomeadamente em termos de ansiedade e controlo de comportamentos. Outro aspeto alcançado durante o EP, diz respeito ao facto de ter aumentado a nossa capacidade de pesquisa e aprofundamento de conhecimentos acerca de conteúdos, nas matérias de ensino abordadas e nos temas das ANCP realizadas.

Complementando, todo o processo pedagógico e as tarefas solicitadas ao longo do mesmo, ajudaram o alcançar de um maior à vontade e segurança, perante os alunos e quanto aos conhecimentos que possuíamos sobre aspetos relacionados com a função docente. É de referir que foi um ano trabalhoso, onde cada dia podemos considerar que houve uma aprendizagem pessoal e / ou profissional. Aprendemos imenso com os alunos, com os colegas e com os orientadores, aspetos que jamais conseguíamos aprender através de livros ou conteúdos teóricos.

Podemos ainda dizer que, perante o plano do EP e após estarem todas as tarefas cumpridas, em tempo útil, a seção que sentimos mais dificuldade e insegurança em realizar foi a parte da PL, contudo foi a que nos deu mais prazer e onde investimos a maioria do tempo. Esta perceção deve-se ao facto, essencialmente, de controlo da turma e abordagem dos conteúdos planeados, que nem sempre foram atingidos com o devido sucesso e eficácia.

Obviamente que este processo não era possível sem a interajuda entre os núcleos de estágio, principalmente para tarefas em comuns, tais como a ACPC e as aulas ao 6º ano. O processo contou ainda com a orientação dos professores cooperante e científicos, bem como o apoio familiar e a relação de amizades, fora do contexto de estágio. Todos estes agentes e o processo de estágio foram essenciais para, muitas das vezes, alcançar limites de cansaço e stress extremos, mas também de superação e dedicação, que fez com que este ano fosse uma mais valia na nossa formação, enquanto professores de EF.

Não nos podemos esquecer da proximidade e relação criada com os alunos, principalmente com os da turma de foco (12º13), que apesar das divergências, conseguimos gerar uma boa relação, considerando que a AEC, numa fase final, contribuiu ainda mais para terminar este processo de estágio, com a proximidade alcançada. Numa fase inicial, e para alguns alunos, foi possível criar já uma relação próxima, contudo, com outros, a tentativa de aproximação dificultava a intervenção enquanto docente, pois não havia uma separação, por parte dos alunos, daquilo que era o papel docente com a tentativa de relação próxima.

Passando para as relações existentes no conselho de turma, consideramos que todos os professores da turma do 12º13 partilhavam o mesmo sentimento e dificuldade: controlo dos comportamentos da turma e dificuldade em transmitir os conteúdos das matérias a lecionar. Assim, sentimos uma aproximação, em cada reunião e a cada conversa, com os demais docentes, na tentativa de debater algumas estratégias de sala de aula que poderiam, igualmente, nos auxiliar na intervenção.

Consideramos que algumas das informações recolhidas das primeiras reuniões com o conselho de turma foram essenciais para a nossa intervenção pedagógica, contudo, deixamo-nos levar pela insegurança do nosso papel, criando a nossa zona de conforto, de forma a não termos problemas comportamentais, nem confrontos de ideias, durante as aulas.

Passando para a contribuição que as UC dos anos anteriores colaboraram para este ano de EP, é de referir que todas elas tiveram o seu contributo positivo, conseguindo aplicar conhecimentos adquiridos ao longo dos quatro anos anteriores, principalmente em UC das Ciências do Desporto e da Didática.

No que toca especificamente às UD do MEEFEBS, fazemos referência para a contribuição das UC *Organização e Inovação em Educação Física e Desporto Escolar* e *Gestão e Administração Escolar* para a realização da caracterização da escola e planeamento das tarefas realizadas. Foi essencial a presença destas UC no nosso currículo, na medida em que adquirimos conhecimentos sobre os órgãos administrativos da escola, do projeto educativo, regulamento interno, PA e PAT, servindo como base para compreendermos esses documentos, ao iniciar o nosso EP.

Para a obtenção de conhecimentos sobre formação e saberes docentes, de forma geral contamos com UC das Ciências da Educação, nomeadamente a UC *Ética e Deontologia Profissional Docente*. De forma a auxiliar a colega de estágio na sua AEC, a UC de *Inovação e Tecnologias do Desporto na Escola*

tornou-se fundamental neste processo, já que adquirimos ferramentas para utilização de tecnologia nas aulas de EF, sendo uma delas a aplicação para a realização de geocaching.

As UC da área das Ciências da Educação, como *Investigação em Educação*, *Sociologia da Educação* e *Psicologia da Educação* contribuíram para o processo de EP, essencialmente na relação com os alunos e conhecimento dos mesmos, através de ferramentas que nos auxiliaram para a realização da caracterização da turma, selecionando os aspetos que consideramos fulcrais para prosseguirmos com o processo de intervenção pedagógica.

A UC *Inclusão em Educação Física e no Desporto Escolar* teve uma contribuição ativa para uma adaptação a públicos com algumas dificuldades motoras e de aprendizagem, adquirindo ferramentas essenciais para uma individualização do ensino às capacidades e potencialidades dos alunos.

Voltando, novamente para a área das Ciências da Educação, referimos a UC de *História e Filosofia da Educação* como fundamental no adquirir de conhecimentos sobre didática e método, enquadrando-as na história da educação e completando-as com conhecimentos adquiridos em UC do plano de estudo da licenciatura em EF e Desporto.

Já na área das didáticas, ao longo do 1º ano de mestrado, foram-nos transmitidos conhecimentos específicos de matérias de ensino como andebol, basquetebol, voleibol, futebol, desportos coletivos no geral, desportos de adaptação ao meio, desportos de combate, badminton, ginástica, dança, atletismo e natação. Ainda no campo das didáticas foram-nos apresentadas propostas gerais de intervenção pedagógica, transversal a qualquer matéria de ensino lecionada. Logicamente que estas UC foram a base para muito do nosso papel enquanto professores de EF, servindo como ponto chave para delineamento de conteúdos e estratégias.

No que toca à licenciatura, UC como *Estudos Práticos*, *Pedagogia do Desporto*, *Controlo e Aprendizagem Motora*, *Gestão e Marketing do Desporto*, *Psicologia do Desporto* e *Sistemática das Atividades Desportivas* tornaram-se essenciais para o processo de EP, obtendo conteúdos base para o iniciar deste trajeto.

Após o adquirir e desenvolvimento das capacidades referidas ao longo deste relatório de estágio, durante todo o processo de EP e formação académica, consideramos que este poderia ter outro impacto pessoal e para os demais intervenientes, se o nosso tempo fosse organizado de forma potenciadora. Queremos com isto dizer que muitas das tarefas de estágio ficaram aquém do expetado, muitas das vezes por falta de tempo útil para cumprir com pesquisas e trabalhos que completassem as aprendizagens adquiridas ao longo dos anos de formação.

Contudo, e apesar de considerarmos que o trabalho efetuado poderia ter sido maximizado e mais eficaz, acreditamos que deixamos a nossa marca nos alunos que passaram por nós e na escola acolhedora. Este facto foi verificável no final do ano letivo, com a simpatia e carinho demonstrado pelos alunos e pelos professores do conselho de turma, ficando com a sensação de que contribuímos positivamente para

a formação dos nossos alunos, na percepção dos próprios. Já no nosso subconsciente, como já referido ao longo do relatório de estágio, deixámo-nos ficar na nossa zona de conforto, abdicando que os alunos desenvolvessem uma série de capacidades que poderiam fomentar uma formação mais rica.

Terminado o processo de EP, com uma visão diferente e com o adquirir de mais experiência, sentimo-nos preparados para enfrentar novos desafios, no campo da docência e, até mesmo, na área da comunicação e formação de professores, já que o MEEFEBS não permite apenas o interagir com a profissão docente, mas também a oportunidade de sermos nós mesmos os formadores para docentes já ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Olhando o processo de EP no seu todo, este requer de nós um sentido de organização e responsabilidade acrescido, tratando-se da nossa oportunidade, enquanto formandos, de estar perante o papel de professor, sendo que foi com esse propósito que iniciamos todo este processo de formação (licenciatura e mestrado). Apesar das dúvidas e dificuldades, ao longo dos 5 anos de formação, terminamos mais uma etapa com o sentimento de que é nisto que pretendemos investir, como futura carreira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, E., Félix, L., Carvalho, M. & Correia, A. (2014). Matérias Alternativas: Potencialidades e Equívocos – Basebol e Canoagem. In H. Lopes, E. Gouveia, R. Alves & A. Correia (Eds), *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 140-146). Funchal: Universidade da Madeira.
- Albuquerque, C. (2010). Processo Ensino-Aprendizagem: Caraterísticas do Professor Eficaz. *Millenium*, 39, pp. 55-71.
- Almada F., Fernando A., Lopes H., Vicente A., & Vitória M. (2008). *A rotura – A Sistemática das Atividades Desportivas*. Torres Novas: VML.
- Alves, R. (2014). Matérias Alternativas ou Atitudes Alternativas?. In H. Lopes, E. Gouveia, R. Alves & A. Correia (Eds), *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 156-157). Funchal: Universidade da Madeira.
- Amoroso, J. & Varregoso, I. (2014). Ultimate Frisbee – Um Desporto Para as Escolas. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1 (5), p. 49-54.
- Andrade, P. (2013). *Relatório do Estágio Pedagógico na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia*. (Tese de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira). Funchal, Portugal.
- Borssoi, B. (2008). O Estágio na Formação Docente: da Teoria a Prática, Ação-reflexão. In *1º Simpósio Nacional de Educação XX Semana da Pedagogia*, Cascavel, Brasil, 11, 12 e 13 de novembro 2008.
- Carmona, A. (2012). Relatório de Estágio – A Unidade Didática como Estratégia de Ensino Integrado – Dos Fundamentos Didatológicos aos Processos de Construção (Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Politécnico de Castelo Branco). Castelo Branco, Portugal.
- Damasceno, K. & Monteiro, F. (2007). A Formação Contínua das Professoras do 1º Ciclo de uma Escola da Rede Pública Estadual do Município de Várzea Grande / MT. In *Formação Inicial e Continuada de Professores*, São Paulo, Brasil, pp. 24-34.
- Damis, O. (2006). Unidade Didática: Uma Técnica para a Organização do Ensino e da Aprendizagem. In I. Veiga (Eds), *Técnicas de Ensino: Novos Tempos, Novas Configurações* (pp. 105-135). São Paulo: M.R. Cornacchia Livraria e Editora.
- Escola Secundária de Francisco Franco. Site oficial: <http://escolas.madeira-edu.pt/esffranco/Entrada/tabid/14719/Default.aspx>
- Federação Portuguesa de Ténis. (2017). Play + Stay – Conceito. Acedido a 29 de dezembro de 2016, em <http://www.tenis.pt/desenvolvimento-footer/play-and-stay>
- Ferreira, D. (2005). Construção de Instrumentos de Observação de Práticas Educativas: Avaliação Diagnóstica – Construção de um Instrumento de Observação Comum a Andebol e a Basquetebol. (Dissertação de licenciatura). Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra. Acedido a 13 de fevereiro de 2017, em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/16626>

- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. (25ª edição). Rio de Janeiro: Paz e Terra Coleção Leitura.
- Gonçalves, F., Fernandes, M., Gaspar, A., Oliveira, R. & Gouveia, E. (2014). A Avaliação Diagnóstica em Educação Física: uma Abordagem Prática a Nível Macro. In H. Lopes, E. Gouveia, R. Alves & A. Correia (Eds), *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 89-95). Funchal: Universidade da Madeira.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J. & Mira, J. (2001). Programa de Educação Física (10º, 11º, 12º anos): Formação Geral – Cursos Científico-Humanísticos. Ministério da Educação, Lisboa, Portugal.
- Libâneo, J. (1990). *Didática*. São Paulo: Cortez Editora.
- Lei nº 49/2005 de 30 de agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo), alterada pela Lei Nº 115/1997, de 19 de setembro.
- Lopes, H. (2014). Avaliação Sumativa: O Erro do Avaliador. *Researchgate.net*. Acedido a 10 de agosto de 2017, em https://www.researchgate.net/publication/269462873_Avaliacao_Sumativa_-_o_erro_do_avalizador
- Lopes, H. (2017). Zona de Conforto. In H. Lopes (Eds), *Pedradas no Pântano: Contributos para a Rotura do Processo Pedagógico* (pp. 33-36). Funchal: Universidade da Madeira.
- Lopes, H. & Fernando, C. (2014). Escolas de Hoje. Europa do Futuro. *Researchgate.net*. Acedido a 23 de fevereiro de 2017, em <https://www.researchgate.net/publication/275956897>
- Lopes H., Vicente A., Simões J., Barro F. & Fernando, C. (2013). A funcionalidade do processo pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1* (2), pp. 54-65.
- Machado, M. (2015). *Adolescentes*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Mapa de Pessoal 2016 / 2017. Acedido a 12 de fevereiro 2017, em <http://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=lrkbfv0pAv4%3d&tabid=14818&mid=43805>
- Matos, M. (2010). Diferenciação Curricular: Uma Abordagem às Práticas de Intervenção Educativa no 2º Ciclo do Ensino Básico (Tese de doutoramento apresentada à Universidade Técnica de Lisboa). Lisboa, Portugal.
- Mendes, C., Clemente, F., Rocha, R. & Damásio, A. (2012). Observação como Instrumento no Processo de Avaliação em Educação Física. *Exedra, 6*, pp. 57-69. Acedido a 24 de agosto de 2017, em www.exedrajournal.com/docs/N6/04-Edu.pdf
- Ministério da Educação. (2005). Programa Componente de Formação Sociocultural – Disciplina de Educação Física. Ministério da Educação, Lisboa, Portugal.
- Projeto Educativo da ESFF (2012 / 2016). Acedido a 14 de agosto 2016, em <http://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=aB1C6R9OKC8%3d&tabid=14818&mid=43805>
- Reis, P. (2001). *Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente*. Lisboa: Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores. Acedido a 24 de agosto de 2017, em

<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4708/1/Observacao-de-aulas-e-avaliacao-do-desempenho-docente.pdf>

Regulamento Interno da ESFF – atualização (2016). Acedido a 30 de outubro 2016, em <http://escolas.madeira->

[edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=aImrFD8SpBY%3d&tabid=14818&mid=43805](http://escolas.madeira-edu.pt/LinkClick.aspx?fileticket=aImrFD8SpBY%3d&tabid=14818&mid=43805)

Rocha, L. (1999). A Formação de Professores de Educação Física em Portugal: Algumas Reflexões. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 34, pp. 277-285.

Silva, D. (2009). O Ultimate Frisbee enquanto Matéria de Ensino nas Aulas de Educação Física – Estudo Exploratório da Recetividade dos Professores e Alunos ao Nível do Ensino Secundário (Monografia apresentada à Universidade da Madeira). Funchal, Portugal.

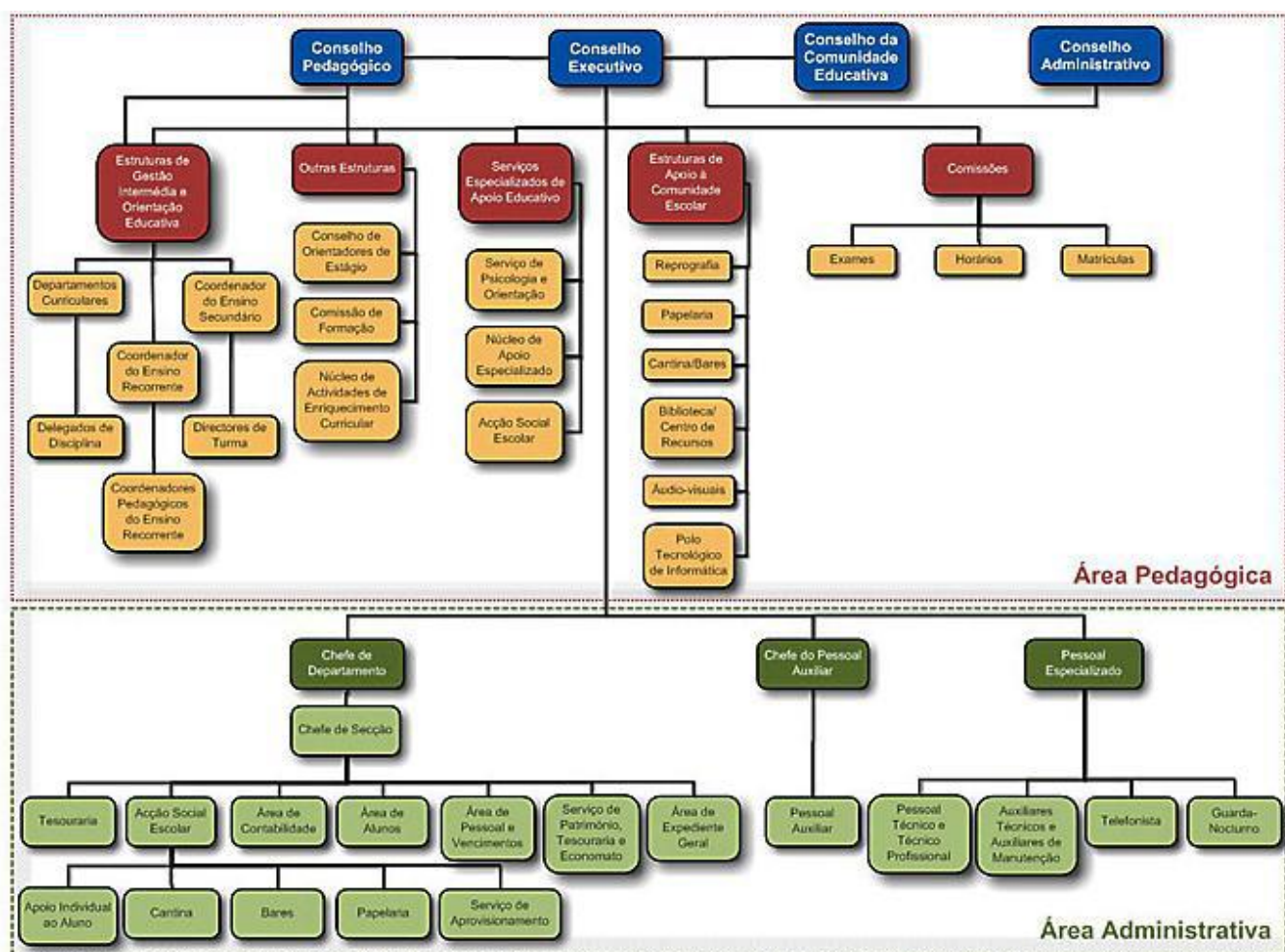
Simões, J. (2014). A Educação como Fator de Produção Estudo Exploratório ao Nível da Educação Física e Desporto Escolar na RAM – Análise da necessidade / possibilidade de uma rotura (Tese de doutoramento apresentada à Universidade da Madeira). Funchal, Portugal.

Simões, J., Fernando, C. & Lopes, H. (2014). Avaliar em Educação Física: A Necessidade de um Quadro Conceptual. In H. Lopes, E. Gouveia, R. Alves & A. Correia (Eds), *Problemáticas da Educação Física I* (pp. 17-23). Funchal: Universidade da Madeira.

Tudor-Locke, C. & Bassett Jr, D. (2004). How Many Steps / Day are Enough? Preliminary Pedometer Indices for Public Health. *Sports Med*, 34 (1), pp. 1 – 8.

Universidade da Madeira. Site Oficial. www.uma.pt.

ANEXO 1. ORGANOGRAMA DA ESCOLA



ANEXO 2. CALENDÁRIO ESCOLAR



CALENDÁRIO ESCOLAR



SETEMBRO								OUTUBRO								NOVEMBRO							
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo	
			1	2	3	4		1	2					1	2		1 FERIADO	2	3	4	5	6	
5	6	7	8	9	10	11		3	4	5 FERIADO	6	7	8	9	10	7	8	9	10	11	12	13	
12	13	14	15	16	17	18		10	11	12	13	14	15	16	14	15	16	17	18	19	20		
19	20	21	22	23	24	25		17	18	19	20	21	22	23	21	22	23	24	25	26	27		
26	27	28	29	30				24	25	26	27	28	29	30	28	29	30						
31								31															

DEZEMBRO								JANEIRO								FEVEREIRO							
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo	
			1 FERIADO	2	3	4								1			1	2	3	4	5		
5	6	7	8 FERIADO	9	10	11		2	3	4	5	6	7	8	6	7	8	9	10	11	12		
12	13	14	15	16 MP/CSN	17	18	19	9	10	11	12	13	14	15	13	14	15	16	17	18	19		
19	20	21	22	23	24	25	26	16	17	18	19	20	21	22	20	21	22	23	24	25	26		
26	27	28	29	30	31			23	24	25	26	27	28	29	27	28							
								30	31														

MARÇO								ABRIL								MAIO							
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo	
		1	2	3	4	5								1	2	1 FERIADO	2	3	4	5	6	7	
6	7	8	9	10	11	12		3	4	5	6	7	8	9	8	9	10	11	12	13	14		
13	14	15	16	17	18	19		10	11	12	13	14	15	16	15	16	17	18	19	20	21		
20	21	22	23	24	25	26		17	18	19	20	21	22	23	22	23	24	25	26	27	28		
27	28	29	30	31				24	25	26	27	28	29	30	29	30	31						

JUNHO							
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo	
			1	2	3	4	
5	6	7	8	9	10	11	
12	13	14	15 FERIADO	16	17	18	
19	20	21	22	23	24	25	
26	27	28	29	30			

Legenda:

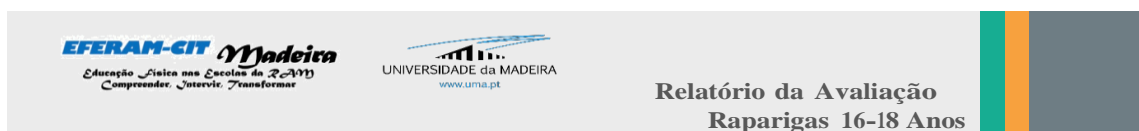
- CDE – Comemorações do ‘Dia da Escola’
- RI – Reuniões Intercales
- BCF – Bênção das Capas dos Finalistas
- MP – Missa do Parto
- CSN – Ceia solidária de Natal
- RA – Reuniões de Avaliação
- SNCP – Semana dos Clubes, Núcleos e Projetos
- ST – Semana das Tecnologias

Notas:

1. As reuniões intercales do 2.º período são obrigatórias para o 10.º ano e facultativas para o 11.º e 12.º anos.
2. Exames Nacionais: 1.ª fase (19 - 27 de junho) e 2.ª fase (19 - 24 de julho).

ANO LETIVO 2016 | 2017

ANEXO 3. RELATÓRIO INDIVIDUAL EFERAM-CIT



NOME: DATA NASC. DATA DE INVEST. 12 / 10 / 2016
 ESCOLA: Francisco Franco ANO ESCOLAR: 12 TURMA: 13

1. COMPOSIÇÃO CORPORAL

1.1. Massa Corporal: 66,5 kg 1.2. Altura: 166 cm 1.3. Perímetro da Cintura: 73 cm
 1.4. Percentagem de Massa Gorda⁽⁵⁾: N / A % 1.5. Índice de Massa Corporal: 24,1 kg / m²

Quadro 1 Valores de referência relativos à composição corporal

	16 Anos				17 Anos				>17 Anos			
	Magro	Zona saudável	Algum risco	Zona de risco	Magro	Zona saudável	Algum risco	Zona de risco	Magro	Zona saudável	Algum risco	Zona de risco
Índice de Massa Corporal (kg/m ²) ⁽¹⁾	≤16.8	16.9-24.1	24.2	≥26.1	17.2	17.3-24.6	24.7	≥26.7	≤17.5	17.6-25.1	25.2	≥27.2
Percentagem de Massa Gorda (%) ⁽¹⁾	≤15.2	15.3-29.7	29.8	≥37.4	≤15.8	15.9-30.4	30.5	≥37.9	≤16.4	16.5-31.3	31.4	≥38.6
Perímetro da Cintura (cm) ⁽²⁾	≤64.3	64.4-72.3	72.4-77.8	≥77.9	≤64.8	64.9-72.9	73.0-78.4	≥78.5	≤65.1	65.2-73.3	73.4-78.7	≥78.8

2. APTIDÃO FÍSICA

2.1. Salto s/c: N / A cm 2.2. Senta e Alcança Dirt: N / A Esq. N / A 2.3. Flexão Ombro Dirt: Sim Flexão Ombro Esq. Sim
 2.4. Vaivém (10×5m): N / A seg 2.5. Abdominais: N / A n 2.6. Dinamometria Manual: N / A kg
 2.7. Suspensão na barra: N / A seg 2.8. Vaivém (20m): N / A seg 2.9. VO₂máx⁽⁶⁾: N / A ml/kg/min

Quadro 2 Valores de referência relativos à Aptidão Física (FITNESSGRAM & EUROFIT)

Aptidão Física	16 Anos			17 Anos			>17 Anos		
	Zona de risco	Precisa melhorar	Zona saudável	Zona de risco	Precisa melhorar	Zona saudável	Zona de risco	Precisa melhorar	Zona saudável
Força Explosiva MI (cm) ^(4,3)	≤130	131-152	≥153	≤134	135-150	≥151	≤134	135-150	≥151
Flexibilidade/Tronco (cm) ⁽¹⁾	<29.5		≥29.6	<29.5		≥29.6	<29.5		≥29.6
Flexibilidade/Ombro (S/N) ⁽¹⁾	N/N	N/S	S/S	N/N	N/S	S/S	N/N	N/S	S/S
Agilidade/Velocidade (seg) ^(4,3)	≥23.0	22.9-22.0	≤21.9	≥26.0	25.9-23.5	≤23.4	≥26.0	25.9-23.5	≤23.4
Força do Tronco (n) ^(4,3)	≤15	16-20	≥21	≤17	18-19	≥20	≤17	18-19	≥20
Força Estática MS (kg) ^(4,3)	≤23	24-29	≥30	≤24	25-30	≥31	≤24	25-30	≥31
Força Funcional (seg) ^(4,3)	≤0	0.1-8.0	≥8.1	≤0	0.1-6.0	≥6.0	≤0	0.1-6.0	≥6.0
Capacidade Aeróbia VO ₂ max (ml/kg/min) ⁽¹⁾	≤35.8	35.9-38.8	≥38.9	≤35.7	35.8-38.7	≥38.8	35.3	35.4-38.5	≥38.6

⁽¹⁾Meredith & Welk (2010); ⁽²⁾Sardinha et al. (2012); ⁽³⁾Freitas et al. (2002); ⁽⁴⁾Eurofit (1993); ⁽⁵⁾Slaughter et al. (1988); ⁽⁶⁾Mahar et al. (2011)

ANEXO 4. FICHA DE REGISTO AI DOS DESPORTOS COLETIVOS

Avaliação Inicial - 1213 - Basquetebol, Futebol e Andebol

	Ocupação do Espaço				Progressão no Terreno				Domínio da Bola				Ações de Cooperação			
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
Aluno																

Ocupação do Espaço

1. Espaço ocupado em função da bola
2. Espaço ocupado em função do adv e colegas
3. Ocupação racional do espaço
4. Posição estratégica

Progressão no Terreno

1. Em função da bola
2. Em função da baliza
3. Em função dos adv, colegas, baliza e bola
4. Posição estratégica

Domínio da Bola

1. Insuficiente domínio da bola
2. Domínio instável
3. Domínio estável
4. Domínio estável e criativo

Ações de cooperação

1. Ausência de cooperação
2. Cooperação oportunista intermitente
3. Cooperação consciente
4. Cooperação automatizada

ANEXO 5. FICHA DE REGISTO AI DOS DESPORTOS DE CONFRONTAÇÃO DIRETA E VOLEIBOL

Avaliação Inicial - 1213 - Confrontação Direta

Alunos	Ténis de Mesa			Ténis de Campo			Badminton		
	Domínio da bola	Pega na raquete	Posição base	Domínio da bola	Pega na raquete	Posição base	Domínio da bola	Pega na raquete	Posição base

Avaliação Inicial - 1213 - Voleibol

Alunos	Voleibol			
	Domínio da bola	Ações de cooperação	Ataque*	Defesa

Critérios

1. Não realiza
2. Realiza com muita dificuldade
3. Realiza com alguma dificuldade
4. Realiza bem
5. Realiza muito bem

* Ataque - Construção do ataque (2 - 3 passes)

ANEXO 6. FICHA DE REGISTO AI DA GINÁSTICA

Avaliação Inicial - 1213 - Ginástica e Dança

Alunos	Dança		
	Noção de ritmo	Exploração do espaço	Interação com os colegas

Critérios

1. Não realiza
2. Realiza com muita dificuldade
3. Realiza com alguma dificuldade
4. Realiza bem
5. Realiza muito bem

Avaliação Inicial - 1213 - Ginástica e Dança

Alunos	Ginástica de solo / acrobática								
	Ajuda aos colegas	Rolamento à frente	Rolamento atrás	Roda	Apoio invertido	Avião	Ponte	Espargata	Salto ao eixo

ANEXO 7. PLANO ANUAL DE TURMA

Perante as informações retiradas anteriormente, da caracterização da turma e da AI realizada, passamos para um planeamento anual para a turma 12º13, focando os objetivos anuais que pretendemos alcançar com a turma, a calendarização das aulas e os conteúdos a serem abordados.

OBJETIVOS ANUAIS

Com base em Jacinto, Carvalho, Comédias e Mira; Ministério da Educação (2001; 2005) e nos objetivos definidos pelo mesmo, ao longo do ano letivo 2016 / 2017 pretendíamos alcançar os objetivos abaixo mencionados, utilizando os recursos e estratégias que serão mencionadas posteriormente. Os objetivos aqui referidos foram definidos através da análise das avaliações iniciais, bem como das informações retiradas da caracterização da turma, efetuadas no início do ano letivo.

Assim, para a turma 12º13 define-se como objetivos:

- (i) Maior gosto pela AF;
- (ii) Diminuir comportamentos que afetem o normal funcionamento da aula;
- (iii) Aumentar relações interpessoais dentro da turma.

CALENDARIZAÇÃO DAS AULAS

Para o cumprimento dos objetivos delineados, estão previstas 62 aulas (de 90 minutos), sendo que no 1º período contaremos com 24 aulas, onde a primeira será a aula de apresentação, as próximas 3 serão para a realização da avaliação inicial dos alunos, nas matérias previstas no planograma definido pelo grupo de EF, bem como matérias que consideramos ter comportamentos idênticos às definidas pela escola, disponibilizando ainda de 3 aulas que serão dedicadas à avaliação da aptidão física (EFERAM-CIT e Projeto +90).

As restantes aulas do período, bem como do ano letivo (25 aulas no 2º período e 13 aulas no 3º período) serão dedicadas ao desenvolvimento das capacidades dos alunos, nas diferentes matérias de ensino, que consideramos importantes para os alunos (definidas pelo grupo de EF e outras com comportamentos idênticos e do interesse dos alunos), sendo que iremos optar pela lecionação de aulas politemáticas e monotemáticas, estando um pouco dependentes das instalações e dos materiais que dispomos.

Na calendarização das aulas apresentamos as matérias de ensino propostas pelo grupo de EF e algumas alternativas (definidas por nós), contudo a maioria das aulas terá uma organização politemática, sendo abordadas duas ou três matérias, em algumas aulas (dependendo das instalações que dispomos e das necessidades dos alunos) sendo que o objetivo primordial, e de modo a combater comportamentos perturbadores do clima favorável de aula, é manter todos os alunos em empenhamento motor efetivo.

Assim, ao longo do ano letivo, iremos ao encontro das necessidades dos alunos, introduzindo atividades que visem dar resposta às dificuldades dos alunos, de forma a que estes melhorem em determinadas matérias, bem como indo sempre ao encontro das suas motivações, de forma a atingir os objetivos delineados no início do ano letivo.

Apesar do grupo disciplinar de EF propor, apenas, a abordagem de basquetebol, futebol, voleibol, ginástica acrobática, ténis de campo, ao longo do ano letivo, para o 12º ano, é nosso propósito abordar outras modalidades que solicitem comportamentos idênticos ou com carácter motivacional e preferencial para os alunos.

Com isto, optamos por introduzir no nosso planeamento anual a abordagem de desportos alternativos, como: madeirabol, MMA, padle, atletismo, canoagem, caminhadas, orientação, snorkeling, geocaching, mergulho, sendo que a dinamização ou não destas poderá ser condicionada por identidades fora do contexto escolar e aspetos logísticos que poderão estar fora do nosso alcance. Além disso, o fator tempo poderá também se mostrar uma condicionante para a abordagem de todas as modalidades a que nos propusemos. Por estas razões, não serão transmitidas aos alunos, no início do ano letivo, informações sobre a realização de algumas atividades exteriores, sendo que será ao longo do ano que estes terão conhecimento das mesmas, de acordo com a disponibilidade dos recursos.

APRESENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Com as matérias planeadas, pretendemos transmitir aos alunos conteúdos específicos dos desportos coletivos, através de jogos reduzidos, condicionados e formais, baseando-se em matérias de ensino como o basquetebol, futebol, andebol, frisbee e corfebol, tendo por base conteúdos como: manutenção da posse do objeto de jogo; construção de ações ofensivas; progressão (com e sem objeto de jogo); criação de situações de finalização; finalização. Por outro lado, e com base nos propósitos dos desportos coletivos, impedir a manutenção da posse do objeto de jogo, por parte do adversário; impedir a construção de ações ofensivas; anular situações de finalização; recuperar a posse de bola; defender a baliza / cesto.

Assim, estes princípios serão abordados ao longo de todo o ano letivo, em aulas monotemáticas e politemáticas, prevendo uma média total de 15 aulas dedicadas a desportos coletivos, com características de invasão.

No que toca ao voleibol, considerado um desporto coletivo, mas não possuindo características invasivas, através de uma avaliação inicial, observou-se um bom domínio técnico e tático nesta modalidade, o que fez-nos definir objetivos de jogo mais formais, bem como criar desafios / condicionantes individuais (ao longo do jogo, por exemplo, só é serviço válido, se for em suspensão – dependendo do nível onde o aluno está enquadrado, de forma a que o aluno tenha um conhecimento mais aprofundado do “eu”).

Assim, e indo de encontro ao pretendido, através de aulas politemáticas e monotemáticas, pretendemos que os alunos adquiram ações de defesa e ataque (construção do ataque), ações de cooperação e domínio da bola. Para a matéria de voleibol, prevemos uma lecionação de 15 aulas, tendo em conta a organização das aulas indicada no início desta UD.

Embora não é nosso propósito, nem apoiamos o facto de que a EF deva ser uma forma de trabalhar a técnica das modalidades, achamos por bem fazer uma abordagem a esse fator, por consideramos essenciais em desportos de confrontação direta, utilizando para isso o método *Play + Stay*, proposto pela Federação Internacional de Ténis (Federação Portuguesa de Ténis, 2017)

Esta opção de abordagem prede-se ao facto de que, a partir de uma avaliação inicial, deparamo-nos com alguns problemas no batimento dos objetos de jogo. O que fará com que, em situação de jogo, não haja fluidez na situação, fazendo com que seja essencial uma abordagem dos aspetos técnicos destas modalidades, em forma de situações jogadas (jogo condicionado e adaptado).

Assim sendo, os conteúdos a abordar em matérias de confrontação direta (como ténis de campo, badminton, padle) serão: Familiarização com os materiais (raquete e bola / volante), posição base, aspetos / gestos técnicos, jogos (singulares e pares). Prevemos a utilização de 15 aulas dedicadas a modalidades agrupadas nos desportos de confrontação direta, de forma a atingirmos os objetivos delineados anteriormente, tendo por base a distribuição por aulas monotemáticas e politemáticas, ao longo de todo o ano letivo.

No caso da GA, será necessária uma abordagem mais específica, direcionada para esta matéria de ensino, pois trata-se de uma matéria que engloba em si uma noção de ritmo (indo ao encontro de atividades rítmicas e expressivas), bem como aspetos mais técnicos, de acordo com elementos da ginástica de solo, tendo sempre presente e como aspeto primordial a segurança do aluno.

Assim, pretendemos transmitir conteúdos das diversas matérias, sendo que a ginástica acrobática será abordada em contexto de aulas politemáticas, devido à distribuição de material disponível para a prática (colchões), pois, acima de tudo, a segurança do aluno deve estar sempre presente. Pela mesma questão, esta matéria está condicionada a ser lecionada apenas no 2º período (prevendo 7 aulas), tendo por base a planificação dos seguintes conteúdos:

DATA	CONTEÚDO
4 JAN	Noção do peso e contrapeso e funções na GA – abordagem teórica
	Pegas
	Equilíbrios (dinâmico e estático)
	Trabalho a pares – montes e desmontes
	Criação dos grupos de trabalho (5 grupos de 5 elementos – tendo em atenção as diferenças entre alunos e variáveis a ter em conta)
11 JAN	Explorar os elementos do quadro – imagens pavilhão FF – em grupos
	Elementos gímnicos de ginástica de solo e artística (piruetas, rolamentos, passo-troca-passo, saltos [eixo, extensão, engrupado], pino, roda) – em grupos

18 JAN A 15 FEV	Consolidação dos elementos técnicos e criação das coreografias
22 FEV	Apresentação da coreografia à turma e entrega do cd

Como já referido, além das matérias propostas pelo grupo disciplinar de EF, para responder aos objetivos definidos no início do ano letivo, pretendemos que os alunos experienciem várias atividades desportivas, ao longo do ano letivo.

Sendo assim, pretendemos abordar, em aulas monotemáticas, modalidades como MMA, canoagem / SUP, padle e orientação. Iniciando com a modalidade de MMA, devido à sua especificidade e a oportunidade de deslocação de um treinador da modalidade, à escola, planeamos a abordagem da mesma numa única aula (90 minutos), tendo por base uma demonstração da modalidade e um domínio pessoal dos alunos. Esta atividade englobará também as turmas que terão EF à mesma hora que a nossa turma, caso os professores da turma estejam interessados a participar na atividade.

No caso do padle, estamos condicionados à parceria da escola com o Centro de Padle do Funchal, pretendendo que os alunos ganhem uma familiarização com os objetos de jogo e uma nova experiência com desportos de confrontação direta. Para a matéria de canoagem / SUP, estamos, igualmente, condicionados a instituições externas à escola, sendo nosso propósito transmitir informações base destas matérias: equilíbrio nos materiais e deslocamento dentro de água. Outra matéria que implica deslocamentos fora da escola (orientação – Parque de Santa Luzia), onde pretendemos transmitir conteúdos de domínio da leitura de bússola e mapa, sendo que pretendemos uma orientação do aluno através destes objetos, num espaço aberto, após uma abordagem da modalidade num contexto fechado e conhecido pelos próprios (escola).

Para uma primeira abordagem à orientação, pretende-se realizar 3 aulas na escola, sendo os conteúdos idênticos aos que nos propusemos para a orientação no Parque de Santa Luzia, utilizando, para isso, o kit de orientação na escola, disponível. Paralelamente à abordagem da orientação na escola, planeamos a introdução do geocaching, com a leitura de GPS (smartphone), utilizando primeiramente a digitalização de imagens e, numa fase posterior, realizar uma saída (juntamente com a orientação no Parque de Santa Luzia) para a descoberta de caches oficiais.

Juntamente com modalidades já referidas e indicadas que seriam abordadas em aulas politemáticas, temos matérias como o madeirabol, prevendo a sua lecionação em 5 aulas ao longo do ano letivo, paralelamente ao badminton ou ao voleibol, fornecendo informações de domínio da bola, gestos de lançamento da bola para o campo adversário e noções básicas de jogo. Por fim, pretende-se ainda lecionar 2 aulas de atletismo, em estilo politemático (juntamente com o futebol ou o ténis de campo), abordando conteúdos de lançamentos e corridas, tratando-se de motivações dos alunos indicadas no início do ano letivo.

ANEXO 8. UNIDADE DIDÁTICA

As unidades didáticas (UD) têm por objetivo a organização do processo de ensino / aprendizagem, englobando as atividades que o professor pretende realizar com os seus alunos, de forma a que funcionem como instrumentos e estratégias de ensino (Carmona, 2012).

O autor anteriormente citado completa a sua ideia afirmando que as UD são instrumentos que auxiliam o professor a organizar as aprendizagens e a articular os conhecimentos, acrescentando que o processo ensino / aprendizagem é assim organizado, numa lógica temporal e deve incluir todos os elementos do currículo. Para Carmona (2012) as UD são constituídas por quadro momentos: (1) abordagem didática; (2) sistematização do conhecimento; (3) avaliação; (4) ampliação / reforço.

Para a construção da UD é essencial ter em conta a caracterização da turma e caracterização da escola, sendo que para a construção das UD que se seguem, essas informações foram tidas como base para guiar o nosso trabalho e sistematização de conteúdos. Além disso, o planeamento anual terá sido, igualmente, um ponto fulcral para a organização das UD.

Posto isto, a presente UD tem como objetivo organizar e estruturar os conteúdos a abordar ao longo do ano letivo 2016 / 2017 para a turma de 12º13 da ESFF (25 alunos – 11 género feminino e 14 género masculino). Para tal, iremos nos basear em aspetos definidos pelo grupo de EF da escola, nos objetivos e componentes apresentadas pelo Programa Nacional de Educação Física (PNEF) para o secundário, na caracterização da turma e da escola (incluindo os recursos materiais e instalações disponíveis) e no planeamento anual de turma.

Assim sendo, esta UD estará dividida em cinco seções: (1) justificação da UD; (2) UD da avaliação inicial; (3) UD do 1º período; (4) UD do 2º período; e (5) UD do 3º período. No caso específico das UD por período letivo, estas englobam: (1) objetivos a desenvolver com a turma; (2) matérias a lecionar; (3) objetivos imediatos; (4) exercícios base; (5) estratégias a utilizar; (6) critérios de avaliação; e (7) balanço geral da UD.

JUSTIFICAÇÃO DA UD

Inicialmente, tentamos construir uma UD por matérias de ensino, contudo após algum tempo de pesquisa e reflexão e perante os recursos que tínhamos disponíveis e as necessidades dos alunos, optamos por criar uma UD que nos ajudasse a ir ao encontro dos objetivos que pretendíamos alcançar com os nossos alunos, contendo as matérias a lecionar ao longo do ano letivo, subdividindo-as por período letivo.

Assim sendo, esta UD foca-se essencialmente em objetivos e comportamentos a alcançar com a turma 12º13, utilizando para isso as matérias de ensino propostas pelo grupo de EF, para este ano de escolaridade, bem como atividades propostas pelos alunos da turma, aproveitando ao máximo a distribuição de instalações pelo grupo de EF e recursos adjacentes à escola.

Ao longo das aulas, centraremos o nosso processo no aluno e no seu domínio pessoal, relacional e espacial, através de aulas politemáticas e monotemáticas, embora estejamos condicionados pela distribuição de instalações, definidas pelo grupo de EF. É nosso propósito, igualmente, ir ao encontro do planograma da escola (matérias propostas pelo grupo de EF para o 12º ano), bem como das motivações e necessidades dos alunos (com base na ficha de apresentação e avaliação inicial).

Posto isto, agrupamos as matérias a abordar de acordo com a taxonomia de Almada et al. (2008): (1) desportos coletivos, (2) confrontação direta, (3) desportos de combate, (4) desportos individuais, (5) adaptação ao meio e (6) grandes espaços, sendo que pretendemos, ao longo do ano letivo (62 aulas, de 90 minutos) desenvolver comportamentos solicitados nos seis grupos taxonómicos.

Iniciaremos o processo com uma avaliação inicial, que restringiremos principalmente às matérias de ensino presentes no planograma definido pelo grupo de EF da escola (basquetebol, futebol, voleibol, ginástica acrobática, ténis de campo), contudo optamos ainda por avaliar outras matérias, na mesma aula, que solicitassem comportamentos idênticos. No caso específico do ténis de campo, e devido à distribuição de instalações para a aula destinada à avaliação inicial (pavilhão) não poderemos utilizar os materiais tradicionais para esta modalidade, sendo que, avaliando comportamentos idênticos, utilizaremos o ténis de mesa e o badminton, como forma de observar os comportamentos de confrontação direta presentes nas matérias.

No caso das matérias alternativas, isto é, propostas pelos alunos, com base nas suas motivações / preferências, a avaliação inicial será efetuada com base em comportamentos idênticos que serão solicitados nas aulas de avaliação inicial (com base nos grupos taxonómicos).

UNIDADE DIDÁTICA AVALIAÇÃO INICIAL

Como forma de iniciar o processo de ensino / aprendizagem, nas primeiras aulas do ano letivo realizaremos uma AI, com base nas matérias definidas pelo grupo de EF, para o 12º ano. Estas matérias foram agrupadas nos grupos taxonómicos de Almada et al. (2008), sendo que foram ainda utilizadas outras matérias que solicitassem comportamentos idênticos, realizando uma avaliação inicial em várias matérias de ensino, numa mesma aula (consoante o grupo taxonómico – 3 aulas).

Para a AI foram criadas folhas de registo, baseadas em autores como o Garganta, para o caso do basquetebol, andebol e futebol e Mesquita para o voleibol e adaptado para os desportos de confrontação direta. Além das informações das saídas motoras dos alunos, perante as matérias avaliadas inicialmente, é nosso objetivo retirar informações comportamentais dos alunos, identificando líderes e afinidades relacionais entre os mesmos, bem como as matérias que mais se identificam.

Começaremos esta seção da UD por enquadrar a AI, no processo ensino / aprendizagem, fazendo uma caracterização sobre o que é a AI e para que serve. De seguida, justificaremos a seção da UD de AI, prosseguindo com a AI dividida por grupos taxonómicos, incluindo ainda a AI da aptidão física.

Avaliação Inicial

A AI trata-se de uma forma sistemática de recolha de informação, possibilitando ao professor o enquadramento dos seus alunos em diferentes níveis, para que seguidamente este possa tomar decisões constituintes de todo o processo ensino / aprendizagem (Ferreira, 2005). Completando esta ideia, Simões (2014) acredita que a AI faz parte integrante do processo ensino / aprendizagem, e deve apresentar-se como inovadora e desafiante para o aluno, sendo este o centro de todo o processo.

Portanto, e baseando-se em Jacinto, Carvalho, Comédias e Mira; Ministério da Educação – PNEF (2001; 2005) a AI é uma forma de recolha de informação que serve de base ao planeamento do professor, ou seja, permite a execução do planeamento anual de turma. Segundo o mesmo documento, este sensibiliza para que a AI ocorra no início de cada ano letivo, tornando o professor mais assertivo nas decisões que toma, pois poderá enquadrar os seus alunos por níveis e ter o conhecimento das suas capacidades e potencialidades.

Com esta UD pretendemos então planear as aulas de AI, dispensando para tal, três aulas para avaliar as matérias de ensino inseridas no planograma da escola e três aulas para a avaliação da aptidão física, recorrendo a dois projetos distintos para a mesma (Projeto +90 ESFF e EFERAM-CIT UMa).

Justificação da Unidade Didática

Esta seção da UD dizendo respeito à AI dos nossos alunos, será subdividida em 3 seções, correspondentes às matérias de ensino avaliadas e aos grupos taxonómicos que inserimos. Já a outra seção corresponderá à avaliação da aptidão física dos alunos.

Optamos por esta divisão pois acreditamos que será uma forma sistemática de organizar estas primeiras aulas do ano letivo, com todas as condicionantes inerentes ao processo, tais como o conhecimento da turma, a distribuição de instalações, os recursos materiais e a nossa inexperiência neste processo complexo e de grande adaptação.

Avaliação Inicial Desportos Coletivos

A AI iniciar-se-á na aula 2 com os desportos coletivos (basquetebol, futebol e andebol) avaliando os aspetos táticos do jogo: ocupação do espaço, progressão no terreno, domínio da bola, ações de cooperação, segundo Garganta. No caso do voleibol, considerado um desporto coletivo, contudo não existindo contato físico entre as duas equipas adversárias, a AI será realizada na aula 3, aproveitando a rede dos desportos de confrontação direta e avaliando aspetos de domínio da bola, ações de cooperação, construção do ataque e ações de defesa. Os alunos serão enquadrados em 4 níveis, com base nos instrumentos de observação que serão utilizados.

Avaliação Inicial Desportos de Confrontação Direta

Já a AI dos desportos de confrontação direta restringir-se-á às matérias de ténis de campo (adaptado, devido às condições da instalação disponível), ténis de mesa e badminton. Sendo que esta avaliação realizar-se-á durante uma aula (aula 3). Para avaliar o nível dos alunos adaptar-se-á o instrumento utilizado para o voleibol.

Avaliação Inicial Desportos Individuais

No caso dos desportos individuais, iremos nos centrar na ginástica de solo, pois uma das matérias de ensino propostas pelo planograma da escola é a ginástica acrobática, e nesta fase inicial, acreditamos pertinente conhecer o nível do aluno perante os elementos gímnicos da ginástica de solo.

Para isso, utilizaremos uma aula de 90 minutos (aula 5) avaliando se o aluno realiza ou não alguns dos elementos base da ginástica de solo, bem como o seu grau de dificuldade em realizá-los. Assim, os elementos a avaliar serão o pino de braços, rolamentos (à frente e à retaguarda), elementos de flexibilidade e equilíbrio e salto ao eixo.

Avaliação da Aptidão Física

Para a avaliação da aptidão física, recorreremos aos projetos já criados pela ESFF e pelo departamento de EF da UMa (Projeto +90 e EFERAM-CIT). Assim, no que toca ao Projeto +90, o grupo disciplinar dispensa 2 aulas (90' + 90') para a realização dos diferentes testes de aptidão física presentes no protocolo criado pelo grupo, adaptado de baterias de testes já existentes.

O EFERAM-CIT foi criado pelo departamento de EF da UMa, englobando em si alguns testes semelhantes ao Projeto +90, acrescentando outros que avaliam capacidades semelhantes. Para aplicação do EFERAM-CIT utilizaremos 1 aula (90 minutos), de acordo com a disponibilidade da equipa de avaliadores da UMa.

Balço Avaliação Inicial

Através da aplicação desta UD permitiu-nos retirar o nível dos alunos em diferentes matérias de ensino. Sendo que no caso dos desportos coletivos e de confrontação direta, estes alunos encontram-se, na sua maioria, nos níveis elementar e avançado. No caso da ginástica de solo, nota-se alguns receios em realizar elementos gímnicos, contudo podemos, igualmente, dividir a turma em dois níveis: elementar e avançado.

Restringimo-nos à AI das matérias presentes no planograma da escola e aos grupos taxonómicos nos quais estas se englobavam, contudo, e tendo em conta definições de AI e o seu objetivo, deveríamos ter recorrido a outras matérias de ensino, bem como a outros grupos taxonómicos, de forma a nos auxiliar mais assertivamente na escolha das matérias a lecionar ao longo de todo o ano letivo.

No caso da avaliação da aptidão física, segue os regulamentos e protocolos dos projetos mencionados, logo o encurtar da duração da aplicação desses protocolos envolveria uma mudança em termos macro, da qual não temos total poder de ação. Contudo, acreditamos que era aceitável e preferível que a AI da aptidão física fosse efetuada em apenas 1 aula (90 minutos) conseguindo retirar conclusões sobre as capacidades e necessidades dos nossos alunos.

UNIDADE DIDÁTICA 1º PERÍODO

Esta seção de UD diz respeito ao 1º período letivo (já excluindo as 6 aulas dispensadas para a AI acima mencionada e a aula de apresentação). Em termos temporais, dispomos assim de 17 aulas (de 90 minutos). Para este período temos disponível o pavilhão, semanalmente, para ambos os dias de aula (terça e quarta-feira).

Objetivos a Desenvolver com a Turma

Baseando-se na caracterização da turma, bem como nas conclusões retiradas da AI efetuada, pretende-se: (1) diminuir os comportamentos perturbadores do funcionamento da aula; (2) manter o controlo da turma, aquando a explicação das tarefas e ao longo da realização das mesmas; (3) aumentar as relações entre os alunos; (4) desenvolver a interajuda e cooperação entre os alunos, de forma a que se sintam integrados num grupo, transparecendo isso para o dia a dia dos mesmos; (5) promover o gosto pela atividade física diária; (6) desenvolver a autonomia e a proatividade dos alunos; (7) desenvolver uma atitude de grupo (dinâmica de grupo).

Matérias a Lecionar

Para alcançar os objetivos acima mencionados, iremos recorrer à lecionação das duas matérias de ensino previstas no planograma da escola (voleibol e basquetebol). Além dessas matérias, abordaremos algumas das propostas pelos alunos na ficha de apresentação, como por exemplo o madeirabol e badminton.

É nosso objetivo, com as matérias alternativas, responder essencialmente ao objetivo (5) dos mencionados anteriormente, acreditando que se oferecermos aos alunos matérias que estes se sentem motivados a realizar, após o período escolar, poderão estar mais motivados para praticar estas mesmas atividades, em contextos mais informais.

Exercícios Base

As aulas serão organizadas na lógica de jogos reduzidos e condicionados, nas diferentes matérias de ensino, sendo que em fases mais avançadas recorreremos de jogos aproximados ao formal, no caso concreto do voleibol, pois a turma possui, na sua maioria, grande domínio de jogo e das ações em contexto jogado.

Estratégias a utilizar

As aulas serão, maioritariamente, organizadas de forma politemática, havendo necessidade, de acordo com a matéria, os objetivos e as instalações disponíveis, a lecionação de aulas monotemáticas. Os alunos serão subdivididos em grupos, de acordo com o nível que se encontram, com base na AI efetuada. A criação dos grupos será realizada aquando do plano de aula, para que se reduza os tempos de espera e aumente o tempo de prática efetiva na aula.

No caso dos exercícios a utilizar, como já referido, vamos nos focar essencialmente na abordagem das matérias, através de jogos reduzidos e condicionados, acreditando que esta seja uma forte fonte de motivação para os alunos.

Utilização de pouco material didático, devido às características da turma, observadas nas aulas de AI. A cada aula serão nomeados alunos responsáveis por levantar e depositar o material necessário à funcionária do pavilhão, sendo que serão avisados previamente, para que não haja atrasos no momento da aula.

Para o caso de haver aulas em que hajam alunos a esquecer o equipamento ou por uma outra razão não realizem a parte prática da aula, serão propostas tarefas, como sendo arbitragem, observação de um colega e reflexão das ações em jogo do mesmo, ajuda em determinado elemento e responsabilidade pelo material utilizado ao longo da aula.

Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação seguirão a definição de critérios definidos pelo grupo disciplinar de EF da escola, sendo que o aluno será avaliado, continuamente, no domínio cognitivo (95%), subdividido em psicomotor (60%), empenho e cooperação (20%) e conhecimentos (15%) e no domínio sócio-afetivo (assiduidade, pontualidade e comportamento – 5%).

No caso do psicomotor para os desportos coletivos, seguiremos os níveis de Garganta para nos auxiliar na avaliação contínua desta componente, transferindo a nota quantitativa em 4 níveis de avaliação, tendo em conta o espaço ocupado em jogo, progressão no terreno, domínio da bola e cooperação com os colegas em contexto de jogo. O voleibol será avaliado, igualmente, em 4 níveis, tendo em atenção as ações de defesa e ataque (construção do ataque), as ações de cooperação em situação de jogo e o domínio da bola.

No caso do empenho e cooperação, será avaliado na sua totalidade das matérias, de igual modo, ou seja, teremos em conta três níveis de avaliação, sendo eles: (1) não se interessa pela tarefa, nem coopera com o prof / colegas; (2) interesse pela tarefa, mas não coopera com prof / colegas ou não interesse pela tarefa, mas coopera com prof / alunos (perturbação da aula / colegas); (3) interesse pela tarefa e cooperação.

Os conhecimentos (15%) serão avaliados através de questões, durante as aulas, sobre as matérias que estão sendo abordadas, nivelando os alunos em 3 níveis: (1) não sabe; (2) sabe com alguma dificuldade; (3) sabe.

Os alunos serão questionados em relação a aspetos táticos de jogo, conhecimento sobre as regras das matérias ou capacidade de refletir sobre alguma ação realizada por um colega ou por ele mesmo. Em todas as aulas os alunos serão constantemente avaliados, sendo que a partir das suas ações podemos aferir o seu nível de conhecimento acerca de determinada matéria.

O domínio socio-afetivo (5%) está dividido, antecipadamente, em comportamento, assiduidade, pontualidade. Tendo em conta, no caso do comportamento, 4 níveis: (1) comportamento inapropriado (com falta indisciplinar e saída da aula); (2) comportamento de desvio / segurança ao colega (comportamento impróprio para a aula, colocando em risco a segurança dos colegas / professor e desrespeito ao prof); (3) comportamento fora da tarefa (existência de comportamentos desviantes, durante a realização da tarefa. Linguagem imprópria); (4) comportamento apropriado. No caso da assiduidade e pontualidade, será dividida em 2 níveis: (1) não e (2) sim.

Balanco 1º Período

No geral, alunos precisam de atenção e de brincar.

Problemas – (1) problemas de controlo da turma (comportamentos abusadores por parte de alguns alunos e muito uso do material, sem permissão, nos momentos de diálogo com toda a turma); (2) diálogo com toda a turma; (3) não demonstram muita motivação para jogos reduzidos, nem condicionados; (4) rapazes, quando estão todos juntos, não aceitam feedbacks (reclamam e “atacam”).

Estratégias – (1) utilização de poucos recursos materiais; (2) insistência para não utilizar os materiais sem permissão; (3) criação de pequenos grupos de diálogo; (4) exercícios à base de jogos (reduzidos, condicionados, formais) com desafios individuais; (5) separação por género; (6) conversas individuais, com alguns alunos (comportamentos menos apropriados ou de cooperação com os colegas); (7) utilização de alguns alunos como forma de “líder” (chamar quando é necessário mudar de exercício ou dar alguma informação geral ou guardar material).

UNIDADE DIDÁTICA 2º PERÍODO

A UD do 2º período diz respeito à planificação das 25 aulas (de 90 minutos) disponível para este período letivo. Temos disponível, com base na distribuição de instalações (e devido às matérias previstas no planograma da escola) o campo 2 / sintético (à terça-feira) e o pavilhão (à quarta-feira), sendo que estamos condicionados a abordar o ténis de campo à terça-feira e a ginástica acrobática à quarta-feira (devido também à distribuição de material – colchões).

Objetivos a Desenvolver com a Turma

Após concluir o 1º período, e verificar a mudança de alguns comportamentos perturbadores do normal funcionamento da aula, para este 2º período mantém o objetivo de (1) controlo da turma, no que toca

principalmente ao material didático, pois observa-se uma atenção demasiado focada no material desportivo, mesmo aquando a chamada de atenção por nossa parte. Devido a este facto, será essencial reduzir os estímulos que poderão vir a perturbar e a colocar em causa a nossa posição no controlo da turma.

É ainda nosso objetivo (2) aumentar as relações existentes entre os alunos da turma, de forma a evitar abusos de poder, observados no 1º período, devido à percepção de maior estatuto em relação aos colegas da turma.

Em paralelo com o acima mencionado, torna-se nosso objetivo (3) desenvolver a interajuda e cooperação entre os alunos, de forma a que se sintam integrados num grupo, transparecendo isso para o dia a dia dos mesmos, pois vivem em interação com a sociedade, sendo necessário criar hábitos de cooperação e colaboração.

Ainda neste 2º período é nosso objetivo desenvolver com os alunos (4) a autonomia e a proatividade dos mesmos, aspetos essenciais para a vida quotidiana e possíveis de serem treinados na escola. Através do observado ao longo do 1º período e com a avaliação inicial, torna-se importante ainda (5) desenvolver com estes alunos uma atitude de grupo (dinâmica de grupo).

Matérias a Lecionar

Devido à distribuição de instalações e material disponível, vamos dar prioridade à matéria de ginástica acrobática e ténis de campo. Estas matérias concentram-se neste período, pois devido às suas características, são necessários cuidados de segurança (no caso da ginástica acrobática) e de instalações (no caso do ténis de campo, pelo regulamento do pavilhão, não é permitida a sua lecionação nesta instalação).

Contudo, na lógica de aulas politemáticas e na introdução de algumas matérias alternativas, ao longo do período, lecionaremos outras matérias, tendo em conta as necessidades e motivações dos alunos, bem como os recursos materiais e instalações disponíveis.

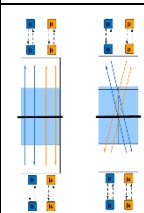
Para atingir os objetivos propostos para este período, bem como os objetivos anuais de turma, lecionaremos matérias nucleares e alternativas, nomeadamente, as indicadas anteriormente, bem como o padle, badminton e madeirabol. Além destas serem motivações dos próprios alunos, tratam-se de matérias com características semelhantes com as definidas pelo grupo disciplinar de EF, podendo-se utilizar estas para, de uma forma motivante, resolver alguns problemas comportamentais dos alunos.

Importante salientar que além das matérias referidas, e visto que possuímos instalações e materiais disponíveis, continuaremos a abordar desportos coletivos (nomeadamente o basquetebol e voleibol) e introduziremos ainda o futebol e o andebol, em aulas politemáticas, respondendo a motivações dos alunos e às suas necessidades.

Exercícios Base

Com base no observado nas aulas de avaliação inicial, bem como nas decorrentes do 1º período, os exercícios a realizar com a turma em questão deverão seguir uma lógica jogada, através de um estilo de ensino mais autónomo para os mesmos, de forma a que estes atinjam os objetivos previstos no PNEF, para fim de ciclo, de forma motivante, diminuindo assim comportamentos perturbadores do normal funcionamento das aulas.

No caso do ténis de campo iremos optar pela metodologia de ensino e aprendizagem Play+Stay, indicado pela Federação Internacional de Ténis (Federação Portuguesa de Ténis, 2017) como sendo uma forma de aprender a técnica, através do jogo. Assim sendo, para uma fase inicial, iremos optar pelos exercícios contidos na tabela 1, sendo estes passíveis de inúmeras variantes, dependendo do nível, das necessidades e potencialidades dos alunos, bem como da sua evolução ao longo das aulas.

EXERCÍCIO	DESCRIÇÃO EXERCÍCIO	COMPORTAMENTOS SOLICITADOS	ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA	VARIANTES (V)	ESQUEMA
Estafetas familiarização	Driblar com raquete a bola de ténis, toques com raquete, 2 a 2 fazer passes (sem que a bola vá ao chão).	Cooperação e interajuda. Familiarização com os objetos de jogo. Coordenação óculo-manual.	Cada aluno com uma raquete. 5 grupos de 5 elementos.	-----	
2 a 2	Frente a frente, realizar passes um para o outro, sem que a bola vá ao chão.	Cooperação e interajuda. Familiarização com os objetos de jogo.	2 a 2. Sem rede.	V1. Com rede. V2. Deixar a bola cair no chão uma vez.	
Serviço, Direita e esquerda	Introdução ao gesto técnico serviço, direita e esquerda.	Adquirir alguns aspetos fundamentais para a realização dos gestos técnicos base no ténis de campo.	2 a 2 frente a frente. Sem rede.	V1. Com rede.	
Volta ao mundo	Em fila, passa bola para lado oposto e corre para o fim da fila (oposta).	Cooperação e interajuda Familiarização com os objetos de jogo. Leitura do jogo.	6 grupos de 4 / 5 elementos. 3 campos. Sem rede.	V1. Com rede. V3. Sem deixar a bola cair no chão. V4. Deixar a bola cair no chão uma vez.	
Entrada na ação	Jogam em linha alternadamente, batendo uma bola cada um, sempre após o ressalto da bola no solo.	Cooperação e interajuda Familiarização com os objetos de jogo. Leitura do jogo.	4 alunos em cada metade do campo (2 lado esquerdo e 2 lado direito). 1 / 8 do campo sintético para cada 4 alunos. 6 campos	V1. Jogar cruzado	

Numa tentativa de se aproximar o mais possível da realidade jogada do ténis de campo, iremos efetuar torneios intraturma, de singulares e pares, para que os alunos experienciem variáveis aproximadas aos jogos oficiais, pois pelas características da turma e pela cultura desportiva que a maioria da turma possui, este tipo de exercícios poderá se mostrar um grande potencial para estes alunos.

No caso da ginástica acrobática, numa primeira aula, pretende-se que os alunos experienciem vários elementos desta matéria, em pares e grupos de 3, 4 e 5. Em aulas seguintes, os alunos terão uma atitude proativa e selecionarão os elementos que pretendem efetuar, em grupos de 5 alunos, de forma a interligarem vários esquemas, englobando-os numa coreografia, para apresentar à turma.

Para a leção das matérias alternativas, optaremos por jogos condicionados, reduzidos e formais, de forma a adaptá-los às capacidades dos alunos, às suas necessidades e às suas motivações, introduzindo desafios individuais nos jogos solicitados.

Estratégias a utilizar

Como já referido, as aulas serão, maioritariamente, organizadas de forma politemática. Contudo, poderá haver a necessidade, de acordo com a matéria, os objetivos e as instalações disponíveis, a leção de aulas monotemáticas. O foco de todas as aulas será numa lógica de domínio pessoal, relacional e espacial, isto é, a leção de aulas politemáticas com matérias como o basquetebol e ginástica acrobática estarão presentes ao longo deste período, de forma a cumprir com os domínios acima mencionados e para a leção de aulas motivantes e com alto envolvimento por parte dos alunos.

Além do acima mencionado, a leção de matérias de ensino, aparentemente sem nenhuma característica semelhante, surge na lógica de adaptação do aluno à mudança, bem como apela à sua atenção e domínio de si mesmo.

Ao longo das aulas os alunos irão escolher os próprios grupos de trabalho, pois no 1º período o facto dos grupos / equipas de trabalho serem previamente planeadas demonstrou ser uma condicionante para o funcionamento das aulas e a motivação dos alunos. Este facto fará com que a turma esteja dividida mais por género, do que propriamente por nível de aprendizagem, contudo notou-se uma melhoria por parte de alguns elementos da turma, ao longo do 1º período, com este método de divisão da turma, conseguindo atingir objetivos individuais e grupais.

No caso dos desportos coletivos iremos optar pela organização das aulas com base em exercícios com competição e o mais aproximado possível do jogo formal, de forma a diminuir comportamentos que perturbem a aula e mantendo assim a turma toda envolvida na tarefa.

No caso dos desportos de confrontação direta, iremos seguir o método de ensino aprendizagem proposto pela Federação Internacional de Ténis, o Play+Stay (Federação Portuguesa de Ténis, 2017) podendo-se transferir para matérias como o badminton ou padle, onde o objetivo centra-se no jogo, aprendendo a técnica através do mesmo.

No caso específico da ginástica acrobática, devido às suas características, iremos optar por um estilo de ensino de descoberta guiada, sendo disponibilizados aos alunos documentos (em suporte digital) e ferramentas para que os alunos explorem os elementos e sejam proativos na busca de mais informação para a criação de uma coreografia final. Numa primeira aula, será necessária uma abordagem mais em estilo comando, devido às especificidades e aos cuidados a ter, nesta matéria, contudo nas restantes os alunos planeiam a sua coreografia, sendo que o professor tem um papel de orientador do processo, estando presente para eventuais dúvidas e ajuda nos elementos necessários.

Os grupos para a criação da coreografia, no início do ano letivo, com base nas necessidades dos alunos (aumentar o nível relacional da turma), tínhamos definido que seria o docente a criar os grupos de trabalho, contudo, devido às características da turma e ao facto de que estamos num ano terminal, neste período optamos por serem os alunos a criarem os seus próprios grupos de trabalho, sendo que entre grupos deverá haver uma colaboração no decorrer das aulas.

A utilização de pouco material didático continua a ser uma das estratégias fulcrais para a lecionação das aulas a esta turma, devido às características da mesma, observadas nas aulas de avaliação inicial e durante o 1º período. A cada aula serão nomeados alunos responsáveis por levantar e depositar o material necessário à funcionária do pavilhão, sendo que serão avisados previamente, para que não haja atrasos no momento da aula.

Para o caso de haver aulas em que hajam alunos a não realizarem a parte prática, serão propostas tarefas, como sendo arbitragem, observação de um colega e reflexão das ações em jogo do mesmo, ajuda em determinado elemento e responsabilidade pelo material utilizado ao longo da aula. Numa fase inicial de planeamento desta unidade didática, não existe conhecimento de nenhum aluno com atestado médico permanente.

CrITÉRIOS de Avaliação

Os critérios de avaliação apenas sofrerão alteração no caso da avaliação psicomotora, em relação ao 1º período, acrescentados critérios para os desportos de confrontação direta e ginástica acrobática. Para os desportos de confrontação direta (caso do ténis de campo e badminton) teremos em conta a realização do início do jogo (serviço); a posição no campo (deslocamentos em função da trajetória da bola) e a posição de base (leitura do adversário até ao momento da deslocação).

A avaliação e os seus critérios na ginástica acrobática irão se basear no Regulamento específico de Ginástica Acrobática para o DE (2002 – 2003), focando-se na relação música / movimento; atitude gímnica (3" cada posição); elementos nível 1 e 2 e grau de dificuldade.

No caso da ginástica acrobática, os alunos serão avaliados em termos de conhecimentos, apresentando uma coreografia à turma, tendo em conta as estratégias na utilização dos elementos, das bases e dos volantes e utilização das pegas, montes e desmontes.

Balanço 2º PerÍodo

Diminuição de alguns comportamentos perturbadores do normal funcionamento das aulas.

Aumento das relações interpessoais entre prof / aluno e maior respeito pela função do prof.

Utilização de pouco material – melhor atuação do prof.

Algum desinteresse por parte de alguns alunos pela matéria de GA, contudo os objetivos delineados para esta matéria de ensino foram atingidos (não na sua totalidade, mas grande parte).

Nas restantes matérias de ensino, os objetivos foram parcialmente atingidos. Sendo que a matéria de TC mostrou-se motivante para a maioria dos alunos.

Maior envolvimento de alguns alunos nas atividades propostas, bem como maior cooperação e ajuda, tanto para os colegas, como para com o docente.

Avaliações: algum desinteresse ao longo das aulas, por um grupo de raparigas, sendo que as notas refletiram tal característica. No caso de alguns rapazes, mostraram evolução, principalmente em termos comportamentais, sendo que se refletiu, igualmente, numa melhoria de nota final de período. Maior facilidade no processo avaliativo – conhecimento mais aprofundado dos alunos.

UNIDADE DIDÁTICA 3º PERÍODO

Para o 3º período letivo, contamos com a lecionação de 13 aulas (de 90 minutos), tendo disponível durante todas as aulas o campo 2 (sintético) em ambos os dias da semana.

Objetivos a Desenvolver com a Turma

Após o balanço dos dois períodos anteriores, alguns dos objetivos delineados a partir da caracterização da turma mantêm-se para este último período letivo, como é o caso da diminuição dos comportamentos perturbadores da aula.

Um outro objetivo transversal a todo o ano letivo é a fomentação do gosto pela atividade física, fora do contexto escolar, sendo que este período letivo continuaremos a oferecer aos alunos atividades motivantes para os mesmos, com visão futura de prática fora deste contexto formal que é a EF. Além disso, é nosso objetivo transmitir aos alunos noções básicas acerca da atividade física recomendada, bem como conceitos de frequência cardíaca e o seu cálculo.

Perante as conclusões retiradas da caracterização da turma e de algumas das atividades realizadas ao longo do 2º período, no que toca maioritariamente a desportos coletivos, nota-se uma má integração das raparigas nos jogos realizados com os rapazes. Logo, para este período, onde abordaremos, na maioria das aulas, desportos coletivos, focaremos a nossa atuação para que haja a interação e integração das raparigas nos jogos com os rapazes (relações entre géneros).

Matérias a Lecionar

A matéria proposta pelo grupo disciplinar de EF para a turma 12 / 13, neste 3º período, foi o futebol, sendo que na distribuição de instalações ficamos com o campo 2, em ambos os dias da semana. Apesar do planograma escolar só englobar o futebol, acreditamos que seja possível lecionar outros desportos coletivos, ao longo das aulas, até porque os alunos sentem motivação ao praticar outras modalidades.

Assim sendo, além do futebol, abordaremos o basquetebol, o andebol (numa vertente mais aproximada ao andebol de praia) e o frisbee, pois possuem características semelhantes, possuindo algumas transferências nos aspetos táticos de jogo.

Além dos desportos coletivos, é nosso propósito oferecer aos nossos alunos uma experiência na modalidade de orientação e geocaching, pois, no caso da orientação, foi uma das matérias que os alunos mostraram interesse em realizá-la e que acreditamos ser uma mais valia para o atingir dos objetivos aos quais nos propusemos (dinâmica de grupo, cooperação entre os alunos e delineamento de estratégias).

Para finalizar, e fazendo parte de outra atividade inserida no plano de estágio, pretendemos levar os alunos a realizar uma atividade de canoagem. Nesta atividade é nosso objetivo promover não só o gosto por uma atividade desportiva, mas também que os alunos passem por um processo de dinâmica de grupo e delineamento de estratégias para a realização desta mesma atividade, aumentando as relações entre os alunos da turma, e inserindo professores do conselho de turma e encarregados de educação.

Exercícios Base

Para o alcançar dos objetivos a que nos propomos, recorrer-se-á à utilização de jogos reduzidos e condicionados, realizando-se ainda pequenos torneios, na mesma lógica de exercícios / tarefas, para que se enfoque o espírito de equipa e de grupo, bem como os restantes objetivos.

No caso específico da orientação e geocaching, pretendemos utilizar, inicialmente, o percurso de orientação pré-montado na escola, de seguida passaremos para um contexto mais aberto, onde os alunos terão oportunidade de realizar um percurso de orientação mais oficial, no Parque de Santa Lúzia.

Estratégias a utilizar

As aulas serão, maioritariamente, organizadas de forma politemática, havendo necessidade, de acordo com os objetivos e as instalações disponíveis, a lecionação de aulas monotemáticas. Os alunos serão subdivididos em grupos, de acordo com o nível que se encontram, com base na avaliação inicial efetuada. A criação dos grupos será realizada aquando do plano de aula, para que se reduza os tempos de espera e aumente o tempo de prática efetiva na aula.

A utilização de pouco material didático, devido às características da turma, observadas nas aulas de avaliação inicial, será uma das estratégias fulcrais para manter o clima favorável à lecionação da aula. A cada aula serão nomeados alunos responsáveis por levantar e depositar o material necessário, à funcionária do pavilhão, sendo que serão avisados previamente, para que não haja atrasos no momento da aula.

Para o caso de haver aulas em que hajam alunos a não realizarem a parte prática da aula, serão propostas tarefas, como sendo arbitragem, observação de um colega e reflexão das ações em jogo do

mesmo e responsabilidade total pelo material utilizado ao longo da aula. Poderá ser nomeada apenas uma das tarefas aqui enumeradas ou várias, durante a mesma aula.

Sabe-se brevemente que haverá um aluno com atestado médico, o que lhe impossibilita de realizar, totalmente, a parte prática das aulas. Os critérios de avaliação para este aluno seguem uma lógica distinta dos restantes, sendo que será lhe solicitado, à semelhança do 2º período, a organização de um torneio intra-turma, neste caso, na matéria de futebol.

O torneio propriamente dito será organizado, inteiramente, pelo aluno, com a nossa orientação na parte organizacional. Será limitado apenas pelo facto de ser necessário a construção de equipas mistas, homogéneas entre si e heterogéneas dentro da própria equipa, realizando-se jogos reduzidos (6×6).

Ao longo deste período será lhe solicitado ainda a explicação aos colegas dos conceitos básicos de frequência cardíaca, do seu cálculo e seu registo, bem como outras noções acerca da atividade física recomendada.

CrITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Os critérios de avaliação seguirão a lógica avaliativa do 1º período, para os desportos coletivos, no caso dos domínios apresentados: domínio cognitivo (95%), subdividido em psicomotor (60%), empenho e cooperação (20%) e conhecimentos (15%) e no domínio sócio-afetivo (assiduidade, pontualidade e comportamento – 5%).

No início do ano letivo não foi conhecido nenhum aluno com atestado permanente, contudo para este período, já sabemos previamente que terá um aluno nesta situação, que lhe impede realizar a parte prática da aula, na sua totalidade. Assim, seguiremos a estratégia adotada a meio do 2º período (criação de um torneio numa matéria de ensino abordada e questões aula), avaliando-o com base em diferentes critérios de avaliação (definidos pelo grupo disciplinar de EF): conhecimentos (45%), observação de aulas práticas e / ou arbitragens e / ou relatórios de aulas práticas (30%), empenho e cooperação (20%), domínio socio-afetivo (5%).

O aluno será avaliado com base na criação e organização do torneio na matéria de futebol, como referido nas estratégias a utilizar, bem como na exposição oral de algumas noções base de atividade física e realizando o papel de árbitro, durante as aulas. Estes pontos fazem parte da avaliação dos conhecimentos e dos 30% da observação de aulas práticas e / ou arbitragens e / ou relatórios de aulas práticas.

Os restantes critérios seguirão a avaliação dos restantes alunos, tanto para o empenho e cooperação, bem como para a assiduidade, pontualidade e comportamento, pois são critérios transversais a ambos os estatutos (com e sem atestado médico).

Balanço 3º Período

Aumento de alguns comportamentos desviantes por parte de alguns alunos (que não o demonstravam nos períodos anteriores); tentativa de relacionamento entre géneros, nos desportos coletivos, não resultou e, numa certa altura do período, teve efeito de descontentamento, revolta e má educação por parte de alguns alunos, criando um clima negativo na aula, na relação de professor / aluno, principalmente.

Proximidade entre aluno / professor, já mais no final do período.

UD muito ambiciosa para o tempo letivo que disponhamos.

Não realização de algumas das matérias que estavam planeadas na UD e no planeamento anual (escasso de tempo).

ANEXO 9. EXEMPLO PLANO DE AULA

3º PERÍODO – PLANO DE AULA Nº 1

LOCAL: ESFF (campo 2)			PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Joana Teixeira		
ANO / TURMA: 12 / 13	Nº DE ALUNOS: 25	Nº AULA: 1 (de 13)	DATA: 19/04/2017	HORA: 10h – 11h30	DURAÇÃO: 90 min

OBJETIVOS MEDIATOS	Desenvolver o trabalho em equipa, dinâmica de grupo, interajuda.
---------------------------	--

RECURSOS MATERIAIS	2 bolas futebol, 1 bola basquetebol, 6 coletes
---------------------------	--

T'	EXERCÍCIO	DESCRIÇÃO	ORGANIZAÇÃO TURMA	VARIANTES (V)
10'	Enquadramento	Tolerância. Enquadramento da aula. Avaliação 1º período.	-----	-----
TP – 10'				
10'	Entrada em ação	Corrida ligeira.	Todo o espaço disponível (1/4 do campo)	V1. Um dos alunos organiza a parte inicial
TP – 20'				
15'	Futebol 4x4	Meio campo do 1/4 (♂ // ♀). Recupera a bola, volta ao meio campo para atacar.	♀ 4x4 (1GR e 1suplente / cada equipa) ♂ 4x4 (1GR e 2 suplentes / cada equipa)	V1. Condicionar ações dos alunos.
TP – 35'				
20'	Futebol 6x6 Basquetebol 5x5	Equipas mistas	4 equipas de 6 elementos (no mínimo, 2♀ em cada equipa) 10' cada jogo (basquetebol – 1 suplente)	V1. Condicionar ações dos alunos. V2. ♂ não podem rematar V3. ♂ GR
TP – 55'				
20'	Futebol Basquetebol	♀ // ♂	♂ 6x6 (1 suplente) ♀ 5x5 (1 suplente) 10' cada jogo	V1. Condicionar ações dos alunos. V2. Remate só antes da área.
TP – 75'				
15'	Dúvidas / sair	Espaço para que os alunos exponham as suas dúvidas.	-----	-----
TP – 90'				

TAREFAS PARA OS ALUNOS QUE NÃO REALIZAM A AULA (PONTUALMENTE):	Arbitragem.
TAREFAS PARA OS ALUNOS QUE NÃO REALIZAM A AULA (ATESTADO MÉDICO PERMANENTE):	-----

SUMÁRIO (AULA 1):

- Aspetos táticos futebol.

REFLEXÃO (AULA 1):

- Desmotivação por parte de metade das raparigas > a outra metade não gosta de futebol, nem se mexiam em campo. Senti que havia vontade por parte de uma parte das raparigas de jogar, mas não consegui agir sobre tal, visto que as restantes estavam totalmente paradas em jogo.
- Rapazes aceitaram melhor o facto de realizar equipas mistas, e na maioria das equipas, houve uma colaboração entre ambos os géneros.
- Algumas dificuldades em transmitir conteúdos de desportos coletivos. Alunos motivam-se no jogo, pelo jogo (ganhar) – dificuldade em transmitir aos alunos que na EF é mais que isso.
- Muitos tempos de espera: reduzir Tarefas para realizarem: à quarta-feira só temos ¼ do espaço do sintético: aproveitar ao máximo, com dois grupos sempre a funcionar em simultâneo ou por estações. Não dá para ter uma estação de basquetebol (campo anexo ao sintético).
- À terça-feira centrar mais na dinâmica de equipas mistas e torneio de futebol (lógica de transmissão de conteúdos).

NOTAS:

2 alunos – lesão. 1 falta.

ANEXO 10. FICHA DE REGISTO – TAREFAS COMPLEMENTARES

Condição Física _ 1213 _ Tempos de espera (5' a 15')



Nome: _____

Objetivo inicial Flx Abd Drs Agc Jpt

		2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª						
OUTUBRO							1	2	3	4	F	6	7	8	AE	CDE	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
	Flexões (Flx)																																				
	Abdominais (Abd)																																				
	Dorsais (Drs)																																				
	Agachamentos (Agc)																																				
	Joelhos ao peito (Jpt)																																				

		2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª						
NOVEMBRO			F	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30					
	Flexões (Flx)																																				
	Abdominais (Abd)																																				
	Dorsais (Drs)																																				
	Agachamentos (Agc)																																				
	Joelhos ao peito (Jpt)																																				

		2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S.	D.	2ª	3ª						
DEZEMBRO				F	2	3	4	5	6	Qa2	F	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31			
	Flexões (Flx)																																				
	Abdominais (Abd)																																				
	Dorsais (Drs)																																				
	Agachamentos (Agc)																																				
	Joelhos ao peito (Jpt)																																				

Legenda: Flexões (Flx) | Abdominais (Abd) | Dorsais (Drs) | Agachamentos (Agc) | Joelhos ao peito (Jpt)

Professora Estagiária Joana Teixeira (joanateixeira112@hotmail.com | teixeirajvr@esfranco.edu.pt)

ANEXO 11. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

1º Período

PSICOMOTOR – DC INVASÃO (avaliação por aula = 20 valores / 23 aulas – número de aulas no 1º período – dividindo por 4 níveis)

Nível 1 (0,22 / aula). Espaço ocupado em função da bola, progressão em função da bola, insuficiente domínio da bola, ausência de cooperação.

Nível 2 (0,44 / aula). Espaço ocupado em função do adv e colegas, progressão em função da baliza, domínio instável da bola, cooperação oportunista intermitente.

Nível 3 (0,66 / aula). Ocupação racional do espaço, progressão em função dos adv, colegas, baliza e bola, domínio estável da bola, cooperação consciente.

Nível 4 (0,87 / aula). Posição estratégica, domínio estável e criativo, cooperação automatizada.

PSICOMOTOR – DC VOLEIBOL (avaliação por aula = 20 valores / 23 aulas – número de aulas no 1º período – dividindo por 4 níveis)

Nível 1 (0,22 / aula). Não realiza (domínio da bola, ações de cooperação, construção do ataque, defesa)

Nível 2 (0,44 / aula). Realiza com dificuldade (domínio da bola, ações de cooperação, construção do ataque, defesa)

Nível 3 (0,66 / aula). Realiza bem (domínio da bola, ações de cooperação, construção do ataque, defesa)

Nível 4 (0,87 / aula). Realiza muito bem (domínio da bola, ações de cooperação, construção do ataque, defesa)

EMPENHO E COOPERAÇÃO (avaliação por aula = 20 valores / 24 aulas – número de aulas no 1º período – dividindo por 2 níveis)

0 / aula – Não se interessa pela tarefa, nem coopera com o prof / colegas

0,42 / aula – Interesse pela tarefa, mas não coopera com prof / colegas ou não interesse pela tarefa, mas coopera com prof / alunos (perturbação da aula / colegas)

0,83 / aula – Interesse pela tarefa e cooperação

(caso o aluno não realize a parte prática da aula, terá tarefas ao longo da própria aula. Critérios são idênticos – empenho e cooperação pelas tarefas solicitadas).

CONHECIMENTOS (avaliação por aula = 20 valores / 23 aulas – número de aulas no 1º período – dividindo por 2 níveis)

Todas as aulas os alunos são avaliados pelos conhecimentos que possuem em cada modalidade (regras, leitura de jogo). Em algumas aulas, dirijo-me mesmo a um aluno em particular e faço uma pergunta (por período, um ou duas perguntas a cada aluno).

0 / aula – não sabe

0,43 / aula – sabe com alguma dificuldade

0,87 / aula – sabe

ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE (avaliação por aula = 20 valores / 24 aulas – número de aulas no 1º período)

0 / aula – Não

0,83 / aula – Sim

COMPORTEAMENTO (avaliação por aula = 20 valores / 24 aulas – número de aulas no 1º período)

0 / aula – Comportamento inapropriado (com falta indisciplinar e saída da aula)

0,28 / aula – Comportamento de desvio / segurança ao colega (comportamento impróprio para a aula, colocando em risco a segurança dos colegas / professor e desrespeito ao prof).

0,56 / aula – Comportamento fora da tarefa (existência de comportamentos desviantes, durante a realização da tarefa. Linguagem imprópria)

0,83 / aula – Comportamento apropriado.

2º Período

PSICOMOTOR – GINÁSTICA ACROBÁTICA (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período – dividindo por 5 níveis)

Baseado no Regulamento específico de Ginástica Acrobática para o Desporto Escolar (2002 – 2003)

Crítérios: (1) relação música / movimento; (2) atitude gímnica; (3) utilização dos elementos e combinações obrigatórios do nível 1 e 2 da GA; (4) utilização de, pelo menos, 3 elementos e combinações facultativas do nível 2 e 1 elemento / combinação do nível 3

- Nível 0 (0 / aula). Não realiza (ou nenhum dos critérios).
- Nível 1 (0,2 / aula). Realiza com alguma dificuldade (ou 1 dos critérios).
- Nível 2 (0,4 / aula). Realiza com dificuldade (ou 2 dos critérios).
- Nível 3 (0,6 / aula). Realiza bem (ou 3 dos critérios).
- Nível 4 (0,8 / aula). Realiza muito bem (ou 4 dos critérios).

PSICOMOTOR – TÊNIS DE CAMPO (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período – dividindo por 5 níveis)

Critérios: realiza (1) início do jogo (serviço); (2) posição no campo (deslocamentos em função da trajetória da bola); (3) posição de base;

- Nível 0 (0 / aula). Não realiza (nenhum dos critérios).
- Nível 1 (0,2 / aula). Realiza com alguma dificuldade (1 dos critérios).
- Nível 2 (0,4 / aula). Realiza com dificuldade (2 dos critérios).
- Nível 3 (0,6 / aula). Realiza bem (3 dos critérios).
- Nível 4 (0,8 / aula). Realiza muito bem (4 / 5 dos critérios).

EMPENHO E COOPERAÇÃO (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período – dividindo por 3 níveis)

0 / aula – Não se interessa pela tarefa, nem coopera com o prof / colegas

0,4 / aula – Interesse pela tarefa, mas não coopera com prof / colegas ou não interesse pela tarefa, mas coopera com prof / alunos (perturbação da aula / colegas)

0,8 / aula – Interesse pela tarefa e cooperação

(caso o aluno não realize a parte prática da aula, terá tarefas ao longo da própria aula. Critérios são idênticos – empenho e cooperação pelas tarefas solicitadas).

CONHECIMENTOS (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período – dividindo por 3 níveis)

Todas as aulas os alunos são avaliados pelos conhecimentos que possuem em cada modalidade (regras, leitura de jogo). Em algumas aulas, dirijo-me mesmo a um aluno em particular e faço uma pergunta (por período, um ou duas perguntas a cada aluno).

- 0 / aula – não sabe
- 0,4 / aula – sabe com alguma dificuldade
- 0,8 / aula – sabe

ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período)

- 0 / aula – Não
- 0,8 / aula – Sim

COMPORTAMENTO (avaliação por aula = 20 valores / 25 aulas – número de aulas no 2º período)

0 / aula – Comportamento inapropriado (com falta indisciplinar e saída da aula)

0,26 / aula – Comportamento de desvio / segurança ao colega (comportamento impróprio para a aula, colocando em risco a segurança dos colegas / professor e desrespeito ao prof).

0,53 / aula – Comportamento fora da tarefa (existência de comportamentos desviantes, durante a realização da tarefa. Linguagem imprópria)

0,8 / aula – Comportamento apropriado.

3º Período

PSICOMOTOR – DESPORTOS COLETIVOS (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período – dividindo por 4 níveis)

Nível 1 (0,38 / aula). Espaço ocupado em função da bola, progressão em função da bola, insuficiente domínio da bola, ausência de cooperação.

Nível 2 (0,76 / aula). Espaço ocupado em função do adv e colegas, progressão em função da baliza, domínio instável da bola, cooperação oportunista intermitente.

Nível 3 (1,14 / aula). Ocupação racional do espaço, progressão em função dos adv, colegas, baliza e bola, domínio estável da bola, cooperação consciente.

Nível 4 (1,54 / aula). Posição estratégica, domínio estável e criativo, cooperação automatizada.

PSICOMOTOR – CANOAGEM (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período – dividindo por 4 níveis)

Critérios: (1) manejo da pagaia, (2) orientação do kayak, (3) mudança de direção, (4) mudança de sentido, (5) duplas – dinâmica de grupo e posição estratégica.

Nível 0 (0 / aula). Não realiza (nenhum dos critérios).

Nível 1 (0,38 / aula). Realiza com alguma dificuldade (1 dos critérios).

Nível 2 (0,76 / aula). Realiza com dificuldade (2 dos critérios).

Nível 3 (1,14 / aula). Realiza bem (3 dos critérios).

Nível 4 (1,54 / aula). Realiza muito bem (4 dos critérios).

EMPENHO E COOPERAÇÃO (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período – dividindo por 2 níveis)

0 / aula – Não se interessa pela tarefa, nem coopera com o prof / colegas

0,76 / aula – Interesse pela tarefa, mas não coopera com prof / colegas ou não interesse pela tarefa, mas coopera com prof / alunos (perturbação da aula / colegas)

1,54 / aula – Interesse pela tarefa e cooperação

(caso o aluno não realize a parte prática da aula, terá tarefas ao longo da própria aula. Critérios são idênticos – empenho e cooperação pelas tarefas solicitadas).

CONHECIMENTOS (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período – dividindo por 2 níveis)

Todas as aulas os alunos são avaliados pelos conhecimentos que possuem em cada modalidade (regras, leitura de jogo). Em algumas aulas, dirijo-me mesmo a um aluno em particular e faço uma pergunta (por período, um ou duas perguntas a cada aluno).

0 / aula – não sabe

0,76 / aula – sabe com alguma dificuldade

1,54 / aula – sabe

ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período)

0 / aula – Não

1,54 / aula – Sim

COMPORTEAMENTO (avaliação por aula = 20 valores / 13 aulas – número de aulas no 3º período)

0 / aula – Comportamento inapropriado (com falta indisciplinar e saída da aula)

0,51 / aula – Comportamento de desvio / segurança ao colega (comportamento impróprio para a aula, colocando em risco a segurança dos colegas / professor e desrespeito ao prof).

1,02 / aula – Comportamento fora da tarefa (existência de comportamentos desviantes, durante a realização da tarefa. Linguagem imprópria)

1,54 / aula – Comportamento apropriado.

ANEXO 12. AVALIAÇÃO COGNITIVA – 1º PERÍODO

ALUNOS	DATA	QUESTÕES
	Aula 20 (30 novembro)	Aquecimento (jogo da raposa) bom ! Dinâmica . . .
	Aula 9 (19 outubro)	Linhas onde se faz a falta – Basquetebol
	Aula 11 (26 outubro) Aula 22 (07 dezembro)	Arbitragem voleibol Observação e comentário da ação de colegas (receber a bola e driblar – conceito de olhar o cesto, quando recebe)
	Aula 11 (26 outubro) Aula 12 (02 novembro) Aula 15 (15 novembro) Aula 16 (16 novembro) Aula 22 (07 dezembro)	Arbitragem voleibol Arbitragem voleibol Arbitragem basquetebol Recusa arbitragem de voleibol Observação e comentário de ações de colegas e arbitragem basquetebol)
	Aula 15 (15 novembro) Aula 17 (22 novembro) Aula 21 (06 dezembro)	Arbitragem basquetebol e voleibol Quanto tempo no “garrafão” (basquetebol) Aquecimento específico voleibol
	Aula 6 (11 outubro)	Arbitragem basquetebol
	Aula 11 (26 outubro) Aula 13 (08 novembro) Aula 20 (30 novembro) Aula 22 (07 dezembro)	Arbitragem voleibol MMA – explicação de algumas técnicas ajuda aos alunos demonstração Regras do basquetebol (“exigência” no cumprimento das mesmas por parte dos colegas – atitudes agressivas de alguns colegas) Aquecimento (específico basquetebol)
	Aula 11 (26 outubro) Aula 13 (08 novembro) Aula 20 (30 novembro)	Aquecimento (com base num já efetuado em aulas anteriores) arbitragem voleibol Situação de defesa – desportos de combate – o que faria para sair da imobilização? Arbitragem basquetebol.
	Aula 14 (09 novembro)	Arbitragem madeirabol
	Aula 10 (25 outubro) Aula 11 (26 outubro)	Linhas do campo – Basquetebol Arbitragem voleibol
	Aula 19 (29 novembro)	Aquecimento (não aceitou feedbacks de forma a modificar o solicitado aos colegas linguagem inapropriada para contexto de aula)
	Aula 17 (22 novembro) Aula 18 (23 novembro) Aula 19 (29 novembro) Aula 21 (06 dezembro)	Arbitragem basquetebol Arbitragem voleibol Arbitragem voleibol (sistema competição) Arbitragem voleibol (toques após o bloco) – sistema competição
	Aula 11 (26 outubro) Aula 21 (06 dezembro)	Arbitragem voleibol Sistema tático (voleibol – posições . . .)
	Aula 13 (08 novembro) Aula 14 (09 novembro) Aula 15 (15 novembro) Aula 16 (16 novembro) Aula 20 (30 novembro) Aula 22 (07 dezembro)	Situação de defesa – desportos de combate – o que faria? Madeirabol Regras do basquetebol Função do serviço: não sabe / não quer saber / conta é a força (mais nada) Regras do basquetebol (“exigência” no cumprimento das mesmas por parte dos colegas – atitudes agressivas de alguns colegas) Aquecimento (específico basquetebol)
	Aula 11 (26 outubro) Aula 20 (30 novembro)	Arbitragem voleibol Regras do basquetebol
	Aula 11 (26 outubro) Aula 12 (02 novembro)	Aquecimento (com base num já efetuado em aulas anteriores) Não fez o solicitado na aula anterior (equipas e sistema de pontuação do voleibol)
	Aula 6 (11 outubro)	Arbitragem voleibol
	Aula 17 (22 novembro) Aula 18 (23 novembro)	Quanto tempo no “garrafão” (basquetebol) Função do serviço (voleibol)
	Aula 13 (08 novembro) Aula 16 (16 novembro)	MMA – explicação de algumas técnicas ajuda aos alunos demonstração Função do serviço: não sabe / não quer saber / conta é a força (mais nada)
	Aula 9 (19 outubro) Aula 11 (26 outubro) Aula 17 (22 novembro) Aula 22 (07 dezembro)	Passos com a bola na mão – Basquetebol Arbitragem voleibol Função do serviço, no voleibol: bom raciocínio Observação e comentário da ação de colegas (receber a bola e driblar)
	Aula 11 (26 outubro) Aula 15 (15 novembro)	Arbitragem voleibol Basquetebol – Dribles (desconhece as regras)
	Aula 11 (26 outubro)	Arbitragem voleibol
	Aula 18 (23 novembro)	Função do serviço (voleibol)
	Aula 14 (09 novembro) Aula 18 (23 novembro) Aula 21 (06 dezembro)	Arbitragem madeirabol Função do serviço (voleibol) Aquecimento específico voleibol
	Aula 15 (15 novembro) Aula 16 (16 novembro) Aula 22 (07 dezembro)	Arbitragem basquetebol e voleibol Recusa arbitragem de voleibol Observação e comentário da ação de colegas (receber a bola e driblar)

ANEXO 13. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Psicomotor																								30%	
Aluno	20/s	21/s	27/s	28/s	04/o	11/o	12/o	18/o	19/o	25/o	26/o	02/n	08/n	09/n	15/n	16/n	22/n	23/n	29/n	30/n	06/d	07/d	13/d	14/d	
-	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	18,72
-	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0	0,66	0	0,66	0,66	12,75
-	0,44	0,66	0,66	0,44	0,66	0,66	0,66	0	0,44	0,66	0,44	0,44	0	0,66	0	0,44	0,44	0,44	0,66	0,22	0,66	0,44	0,66	0,66	10,78
-	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0,66	0,66	0	0,87	0,66	0,44	0,44	0	0,87	0	0	0,66	0,44	0,66	0	0,66	0,66	0,66	0,66	11,42
-	0,44	0,66	0,44	0,66	0,44	0,66	0,66	0,66	0,22	0,44	0,66	0,66	0,87	0,66	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,22	0,66	0	0,66	0,66	12,75
-	0	0,66	0,66	0,66	0	0,44	0,66	0,87	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0	0,87	0,66	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	14,45
-	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	18,12
-	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	18,75
-	0,44	0,44	0,66	0,44	0,66	0,44	0,66	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0	0	0,66	0,66	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	11,66
-	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0,22	0,66	0,66	12,32
-	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,66	0,87	0,66	0,87	0,87	0,44	0,87	0,87	0	0	16,79
-	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,66	0,87	0	0	0	0,87	0	0,66	0,87	0,87	14,22
-	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	18,51
-	0,66	0,87	0,66	0,44	0,66	0,66	0,87	0,66	0,87	0,66	0,66	0,66	0,44	0,87	0,87	0,44	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	17,25
-	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	0,66	0	0,87	0,87	0,66	0,66	0	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,66	0,87	16,59
-	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0,66	0,87	0,87	0,66	0,66	0,66	0	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	16,82
-	0,44	0,66	0,66	0,66	0	0,44	0,66	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,44	0,44	0,87	0,66	0,44	0,66	0,44	0,66	0	0,66	0,66	12,74
-	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,44	0,87	0,66	0,66	0,44	0,44	0,66	0,44	0,66	0,66	14,06
-	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,87	0,66	0,87	0,66	0,66	0,66	0,87	0,87	0,87	0,44	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	17,69
-	0,44	0,66	0,66	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,66	0,44	0	0,87	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0,22	0,66	0,66	0,66	0,87	12,30
-	0,44	0,44	0,66	0,44	0,66	0,66	0	0	0,44	0,66	0,44	0	0,66	0,44	0,66	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	10,78
-	0,44	0,66	0,44	0,44	0,66	0,44	0,87	0,66	0,66	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0,66	0,87	0,66	0,44	0,66	0,87	0,66	0,87	0,87	0,87	15,12
-	0,44	0,66	0,66	0,66	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0,66	0	0,66	0,44	0,87	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0,44	0,66	0,66	12,97
-	0,44	0,66	0,66	0	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0,87	0,44	0,44	0,87	0,66	0,66	0,66	0,44	0,66	0	0,44	0,66	12,08
-	0,44	0,66	0,66	0,87	0,44	0,66	0,44	0,44	0,44	0,66	0,66	0,44	0,87	0,66	0	0	0,66	0,66	0,44	0	0,66	0,22	0,66	0,66	11,86

Empenho e Cooperação

	20%																									
Aluno	20/set	21/set	27/set	28/set	04/out	11/out	12/out	18/out	19/out	25/out	26/out	02/nov	08/nov	09/nov	15/nov	16/nov	22/nov	23/nov	29/nov	30/nov	06/dez	07/dez	13/dez	14/dez		
	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	15,40	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	14,13	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,42	0,42	0,42	0	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	13,76	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0,42	0,83	0	0,83	0,42	0	0,83	0,42	0	0	0,83	0,42	0,83	0,83	13,32	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0,83	16,22	
	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	14,17	
	0,83	0,42	0,42	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,83	0	0,42	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	14,58	
	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	15,82	
	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0	0	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,13	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0	0,83	0,42	0,83	0,42	0	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0,42	0,83	0,83	14,97	
	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	15,81	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	18,27
	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	16,22	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	16,64	
	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0	0	0	0	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	11,25	
	0,83	0,42	0,42	0	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0	0,83	0,42	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,16	
	0,83	0	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	14,13	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,42	0	0	0,83	0,42	0,83	0,83	15,79	
	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,42	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	15,00	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	0	0,83	0,42	0	0,83	0	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,83	14,56	
	0,83	0,83	0,83	0,42	0	0,83	0,83	0,42	0	0	0,83	0,42	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,96	
	0,83	0,83	0,83	0,42	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	17,87	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,83	0	0,83	0,42	0,83	0,42	0	0,83	0,42	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0	0,83	0,42	0,83	14,97	
	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,42	0,83	0,42	0	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0	0	0,83	14,13
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,42	0,83	0,42	0,83	0,42	0,42	0	0,83	0,83	0,42	0	0,83	0,42	0	0	0,83	0,42	0,83	0,83	14,14	

Conhecimentos																									15%
Aluno	20/set	21/set	27/set	28/set	04/out	11/out	12/out	18/out	19/out	25/out	26/out	02/nov	08/nov	09/nov	15/nov	16/nov	22/nov	23/nov	29/nov	30/nov	06/dez	07/dez	13/dez	14/dez	
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	18,70
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,43	0,43	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	17,37
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	17,38
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	17,82
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	19,13
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	19,13
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	19,57
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	19,57
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,43	0,43	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	17,38
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,43	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	16,94
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,43	18,69	
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,43	0,43	0,43	0,87	17,81	
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	18,70
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	18,70
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,43	0,43	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	16,94
-	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,43	0	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	17,38
-	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	18,25
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,43	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	17,81
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	19,13
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,43	0,43	0,87	0	0,87	0,43	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	16,50
-	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0	0,87	0,43	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	17,38
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	20,01
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	17,82
-	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	0,43	0,87	0,43	0,43	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	16,93
-	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,87	0,43	0,87	0,87	0,43	0,43	0,87	0,43	0,43	0,87	0,87	0,43	0,87	17,81

Pontualidade																									1%	
Aluno	20/set	21/set	27/set	28/set	04/out	11/out	12/out	18/out	19/out	25/out	26/out	02/nov	08/nov	09/nov	15/nov	16/nov	22/nov	23/nov	29/nov	30/nov	06/dez	07/dez	13/dez	14/dez		
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,92
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0,83	0	0,83	0	0,83	0	0,83	0	0,83	13,28
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	14,94
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	0	0,83	0,83	14,11
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,09
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,09
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	17,43
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,09
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	15,77
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	15,77
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	18,26
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	19,09
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	17,43
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,09
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0	0,83	0	0	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0	0,83	12,45
	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	14,94
	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	14,94
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,94
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	19,92
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0	0	0,83	0	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,11
	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	16,60
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	18,26
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	15,77
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	16,60
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	18,26

Comportamento																									2%
Aluno	20/set	21/set	27/set	28/set	04/out	11/out	12/out	18/out	19/out	25/out	26/out	02/nov	08/nov	09/nov	15/nov	16/nov	22/nov	23/nov	29/nov	30/nov	06/dez	07/dez	13/dez	14/dez	
	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,28	0,56	0,56	0	0,83	0,56	0,83	0,56	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,76
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0,56	0,56	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	15,81
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	16,93
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,56	0,83	0,56	0	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	16,64
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,56	0,56	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	17,76
	0,83	0,28	0,28	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,83	0,28	0,28	0,28	0,56	0,56	0,28	0,56	0,28	0,28	0,56	0,28	0,28	0,28	0,28	0,56	10,90
	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,83	0,28	0,28	0,56	0,83	0	0,28	0,56	0,56	0,28	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	0,56	13,38
	0,83	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,83	0,56	0,56	0,56	0,83	0,83	0,28	0,56	0,28	0,56	0,56	0,83	0,56	0,56	0,83	0,56	14,77
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0	0,83	0,83	0	0	0	0	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,96
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0,83	16,62
	0,83	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,28	0,28	0,56	0,56	0,28	0,56	0	0,28	0,28	0,56	0,56	0,56	0,83	0,83	12,56
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	17,47
	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0	0,83	0,28	0,83	0,56	0,56	0,56	0,28	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	14,75
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,28	0,56	0,83	0,56	0,56	0,56	0,28	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	16,39
	0,83	0,83	0,56	0,56	0,56	0,56	0	0,56	0,56	0,56	0,56	0,56	0	0	0	0	0,56	0,28	0,56	0,56	0,83	0,83	0	0,83	11,15
	0,83	0,28	0,28	0	0,56	0,28	0,56	0,56	0,56	0,28	0,28	0,28	0	0,56	0,56	0,83	0,56	0,28	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	11,98
	0,83	0	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0	0,83	0,56	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0,83	15,79
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0	0	0,83	0,56	0,83	0,83	16,62
	0,83	0,28	0,28	0,56	0,28	0,28	0,56	0,56	0,83	0,28	0,28	0,28	0,83	0,56	0,28	0,28	0,56	0,28	0,56	0,28	0,28	0,28	0,56	0,56	10,61
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0	0,83	0	0,56	0,56	0,56	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	15,81
	0,83	0,83	0,83	0,56	0	0,83	0,83	0,56	0,56	0	0,83	0,56	0	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	15,54
	0,83	0,83	0,83	0,56	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	18,57
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	16,35
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,56	0,83	0,28	0	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,56	0	15,53
	0,83	0,83	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0,83	0	0,83	0,83	0,56	0,83	0,83	0,83	0	0,56	0,83	0,56	0,83	0,83	17,18

Av Psicomotora | Empenho e cooperação | Comportamento | Cognitivo

Alunos	Data	Observações
Todos os alunos	Aula 11 (26 outubro)	Tarefas extra não realizadas
(comportamentos - 0,28 e 0,56)	Aula 12 (02 novembro)	Brincadeira mais de 80% da aula. Parte inicial: não realizaram as tarefas.
Equipa A	Aula 12 (02 novembro)	Tarefas extra não realizadas
Equipa C	Aula 12 (02 novembro)	Tarefas extra parcialmente realizadas
(psicomotor, empenho e cooperação, comportamento - 0)	Aula 13 (08 novembro)	Recusa a se fazer a aula. Teimosia. Desafiadores. Manipuladores.
	Aula 15 (15 novembro)	Comportamento completamente desmotivado não fez a aula (desmotivação)
	Aula 16 (16 novembro)	Lesão: arbitragem - não desempenharam o papel, como solicitado
(psicomotor - nível 2 e 3)	Aula 16 (16 novembro)	Desafios colocados com campo reduzido: não atingiram objetivos e além do mais não havia empenho para tal
	Aula 17 (22 novembro)	Começou a fazer a aula, de repente, para, sem avisar (bancadas). A meio da aula quis jogar voleibol (apenas). Por uma questão de segurança (e porque reparei que a ida dele para a bancada não teve relação direta com a lesão), não foi autorizado.
Meninas (cognitivo)	Aula 17 (22 novembro)	Quanto tempo no garrafão (basquetebol)
Comportamento (0,28 e 0,56)	Aula 18 (23 novembro)	Revolta, má educação (Octávio, Emanuel, Guilherme, Pocinho, Gustavo, Ricardo, JP, Edna), comportamentos a colocar em causa a segurança dos colegas, ameaças para colegas (Octávio e JP)
Empenho	Aula 18 (23 novembro)	Pouco empenho nas tarefas suplementares e no jogo (equipas definidas anteriormente)
	Aula 19 (29 novembro)	Parte inicial da aula - não aceitou sugestões para o maior aproveitamento da tarefa. Não aceitou os feedbacks.
Rapazes	Aula 19 (29 novembro)	Recusam o 3x3.
Conhecimentos comportamentos	Aula 20 (30 novembro)	Atitude agressiva durante o jogo de basquetebol recusa a fazer grande parte da prática (raparigas)
0,22 psicomotor	Aula 20 (30 novembro)	Fez só metade da aula . . .
	Aula 20 (30 novembro)	Recusa jogo 5x5 lesão e recusa.
	Aula 21 (06 dezembro)	Recusa o 3x3 . . .
	Aula 21 (06 dezembro)	Transporte bola (voleibol)
	Aula 21 (06 dezembro)	Atitude antidesportiva (mau perder) Desrespeito prof (Afonso)
	Aula 22 (07 dezembro)	Só 10' iniciais da aula . . . Estavam a se sentir "mal" Até ao primeiro jogo 5x5 . . .

	Aula 22 (07 dezembro)	Não realizaram nada ao longo da aula . . .
	Aula 22 (07 dezembro)	Má educação perante feedbacks e os exercícios.
	Aula 24 (14 dezembro)	Atitude perante a derrota . . . (comportamento)
	Aula 24 (14 dezembro)	Regras voliebol (arbitragem)

Avaliação Final _ 1º período						
Aluno	Fórmula	Nota 1º período	Auto-avaliação		Nota intercalar (21 nov)	Nota ano passado
	18,0	18	18		Bom	18
	13,9	14	15		Suficiente	16
	12,7	14	15		Suficiente	15
	13,0	16	17		Suficiente	14
	14,7	15	16		Bom	16
	15,2	15	15		Bom	15
	17,5	17	16		Bom	17
	18,2	18	18		Muito bom	17
	13,2	14	13		Suficiente	14
	13,8	14	15		Suficiente	13
	16,9	17	17		Muito bom	18
	15,8	15	14		Muito bom	15
	18,0	18	18		Bom	18
	17,4	18	18		Bom	17
	15,4	16			Suficiente	18
	16,3	17	17		Bom	16
	14,0	14	13		Suficiente	16
	15,1	15	13		Bom	16
	17,3	17	10		Bom	17
	13,6	15	16		Suficiente	17
	12,9	14	16		Suficiente	14
	16,6	17	17		Bom	17
	14,3	15	16		Bom	15
	13,4	14			Suficiente	12
	13,5	14	17		Suficiente	17

ANEXO 14. AVALIAÇÃO ESPECÍFICA DA GA

	Relação música / movimento	Atitude gímnica (3" cada posição)	Elementos nível 1 e 2	Grau de dificuldade	Estratégia na utilização dos elementos, das bases e dos volantes	Utilização das pegas, montes e desmontes	Trabalho contínuo	Av final Individual	Média final de grupo	Av final Grupo	Observações	Av aula
Grupo 1	15	17	16	16	17	17	18		16,6	17	Relação música / movimento pouco notória. Aproveitamento das aulas: trabalho ao longo das aulas para o planeamento.	0,68
								18				
								18				
								18				
								18				
Grupo 2	14	14	16	15	15	17	18		15,6	16	Relação música / movimento pouco notória. Em cada posição não estiveram os 3 segundos (em grande parte dos elementos). Escolha dos elementos a utilizar consoante o que conseguiam efetivamente fazer não foi a melhor. Aproveitamento das aulas: trabalho ao longo das aulas para o planeamento.	0,64
								18				
								18				
								18				
								18				
Grupo 3	19	19	18	18	17	17	16		17,7	18	Foram eficazes e assertivos no trabalho final: trabalho ao longo das aulas não foi muito, mas o suficiente para resultar no final. Boa coordenação entre os elementos do grupo, posições bem definidas e elementos de ligação definidos estrategicamente.	0,72
								18				
								18				
								18				
								18				
Grupo 4	13	13	15	15	16	13	14		14,1	14	Pouco trabalho ao longo das aulas: não aproveitaram todas as aulas da melhor forma, para falarem em grupo. Janete destacou-se na medida em que esteve a ajudar os restantes grupos (quem lhe solicitou ajuda, claro). Alguns desentendimentos enquanto grupo (visto que era um trabalho em grupo, deveria haver dinâmica de grupo). Foram inteligentes na escolha dos elementos a utilizar, enquadrando-os com o grau de proficiência de cada um.	0,56
								14				
								14				
								19				
								14				
Grupo 5	15	16	17	17	14	15	15		15,6	16	O improviso não foi uma boa estratégia : indefinição das posições dos elementos do grupo. Algum tempo sem elementos de ligação (para acompanhar ritmo da música podiam ter utilizado elementos individuais de ligação). A	0,64
								15				
								15				
								15				

ANEXO 15. FICHA DE OBSERVAÇÃO – ASSISTÊNCIA ÀS AULAS

LOCAL: Escola Secundária Francisco Franco	PROFESSORA ESTAGIÁRIA (OBSERVADA): Sílvia Gouveia	PROFESSORA ESTAGIÁRIA (OBSERVADORA): Joana Teixeira
ANO / TURMA: 12º12	Nº DE ALUNOS: 17	OBSERVAÇÃO 1 – 16 jan 2017

FUNÇÃO DE ENSINO					OBSERVAÇÕES
APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO					
Inicia a horas	Sim		Não	×	Atraso dos alunos (10')
Claro	Sim	×	Não		
Curto e breve	Sim	×	Não		
Entusiasta	Sim	×	Não		
Observação de todos os alunos	Sim	×	Não		
Descrição da tarefa	Sim	×	Não		
Condições de realização	Sim	×	Não		
ORGANIZAÇÃO / GESTÃO DA AULA					
Controla a atividade	Sim	×	Não		
Maximiza o tempo de prática	Sim	×	Não		
Controla o material didático	Sim	×	Não		
Organização dos alunos	Sim	×	Não		
Tempos de espera	Sim		Não	×	Poucos tempos de espera. Grande empenhamento motor dos alunos.
Posicionamento adequado	Sim	×	Não		
FEEDBACK					
Proporciona feedback no <i>timing</i>	Sim	×	Não		
Aceitação do feedback	Sim	×	Não		
Observação ao aluno após FB	Sim	×	Não		
AFETIVIDADE					
Elogia, encoraja e reconhece	Sim	×	Não		
Trata aluno pelo nome	Sim	×	Não		
Ironiza a ação do aluno	Sim		Não	×	
Tratamento uniforme	Sim	×	Não		
Bom clima de aula	Sim	×	Não		
Aceitação do exercício	Sim	×	Não		
OBSERVAÇÃO SILENCIOSA					
Posicionamento adequado	Sim	×	Não		Poucos momentos de observação silenciosa, mas posicionamento estratégicos, nas poucas observações (mudança em relação a momentos anteriores)

ANEXO 16. PLANO DA AEC

25 alunos | 3 professores | encarregados de educação

Atividade: Canoagem e Stand Up Paddle (Centro Treino Mar – CTM) e lanche / almoço / convívio.

Data | Hora: 24 de maio 2017 | 10h – 13h

Local: Rampa de S. Lázaro e Parque de Santa Catarina

Custo: 3€ / pessoa

Principais Problemas: Horário para a realização da atividade (diversas atividades extracurriculares pelos alunos – explicações, treinos ...) daí se condicionar à hora da aula de EF e pedido de permuta de uma aula de matemática, de forma a não prejudicar os alunos e as outras disciplinas.

Eventuais Problemas (no dia da prática): Semana do Desporto Escolar (poderá estar turmas a frequentar o mesmo espaço); condições climatéricas; corrente / ondulação; equilíbrio e coordenação dos indivíduos; problemas nas viragens e travagens; distrações / falta de interesse; medo; desidratação / insolação; controlo da turma / indisciplina; lanche insuficiente.

Recursos Materiais, Humanos e Temporais:

- Monitor e materiais CTM
- 1 grupo de aluno – 25 alunos
- Canoagem e SUP – 1h30min (10h15 – 11h45)
- Convívio – 45min (12h15 – 13h)

Objetivos mediatos:

- Desenvolver o convívio e aumentar as relações interpessoais (aluno / aluno, aluno / professores, aluno / encarregados de educação, professores / encarregados de educação);
- Fomentar o gosto pela atividade física (atividade sugerida por alguns alunos, de fácil prática e acesso fora do contexto escolar) – visão de atividade física para o futuro;
- Estimular o sentido de responsabilidade e interajuda (cada aluno deverá levar algo para o convívio).

Objetivos imediatos:

- Capacidade de ler e compreender as variáveis com que se depara, para que seja possível montar estratégias de maneira a controlá-las e sobrepô-las;
- Desenvolver a técnica de progressão, capacidade de equilíbrio na embarcação, coordenação, domínio do material, cooperação entre os elementos, dinâmica de grupos e tomada de decisão;

- Potenciar condições de segurança.

Questões de segurança: Utilização de coletes salva-vidas; cuidados na escolha do local de entrada no caiaque; preocupação com a entrada no caiaque; cuidados com o manuseamento das pagaias.

Riscos – equipamento: risco de o colete salva-vidas sufocar ou tapar a visão; risco do caiaque se virar; risco da pagaia ferir algum aluno.

Regras a cumprir: Todos os participantes devem utilizar coletes de salva-vidas; ninguém entra na água sem autorização; evitar perturbar os colegas que se encontram a realizar as atividades (desequilíbrios / brincadeiras); não arrastar os caiaques ou apoiar as pagaias no chão; todos os participantes deverão utilizar fato de banho / calções / t-shirt; é muito importante que todos os participantes se mantenham hidratados e protegidos do sol (protetor solar / boné).

Autorização / Convite aos Encarregados de Educação

No âmbito do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pela Universidade da Madeira, a docente estagiária do 12º ano, turma 13, vem por este meio lhe solicitar autorização para que o seu educando participe numa atividade de Canoagem e Stand Up Paddle (Rampa de S. Lázaro), seguida de um pequeno convívio (Parque de Santa Catarina) no dia 24 de maio 2017, das 10h às 13h. Aproveito, igualmente, para lhe convidar a participar nas referidas atividades, juntamente com o seu educando.

Mais se informa que o percurso até ao local da atividade é da responsabilidade dos alunos. Devem levar como material fato de banho, calções e t-shirt, chinelos e boné, para além duma muda de roupa para o final da atividade. Esta atividade terá um custo de 3€ / pessoa.

AUTORIZO O MEU EDUCANDO A PARTICIPAR:

Sim **Não**

PARTICIPAREI NA ATIVIDADE:

Sim **Não**

Encarregado de Educação

Joana Teixeira

(professora estagiária)

Data

Miguel Nóbrega

(orientador cooperante)

17 de maio 2017

Nota: Visto que os alunos mostraram grande interesse inicial pela atividade, haverá uma pré-atividade inserida na Semana Náutica organizada pela ESFF (16 maio, 11h45 – 13h15), não estando totalmente integrada na extensão curricular.

ANEXO 17. PEDIDO DE COLABORAÇÃO PARA O CTM

PEDIDO DE DINAMIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Boa tarde, Sr. J(...)

Tal como falamos há pouco ao telemóvel, sou professora estagiária de Educação Física, e gostaria de realizar uma atividade de Canoagem e SUP com a minha turma de 12º, da Escola Secundária de Francisco Franco, no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino em Educação Física.

Assim sendo, proponha a data 10 de maio para a realização da atividade. Entre as 10h15 e as 12h15. A turma é constituída por 25 alunos e, eventualmente, poderá ir outros docentes.

Gostaria de saber a vossa disponibilidade e os custos da atividade.

Fico a aguardar resposta.

Com os melhores cumprimentos

Joana Teixeira (tlm)

RESPOSTA AO PEDIDO DE DINAMIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Boa tarde Joana,

Relativamente à atividade solicitada temos disponível o dia 24 de maio, tal como indicado para estas atividades o valor por aluno é de 3 euros. Agradeço a confirmação da mesma e número de previsto.

Com os melhores cumprimentos,

J(...)/CTM

ANEXO 18. CONVITE AO CONSELHO DE TURMA

Boa tarde, caro professor

No âmbito do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, e com o conhecimento do professor orientador cooperante, Miguel Ângelo, venho por este meio lhe informar e convidar todo o conselho de turma a participar numa atividade extracurricular, com a turma 12º13, no dia 24 de maio 2017 (das 10h15 às 12h15) na Rampa de São Lázaro (Canoagem e SUP) seguido de um convívio / piquenique no Parque de Santa Catarina (das 12h30 às 13h15).

Os Encarregados de Educação serão, igualmente, informados e convidados a participar nesta atividade.

Agradeço a divulgação desta atividade por todo o conselho de turma e teremos todo o gosto de contar com a vossa presença na mesma.

Com os melhores cumprimentos,

Joana Teixeira

Agenda Semanal

Maio 2017



24

Atividades extracurriculares:
Canoagem e SUP;
convívio/piquenique no Parque de Santa Catarina
Locais: Rampa de S. Lázaro e Parque de Santa Catarina, respetivamente
Hora: 10:00 – 13:15 horas
Organização: Joana Teixeira [professora de Educação Física, no âmbito do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física]

O Papel da Organizações Internacionais
Oradora: Ana Margarida Neto [diretora de serviços da Direção Regional dos Assuntos Europeus e Cooperação Externa]
Local: Sala de Sessões
Hora: 15:15 horas
Organização: Docentes da disciplina de Área de Integração dos cursos profissionais

Inauguração da exposição interdisciplinar de Desenho e História da Culturas e das Artes – objetos partilhados: a interculturalidade no contexto dos descobrimentos portugueses
Local: Átrio do 3.º piso
Hora: 11:30 horas
Dinamização: Alunos de 10.º ano, das turmas 13,14 e 15, sob coordenação pedagógica dos professores Lília Diogo (Desenho A) e Filipe Meleiro (História da Cultura e das Artes) com a colaboração de Rui Amador (História A)
Organização: Grupo de História

Exposição de Artes Visuais 10.º e 11.º ano – 2016/17
Inauguração da exposição de trabalhos dos alunos do 10.º e 11.º, anos, (turmas 11, 12, 13 e 14) do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, desenvolvidos na disciplina de Desenho A, sob a orientação pedagógica e científica dos docentes Lília Pimenta Diogo, Ana Paula Sousa, Nélio Cabral e Rui Venâncio Pestana.
Local: Galeria de Arte Francisco Franco
Hora: 17:00 horas
Dinamização: professores Lília Pimenta Diogo, Nélio Cabral, Ana Paula Sousa e Rui Venâncio Pestana
Organização: Grupo Disciplinar de Desenho e Oficina de Artes

Visita dos alunos de 9.º ano da Escola do Caniço à Francisco Franco

Hora: 10:00 horas

Organização: Conselho Executivo e Serviço de Psicologia e Orientação

Concerto de Homenagem às Professoras Susana Silva e Ana Lomelino

Local: Sala de Sessões

Hora: 15:15 horas

Organização: Núcleo de Música da ESFF

25

26

Conferência/desfile/debate: Viagem ao mundo da moda de Hugo Santos e Tiago Gonçalves (estilistas e criadores de moda)

Local: Sala de sessões

Hora: 15:15 horas

Destinatários: alunos do 11.º ano de Artes Visuais

Dinamização: professor Nélio Cabral

Organização: Grupo Disciplinar de Desenho e Oficina de Artes

Churrasquinho do CDEFF

Local: Campo anexo à sede do Clube Desportivo

Hora: 13:00 horas

Organização: CDEFF

27

ANEXO 20. PROJETO DA ACPI

ENQUADRAMENTO

A ação Pedagógica Individual assenta numa das atividades a desenvolver durante a prática pedagógica de estágio que permite aos estagiários agirem como catalizadores da formação do Grupo de Professores de Educação Física (EF). Note-se que este momento de partilha e troca de conhecimentos deve de ser utilizado e visto como um contributo para a formação contínua dos Docentes bem como dos Professores Estagiários e nunca como uma confrontação ou hierarquização entre os saberes destes dois grupos distintos.

Neste sentido, a nossa temática surgiu dos potenciais interesses encontrados no Grupo, resultado de uma auscultação efetuada previamente junto do Orientador Pedagógico e do Coordenador do Grupo dos Professores de Educação Física.

DATAS PROPOSTAS

Início de Dezembro (15/12/2016)

TEMA GERAL DO NÚCLEO DA FRANCISCO FRANCO

Problematização das Modalidades: Contributos Práticos do Frisbee, do Kin-ball e das ARE na Escola

TEMA DA AÇÃO INDIVIDUAL DA JOANA TEIXEIRA

Contributos Práticos para Operacionalização do Frisbee na Escola

- O porquê da abordagem do Frisbee na Escola?
- Breve história da modalidade;
- As diferentes modalidades que o Frisbee inclui (Frisbee Golf, Freestyle, Guts e Ultimate Frisbee) – regras, campo, materiais;
- Destrezas essenciais / alguns domínios técnicos (lançamentos, pegadas, receções, deslocamentos);
- Proposta de abordagem (aproveitamento dos espaços e materiais / partes das aulas);
- Como fazer um frisbee (materiais reciclados);
- Selecionar 4 ou 5 exercícios para dinamizar com o grupo (focando no Ultimate). Exercícios de técnica (analíticos), leitura do jogo – adversários e colegas – jogo.

TEMA DA AÇÃO INDIVIDUAL DA SÍLVIA GOUVEIA

Contributos Práticos para Operacionalização do Kin-ball na Escola

- O porquê da abordagem do Kin-ball na Escola?
- Breve história da modalidade;

- Caracterização da modalidade (principais regras e materiais);
- Principais gestos técnicos (posição base, deslocamentos, lançamentos/serviço, passe), e táticos (bloqueio, recuperação em pares, em quadrado e em Y, fintas corporais, troca de lançamento e falso lançador)
- Destrezas essenciais;
- Propostas de abordagem e ferramentas didáticas (aproveitamento dos espaços e materiais / em que partes da aula);
- Selecionar 4 ou 5 exercícios para dinamizar com o grupo.

A PROBLEMÁTICA DA DANÇA NA ESCOLA

Seria abordada no último ponto pelas duas

- Explicar que o foco da nossa ação era as modalidades acima apresentadas, contudo como foram apresentadas algumas fragilidades ao nível da lecionação da dança relembramos algumas estratégias;
- Indicação de sites e disponibilização de CD's e links com vídeos;
- Auscultação do grupo para saber se estão interessados que se convide alguém da área para promover uma ação de formação.

Ação Científico Pedagógica
Contributos Práticos

15 Local
Dezembro L34
13h30 - 15h00

Kin-ball

Frisbee

Atividades ritmicas
expressivas



 Escola Secundária
Francisco Franco

Núcleo de Estágio
Educação Física
da Universidade da Madeira

CONTRIBUTOS PRÁTICOS PARA OPERACIONALIZAÇÃO DO FRISBEE NA ESCOLA



Joana Teixeira ^{1,2}; Joana Simões ¹; Miguel Nóbrega²; Sílvia Gouveia ^{1,2}; Helder Lopes ¹
¹ Universidade da Madeira, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Educação Física e Desporto
² Escola Secundária de Francisco Franco

INTRODUÇÃO

No âmbito do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, os professores do grupo disciplinar de Educação Física (EF) da Escola Secundária de Francisco Franco propuseram-nos a abordagem do Frisbee como matéria alternativa nas aulas de EF.

Apoiando a premissa de que a disciplina de EF é um meio privilegiado para aplicação de novas metodologias e instrumentos que visem o desenvolvimento holístico e integral do aluno, o Frisbee poderá enriquecer o currículo da disciplina, oferecendo um conjunto de experiências aos alunos, apelando a aspetos motivacionais (Silva, 2009).

FRISBEE

DESPORTO INDIVIDUAL

Frisbee Golf
Freestyle Frisbee

OBJETO DE JOGO:
Frisbee ou Disco



DESPORTO COLETIVO

Guts Frisbee
Ultimate Frisbee

ULTIMATE FRISBEE

Modalidade que engloba características idênticas ao futebol, basquetebol, futebol americano, voleibol de praia e rãguebi (Silva, 2009). Normalmente praticada em relva ou areia, contudo, tendo em conta as condições de escolas atuais, poderá ser praticado em qualquer tipo de piso, desde de que não coloque a integridade física do aluno em causa.

Objetivo do jogo: colocar o frisbee em um colega que esteja dentro da zona de marcação (endzone) contrária à sua e evitar que os adversários o façam na sua endzone (APUDD, 2013).



ULTIMATE FRISBEE NA ESCOLA

- Não necessita de instalações convencionais nem dispendiosas;
- Transferências positivas com outras matérias nucleares propostas pelo PNEF;
- Atividade motivante, pelo seu cariz lúdico e recreativo;
- Materiais atrativos e facilidade em manejá-los;
- Baixo grau de dificuldade (técnicas básicas e de fácil aprendizagem);
- Possibilita a transdisciplinaridade (por exemplo, criação de materiais);
- Perspetiva de atividade física mais aberta e inclusiva;
- Utilização do diálogo como meio de solução para os diferentes conflitos (fair-play);
- Estimula a criatividade, dinâmica de grupo, sentido crítico, conhecimento do eu e delineamento de estratégias.

(Silva, 2009)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Portuguesa de Ultimate e Desportos de Disco – APUDD. (2013). Regras do Ultimate 2013 da WFDF. Ultimate Rules Committee – WFDF: EUA. Acedido a 03 dezembro de 2016, em <http://www.portugal-ultimate.org/modalidades/ultimate/>
 Silva, D. (2009). O Ultimate Frisbee enquanto Matéria de Ensino nas Aulas de Educação Física – Estudo Exploratório da Recetividade dos Professores e Alunos ao Nível do Ensino Secundário. Monografia apresentada à Universidade da Madeira, Funchal, Madeira.

PROPOSTAS DE OPERACIONALIZAÇÃO

PROPOSTA 1 – ENTRADA EM AÇÃO (10')

EXERCÍCIO 1. Jogo de Precisão

Descrição: Lançar o frisbee de modo a entrar dentro de um cesto.

Objetivo: Exploração do material, precisão.



EXERCÍCIO 2. Jogo das apanhadas

Descrição: 1 ou 2 alunos com o frisbee tenta apanhar os restantes alunos, lançando o objeto, de forma a que este toque o colega, abaixo da cintura. Quem é tocado pelo frisbee fica a apanhar.

Objetivo: Exploração do material (diferentes tipos de pegas e lançamentos)

PROPOSTA 2 – AULAS MONOTEMÁTICAS (45' ou 90')

EXERCÍCIO 1. Entrada em Ação

EXERCÍCIO 2. Realização de passes

Descrição: Frente a frente, lançar e receber o frisbee de forma a que o objeto não caia ao chão.

Objetivo: Exploração do material (lançamento e receção do disco).



EXERCÍCIO 3. Jogo dos 10 passes

Descrição: Realizar 10 passes entre os elementos da equipa (4 elementos)

Objetivo: Exploração do material (lançamento e receção do disco), princípios gerais dos desportos coletivos.



EXERCÍCIO 4. Mini Ultimate Frisbee

Descrição: Duas equipas com 4 elementos cada, realizam passes e evitam a realização dos mesmos pela equipa adversária, colocando o frisbee num colega que esteja dentro da "endzone".

Objetivo: Princípios gerais dos desportos coletivos; iniciação ao Ultimate Frisbee.



EXERCÍCIO 5. Ultimate Frisbee

Descrição: Duas equipas com 5 elementos cada, realizam passes e evitam a realização dos mesmos pela equipa adversária, colocando o frisbee num colega que esteja dentro da "endzone".

Objetivo: Princípios gerais dos desportos coletivos.

PROPOSTA 3 – AULAS POLITEMÁTICAS

Lecionar o Ultimate Frisbee juntamente com outras matérias de ensino, na mesma aula (com características semelhantes ou diferentes).

ESTAÇÕES	PERCURSO	BLOCOS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas aqui apresentadas tratam-se de ferramentas didático-pedagógicas para abordar o Frisbee, como matéria alternativa, nas aulas de EF. Cabe a cada professor adaptá-las ao seu contexto escolar e a cada aluno em particular.

O Frisbee (como as demais matérias de ensino) não deve ser encarado como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para solicitar comportamentos aos alunos, em função das suas necessidades, para que possam desenvolver, de forma personalizada, as suas capacidades e potencialidades.

ANEXO 23. PLANO DE AULA – ACPI

LOCAL: PAVILHÃO ESFF		PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: Joana Teixeira Sílvia Gouveia		
ANO / TURMA: Profs EF	Nº DE ALUNOS: 10 – 20	DATA: 15/12/2016	HORA: 13h30 – 15h	DURAÇÃO: 90 min

OBJETIVOS MEDIATOS	Desenvolver a leitura do adversário e de jogo, trabalho em equipa, dinâmica de grupo e distribuição de tarefas.
---------------------------	---

RECURSOS MATERIAIS	10 frisbees, 16 cones, 15 coletes (3 cores), 1 bola de kin-ball, 3 fitball
---------------------------	--

PLANO A

T'	EXERCÍCIO	DESCRIÇÃO EXERCÍCIO E OBJETIVOS Imediatos	ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA	ESQUEMA	
5'			Tolerância		
TP – 5'					
25'	Teórica	10' Frisbee (Joana) 10' Kin-ball (Sílvia) 5' ARE (Joana).	Sala L34		
TP – 30'					
10'	Transição	Até ao pavilhão. Enchimento da bola de kin-ball.			
TP – 40'					
50'	Prática	8' Dinâmica de grupo - Estafetas (Sílvia)	20' cada estação – 2' transição		
		Frisbee (Joana) 5' Passes (analítico) 5' Ratinho 10' Ultimate Frisbee	Kin-ball (Sílvia) 10' Ratinho 10' Kin-ball	2 a 2 2x1 5x5	5+4x1 3x3x3 (1 a arbitrar)
TP – 90'					

PLANO B

T'	EXERCÍCIO	DESCRIÇÃO EXERCÍCIO E OBJETIVOS Imediatos	ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA	ESQUEMA
5'			Tolerância	
TP – 5'				
25'	Teórica	10' Frisbee (Joana) 10' Kin-ball (Sílvia) 5' ARE (Joana).	Sala L34	
TP – 30'				
10'	Transição	Até ao pavilhão. Enchimento da bola de kin-ball.		
TP – 40'				
50'	Prática	8' Dinâmica de grupo (Sílvia)		
		Frisbee (Joana) 5' Passes (analítico) 5' Ratinho 10' Ultimate Frisbee	¹ / 2 pavilhão (passes e ratinho) Campo inteiro (UF) 2 a 2 2x1 5x5	
		Kin-ball (Sílvia) 10' Ratinho 10' Kin-ball		
TP – 90'				

ANEXO 24. REFLEXÃO ACPI

Pontos a melhorar . . .

Teórica

- Poderia ser mais dinâmica. Dificuldade em comunicar para o grupo (pouca à vontade). O facto de querer cumprir com o tempo para a apresentação, também fez com que a comunicação oral não se tornasse muito dinâmica, não havendo grande interação com o grupo.
- Houve informações que não foram transmitidas, por exemplo (1) quando digo que poderá haver *transfer* de aspetos do frisbee para os desportos coletivos, não foquei o facto de isto se referir a comportamentos idênticos, nas matérias (como a ocupação do espaço, progressão no terreno, marcação / desmarcação), não de aspetos técnicos – a manipulação do frisbee poderá não resolver problemas de remate no andebol, por exemplo; (2) não transmiti também os aspetos ligados à segurança nos exercícios.

Prática

- Exercício analítico – segurança dos “alunos”. O objetivo era que lançassem o disco para o colega, sem que este caísse ao chão, movimentando-se pelo espaço disponível. Contudo, isto poderia levar a que algum aluno fosse atingido pelo disco (poderia ter limitado o espaço para que houvesse zonas de segurança).
- Na transição para o “jogo do ratinho” deveria juntar o grupo todo e explicar, para todos, o exercício (optei por dizer em pequenos grupos e eles organizavam-se – sendo que uns começaram primeiro que outros a realizar a tarefa – o que não é totalmente mau, contudo para que experienciassem durante mais tempo a interceção do adversário, provavelmente deveriam ter começado todos em simultâneo).
- Devia ter focado, novamente, as principais regras do Ultimate Frisbee. Pois ao longo da atividade, cometeram alguns erros / faltas, que uma revisão das mesmas evitaria parar o jogo (como foi o caso) para lhes transmitir uma ou outra dúvida.

Pontos fortes

- A transmissão de vídeos ao longo da apresentação foi um aspeto que ajudou a perceção de alguns fatores, como dos aspetos técnicos ou mesmo de início do jogo.
- Motivação dos professores / colegas. Um dos colegas pediu o material de frisbee para dinamizar na aula que ia lecionar logo de seguida. O que demonstra motivação não só para praticar, mas também para lecionar a própria matéria.
- Transmissão de feedbacks, quando necessário, aos colegas / professores, aquando da realização das tarefas, de forma a experimentarem diversas dinâmicas e diversos lançamentos e receções.

- Notou-se grande empenhamento motor por parte dos intervenientes, devido à motivação que os mesmos mostraram pelas atividades (alguns dos professores desconheciam as matérias e as consideraram atrativas para as aulas de EF)
- Feedbacks positivos por parte dos colegas / professores da escola, notando-se uma certa satisfação por parte dos mesmos na realização das tarefas, o que fez com que nos sentíssemos também satisfeitos pela atividade e pelo impacto que esta teve nos colegas da escola FF.
- Visto que a componente prática foi realizada no pavilhão, tinha alguns alunos a assistir à atividade, notando-se um certo entusiasmo e curiosidade para a realização das mesmas (inclusive houve comentários de uma aluna a perguntar ao professor de EF se iriam jogar frisbee na aula). Este episódio comprova o facto de que o frisbee é uma atividade atrativa para os alunos e que poderá ser uma matéria de ensino a ser lecionada nas aulas de EF, motivante para os alunos.

Perceção dos orientadores científicos: os conteúdos a apresentar poderiam ser outros, que despertasse maior interesse ao público-alvo.



VALIDAÇÃO DE ATIVIDADES FORMATIVAS

- Curso / Módulos de Formação -

Val AcM

(Formulário de requerimento)

1. IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE QUE SOLICITA A VALIDAÇÃO DA ATIVIDADE FORMATIVA

Designação Universidade da Madeira

Endereço Universidade da Madeira, Campus da Penteada, Localidade Funchal
Departamento de Educação Física e Desporto - FCS

Telefone 291705319 Fax _____ E-mail hlopes@uma.pt

Responsável da Formação a contactar Helder Manuel Arsénio Lopes

2. DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE FORMATIVA

Avaliação Inicial: Propostas de Intervenção em Educação Física

3. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE FORMATIVA

3.1. Área de formação (1) A B C D

3.2. Duração

N.º total de horas

	1	6
--	---	---

3.3. Data de realização (e respetivo horário)

11-03-2017 das 09h00 às 13h00 | das 14h00 às 18h00;

25-03-2017 das 09h00 às 13h00 | das 14h00 às 18h00.

3.4. Destinatários

Docentes dos grupos de recrutamento 160, 260 e 620.

(1) Áreas de formação:

- A. Ciências da especialidade que se relacionem com as áreas curriculares vigentes nos vários níveis de educação e ensino;
- B. Ciências da Educação;
- C. Prática / Investigação pedagógico-didática nos diferentes domínios da docência;
- D. Formação pessoal, deontológica e sócio-cultural.

4. JUSTIFICAÇÃO DA AÇÃO (Fazer referência às razões que levam a Entidade a solicitar a validação da atividade formativa. Entre as múltiplas razões, podem ser consideradas: a natureza ou particularidades do Projeto Educativo de Escola; a introdução de medidas inovadoras na organização Escola; problemas/situações existentes em contexto escolar/comunidade envolvente; o número de docentes com determinadas necessidades de formação a nível organizacional e/ou a nível funcional; etc.)

No âmbito do Estágio Pedagógico do 2º ano de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade da Madeira, serão realizadas Ações Coletivas Científico-Pedagógicas, abordando as temáticas relacionadas com a Educação e mais especificamente com a disciplina de Educação Física. Serão realizadas pelos alunos estagiários com a supervisão dos orientadores científicos e cooperantes e contarão com a colaboração de preletores convidados.

A ação está englobada na formação contínua de educadores e de professores, no sentido de fornecer uma abordagem prática, facilmente aplicável através de situações de aprendizagem que procuram acompanhar as tendências evolutivas culturais de uma sociedade em constante mudança.

A ação está organizada em cinco módulos com componentes teóricas e práticas

5. Objetivos (Gerais / Específicos)

Objetivo Geral:

- *Compreender e propôr metodologias para a intervenção do profissional de Educação Física, na avaliação inicial dos alunos.*

Objetivos Específicos:

Módulo 1- "A Avaliação Inicial em Educação Física - Situações Jogadas como Ferramenta Pedagógica"

- *Realçar a importância que o Programa Nacional de Educação Física atribui à Avaliação Inicial;*
- *Caracterizar e compreender os tipos de Avaliação Inicial realizados nos cinco núcleos de estágio;*
- *Compreender as implicações que as diferentes metodologias organizativas e institucionais têm nos diferentes modelos de Avaliação Inicial;*
- *Apresentar as Situações Jogadas como ferramentas pedagógicas de atuação na avaliação inicial.*

Módulo 2 – “Avaliação das Habilidades nos Jogos Desportivos Coletivos de Invasão: Uma abordagem tática ao jogo”

- *Justificar a importância da avaliação dos jogos desportivos coletivos invasão (JDC-I) ocorrer em situação de jogo;*
- *Apresentar instrumentos de avaliação da performance em jogo, congruentes com a abordagem tática ao jogo;*
- *Descrever estratégias de avaliação da performance em contexto de aula;*
- *Identificar as potencialidades de uma abordagem tática no ensino dos JDC-I a partir de uma avaliação em contexto de jogo.*

Módulo 3 - "A utilização de meios audiovisuais na avaliação inicial nas aulas de Educação Física "

- *Apresentar e caracterizar os meios audiovisuais;*
- *Identificar as suas potencialidades nas aulas de Educação Física, nomeadamente na avaliação diagnóstica;*
- *Mencionar casos concretos de intervenção em contexto escolar;*
- *Fornecer algumas ferramentas de ação.*

Módulo 4 - “Avaliação Inicial da Condição Física em Contexto Escolar”

- *Apresentar metodologias de abordagem da condição física em contexto escolar, equacionando as suas potencialidades e enquadramento com a Educação Física;*
- *Proporcionar aos Professores vivências, conteúdos e ferramentas para a avaliação inicial e abordagem da*

condição física na escola;

- Fornecer instrumentos e ferramentas didático-pedagógicas que auxiliem os Professores na avaliação inicial da condição física em contexto escolar.

Módulo 5 - "Avaliação postural: uma proposta de avaliação e intervenção nas assimetrias e limitações dos alunos"

- Refletir, Contextualizar e Caracterizar a abrangência da postura e dos problemas posturais mais frequentes nas escolas e nos alunos;

- Analisar o contributo da educação física e contribuir para clarificar o papel do professor na deteção e prevenção de problemas posturais;

- Identificar um conjunto de instrumentos que possam ser utilizados como avaliação postural inicial;

- Fornecer ferramentas didático-pedagógicas de intervenção para um correto ajustamento postural.

6. CONTEÚDOS

Módulo 1

- A Avaliação Inicial e a sua relevância;

- Os processos metodológicos utilizados na Avaliação Inicial de algumas escolas da R.A.M.;

- As implicações que a distribuição das instalações e lógicas organizativas têm nos diferentes modelos de avaliação inicial;

- As Situações Jogadas como ferramentas pedagógicas de atuação na avaliação inicial do aluno. Exemplos da utilização das Atividades Desportivas Coletivas, Individuais, de Combate, de Grande Espaços, de Confrontação Direta e de Adaptação ao Meio.

Módulo 2

- A avaliação dos alunos em situações de jogo, uma alternativa aos testes de habilidades isoladas (Rosado & Mesquita, 2011, pp.154) + (Mitchel et al. 2013, pp43-48);

- Instrumentos de avaliação das habilidades para a resolução de problemas táticos em jogo: (1) "Game Performance Assessment Instrument" (GPAI)– Instrumento de avaliação da performance em jogo ; (2) "Team Sport Assessment Procedure" (TSAP) – Procedimento de avaliação do desporto de equipa.

- Estratégias de avaliação da performance em jogo; (Mitchel et al. 2013);

- Avaliação e ensino dos jogos desportivos coletivos de invasão: um estudo de intervenção.

Módulo 3

- A Avaliação Inicial e a sua relevância à luz do Programa Nacional de Educação Física (PNEF, 2001);
- A utilização dos meios audiovisuais como ferramentas pedagógicas de atuação na avaliação inicial dos alunos;
- As implicações que os recursos materiais e humanos têm na aplicação dos meios audiovisuais nas aulas de EF;

Módulo 4

- Importância da Avaliação Inicial da Condição Física de acordo com o Programa Nacional de Educação Física;
- Instrumentos de avaliação da aptidão física e quais as vantagens e desvantagens dos mesmos;
- Estratégias de Avaliação da Condição física através do cross training.

Módulo 5

- Caracterização do conceito abrangente de postura e problemas posturais associados mais frequentes nas escolas e nos alunos;
- Percepção do contributo da educação física na deteção e prevenção de problemas posturais;
- Instrumentos de avaliação postural;
- Ferramentas didático-pedagógicas.

7. METODOLOGIAS DE REALIZAÇÃO DA AÇÃO (Especificar a componente prática da atividade formativa)

A metodologia da formação será teórico-prática com estrutura de seminário, mesa redonda e sessões práticas. Será colocada grande ênfase no debate e interação com os formandos, bem como na operacionalização prática.

8. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS FORMANDOS

Relatório individual com uma reflexão crítica sobre o contributo e implicações operacionais dos conteúdos abordados para a prática profissional do docente.

O relatório deverá ser entregue até 6 dias após a realização do último módulo e posteriormente será analisado pelos Orientadores da UMa e pelo Diretor do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, sendo a avaliação final expressa numa escala quantitativa de 0 a 10 valores e qualitativa (de acordo com a carta circular CCPFC - 3/2007 de setembro de 2007).

9. MODELO DE AVALIAÇÃO DA AÇÃO (A efetuar pelo formador e pelos formandos)

Para a avaliação da ação será aplicado um questionário de natureza fechada para aferir o grau de satisfação relativamente à divulgação, organização e desenvolvimento da ação. Nesta avaliação constará também uma apreciação sobre o sucesso obtido na avaliação dos formandos.

10. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A. & Vitória, M. (2008). A Rotura – A sistemática das actividades desportivas. Torres Novas: VML.

Bento, J. O. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Clark, M. & Lucett, S. (2011). NASM's Essentials of Corrective Exercise Training. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins

Garganta, J., Prudente, J. & Anguera, T. (2013). Avaliação da performance em jogos desportivos coletivos. Centro de Investigação Formação Inovação e Intervenção em Desporto CIFI2D.

Glassman, G. (2004). What is CrossFit?. The Crossfit Journal Articles. Obtido em: <http://journal.crossfit.com/2004/03/what-is-crossfit-mar-04-cfj.tp>

Gonçalves, F., Fernandes, M., Gaspar, A., Oliveira, R. & Gouveia, E. (2014). A Avaliação Diagnóstica em Educação Física: uma Abordagem Prática a Nível Macro, in Lopes, H., Gouveia, E., Alves, R. & Correia, A., Problemáticas da Educação Física I (pp. 89-95). Obtido em: <https://www.researchgate.net/publication/270579404>

Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. & Carvalho, L. (2001). Programa Educação Física (Reajustamento). Ensino Básico – 3º Ciclo. Obtido em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_ef_programa_3c.pdf

Kapandji, A. (2000). Fisiologia articular III – Coluna. (5ª ed.). Panamericana. São Paulo.

Kendall, F., McCreary, E., Provance, P., Rodgers, M. & Romani, W. (2005). Muscles: Testing and Function, with Posture and Pain. Baltimore: Lippincott William & Wilkins.

Meredith, M. & Welk, G. (2010). Fitnessgram/activitygram Test Administration Manual. (4th Edition). Texas: Human Kinetics.

Mitchel S., Oslin L., & Griffin L. (2013). Teaching Sport Concepts and Skills. A Tactical Games Approach for Ages 7 to 18. Champaign, IL: Human Kinetics

O Guia de Treinamento CrossFit. (2016). CrossFit Inc. Obtido em: http://library.crossfit.com/free/pdf/CFJ_L1_TG_Portuguese.pdf

Pascoal, I., Quintal, D. & Carvalho, J. (2014). A Avaliação Diagnóstica em Educação Física, in Lopes, H., Gouveia, E., Alves, R. & Correia, A., Problemáticas da Educação Física I (pp. 96-100). Obtido em: <https://www.researchgate.net/publication/270579404>

Rosado, A., Mesquita, I. (2011). Pedagogia do Desporto. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Tavares, F. (2015). Jogos Desportivos Coletivos: ensinar a jogar. (2ª ed.). Porto: Editora FADEUP.

11. SÍNTESE DO CURRÍCULO DO(S) FORMADOR(ES)

(Identificar o Formador e destacar a formação que o habilita a assegurar a presente atividade formativa)

12. TERMO DE RESPONSABILIDADE

O Presidente (Diretor) / Delegado Escolar / Representante legal da entidade que solicita a validação declara assumir inteira responsabilidade pela veracidade das informações contidas no presente formulário.

NOME

FUNÇÃO

DATA - - / - -


-

/

ASSINATURA _____

Ação Científico-Pedagógica 2017

Validado pela SRE (16h) para os agrupamentos de recrutamento 160, 260 e 620
mínimo de 2/3 de presenças, com avaliação através de relatório



AVALIAÇÃO INICIAL Propostas de Intervenção em Educação Física

PROGRAMA DAS SESSÕES

11
Março
9h00 - 18h30

Módulo 1: "A Avaliação Inicial em Educação Física - Situações Jogadas como Ferramenta Pedagógica"


Módulo 2: "A Utilização de Meios Audiovisuais na Avaliação Inicial nas Aulas de Educação Física"

Módulo 3: "A Avaliação Inicial da Aptidão Física" (componente prática necessário equipamento)

25
Março
9h00 - 18h30

Módulo 4: "A Avaliação Postural: Uma Proposta de Avaliação e Intervenção nas Assimetrias e Limitações dos Alunos"

Módulo 5: "Avaliação das Habilidades nos Jogos Desportivos Coletivos de Invasão: Uma Abordagem Tática ao Jogo"

PRELETORES CONVIDADOS	INSCRIÇÕES	LOCAL
<ul style="list-style-type: none">-Doutora Jesus Sousa-Doutor João Prudente-Doutor António Antunes-Doutor Duarte Sousa-Mestre Ricardo Aguiar-Mestre Sandra Reynolds-Mestre Honorato Sousa-Mestre Luis Esteves-Mestre Carlota Correia-Dr. Mário Pereira-Dr. Igor Aguiar	<p>Custo Inclui certificado - 5€</p> <p>Alunos da UMA Certificado - 5€ Sem certificado - Gratuito</p> <p>ATÉ 9 DE MARÇO https://goo.gl/btYeZa</p>	<p>Campus da Penteada, Universidade da Madeira</p> <p>-Sala do Senado</p> <p> acaocientificopedagogica2017@gmail.com</p> <p> Ação Científico-Pedagógica 2017</p>

Organização: Núcleos de Estágio do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

PROGRAMA: Ação Científico-Pedagógica 2017
“A Avaliação Inicial: Propostas de Intervenção em Educação Física”

11 de março de 2017 (Sábado) - 1ª Sessão

09h00	Cerimónia de Abertura
09h20	<i>Conferência de Abertura - “A Inadequação da Escola”</i> (Doutora Jesus Sousa)
Moderador: Doutor Helder Lopes	
Módulo I - “A Avaliação Inicial em Educação Física - Situações Jogadas como Ferramenta Pedagógica”	
Moderador: Doutora Catarina Fernando	
10h10	<i>“A Avaliação Inicial em Educação Física - Situações Jogadas como Ferramenta Pedagógica”</i> (Dr.ª Joana Teixeira e Dr.ª Sílvia Gouveia)
10h50	Debate
11h00	Intervalo
Módulo II - “A Utilização de Meios Audiovisuais na Avaliação Inicial nas Aulas de Educação Física”	
Moderador: Doutor Hélio Antunes	
11h30	<i>“A utilização de meios audiovisuais na avaliação inicial nas aulas de Educação Física”</i> (Dr.ª Andreia Aveiro e Dr. Anselmo Nóbrega)
12h10	<i>“A Edição de vídeos: um instrumento ao serviço do processo pedagógico”</i> (Mestre Carlota Correia)
12h40	Debate
13h00	Encerramento da sessão da manhã

11 de março de 2017 (Sábado) – 2ª Sessão

Módulo III - “A Avaliação Inicial da Aptidão Física”

Moderador: Doutor Elvino Gouveia

14h30	“A Avaliação Inicial da Aptidão Física em contexto escolar” (Dr.ª Luísa Mendonça)
15h00	“Aptidão Física: Um Projeto válido para escola/clube” (Doutor António Antunes)
15h30	“Cross Training – Uma abordagem em contexto escolar” (Dr. Silvino Mendes)
16h00	Debate
16h15	Intervalo
16h45	“A importância do Cross Training no desenvolvimento das capacidades condicionais dos alunos” (Dr. Igor Aguiar)
17h30	“Componente Prática – Cross Training em contexto escolar”¹ (Dr. Igor Aguiar)
18h30	Encerramento

1 Solicita-se o uso de equipamento desportivo para a componente prática.

PROGRAMA: Ação Científico-Pedagógica 2017

“A Avaliação Inicial: Propostas de Intervenção em Educação Física”

25 de março de 2017 (Sábado) – 3ª Sessão

Módulo IV – “Avaliação Postural: Uma Proposta de Avaliação e Intervenção nas Assimetrias e Limitações dos Alunos”

Moderador: Doutor Rui Trindade Ornelas

09h00	“O contributo da Educação Física na Detecção e Prevenção de Problemas Posturais nos Alunos” (Dr. Marçal Rodrigues e Dr. Rogério Azevedo)
09h50	“Anatomia e Fisiologia para o Correto Ajustamento Postural” (Dr. Mário Pereira)
10h20	Debate
10h40	Intervalo
11h15	“Avaliação Postural e Prescrição de Exercícios Corretivos” (Mestre Ricardo Aguiar)
11h45	Debate
13h00	Encerramento da Sessão da Manhã

25 de março de 2017 (Sábado) – 4ª Sessão

Módulo V- “Avaliação das Habilidades nos Jogos Desportivos Coletivos de Invasão: Uma abordagem tática ao jogo”

Moderador: Doutor João Prudente

14h30	“Uma Abordagem tática ao jogo no ensino dos Jogos Desportivos Coletivos: Um estudo de intervenção na Escola 2º e 3º Ciclo Dr. Eduardo Brazão de Castro” (Dr. Hélvio Malho) “Propostas para a avaliação das habilidades nos Jogos Desportivos Coletivos” (Dr. Bruno Freitas)
15h20	Debate
15h40	Intervalo
16h15	Mesa Redonda com: Doutor Duarte Sousa Mestre Honorato Sousa Mestre Luís Esteves Mestre Sandra Reynolds
17h45	Debate
18h30	Encerramento da Ação Científico-Pedagógica

